UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

POR UM DICIONÁRIO ELETRÔNICO DE PRAGMATEMAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: LEVANTAMENTO, DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

MARILENE BARBOSA PINHEIRO

Orientadora: Profª Drª Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

Fortaleza/CE

2015

MARILENE BARBOSA PINHEIRO

POR UM DICIONÁRIO ELETRÔNICO DE PRAGMATEMAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: LEVANTAMENTO, DESCRIÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística Aplicada.

Fortaleza/CE

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

P654p Pinheiro, Marilene Barbosa.
Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização / Marilene Barbosa Pinheiro. – 2015.
156 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Linguística Aplicada.
Orientação: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

1. Fraseologia. 2. Dicionários eletrônicos. 3. Língua portuguesa. 4. Língua estrangeira. I. Título.

CDD 413

MARILENE BARBOSA PINHEIRO

POR UM DICIONÁRIO ELETRÔNICO DE PRAGMATEMAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: levantamento, descrição e categorização

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovada em: 15 / 12 / 2015

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Eva Maria Ferreira Glenk
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Rio Grande doNorte (UERN)

Prof. Dr. Márcio Sales Santiago
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Leonel Figueiredo Alenca Araripe
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe, Luiza Pinheiro, que me trouxe ao **mundo.**

Aos meus filhos, Vanessa e Robson, a quem tive a graça de dar à **luz**.

Ao meu esposo, Dick Nap, que inunda de **luz** o meu **mundo**.

AGRADECIMENTOS

A Deus, doador supremo da vida.

Aos familiares, que sempre torcem pelo meu sucesso pessoal e profissional.

À Profª Drª Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, orientadora amiga, conselheira, incentivadora e constante inspiração no trabalho acadêmico e na vida; nesta, pela determinação com que aceita, supera e vence desafios e naquele, indicando caminhos a serem percorridos até conseguir as respostas satisfatórias no fazer científico.

Ao meu esposo, Dick Nap, fiel companheiro, por acompanhar de perto a elaboração do trabalho, contribuindo na operacionalização das novas tecnologias, além de interagir e compartilhar conhecimento prático e de mundo, em outros idiomas, o que favoreceu, muitas vezes, a tomada de decisão em relação à idiomaticidade de algumas expressões.

Aos que fazem o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, principalmente aos que participaram da minha formação ao longo desses anos.

Aos representantes do governo do Estado do Ceará e da prefeitura de Fortaleza por concederem meu afastamento das atividades laborais, contribuindo para que os esforços se concentrassem no trabalho investigativo, cujos resultados ora se apresentam.

À Cordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela ajuda financeira na etapa final deste trabalho.

A todos que, direta ou indiretamente, motivaram-me nessa façanha da pesquisa científica, em especial, na área da Fraseologia.

Competência fraseológica é a capacidade de mobilizar saberes e conhecimentos adquiridos e experenciados para conseguir identificar, compreender, reconhecer, interpretar e decifrar uma unidade fraseológica dentro de um determinado contexto; é saber processar a informação e carga cultural registrada nessas expressões, características do povo e comunidade que as criou e institucionalizou e assim poder reutilizá-las em outras situações comunicativas de acordo com os objetivos dos sujeitos agentes da interação e do contexto em que se inserem.

(ORTIZ ALVAREZ)

RESUMO

No universo dos estudos fraseológicos, investigaram-se os pragmatemas do português brasileiro. A ênfase foi dada às expressões que se constituem como atos de fala, ocorrem de modo rotineiro, cumprem funções pragmáticas específicas e estão prontas para ser usadas em determinadas situações comunicativas (IRIARTE SANROMÁN, 2001; GLENK, 2007; ALVARADO ORTEGA, 2008; BLANCO, 2010; MONTEIRO-PLANTIN, 2012). O motivo mais forte para empreender a pesquisa foi contribuir com os estudos de aprendizes de português como língua estrangeira (PLE) e a esse aliaram-se mais dois: o auxílio ao trabalho de tradutores e a carência de manual ou dicionário, impresso ou eletrônico, que contemple essas estruturas. Com o objetivo de estabelecer as bases teóricas para a elaboração de um dicionário eletrônico (WELKER, 2006; LEFFA, 2006; KRIEGER, 2007; PONTES, 2010 e 2011), foram realizados o levantamento, a categorização e a descrição dos pragmatemas presentes em obras gerais da Fraseologia brasileira e em interações comunicativas de *corpora* orais disponíveis na Internet. A ferramenta AntConc 3.4.4w (2014) foi utilizada para auxiliar na busca de candidatos a pragmatemas e os resultados obtidos foram armazenados numa base de dados criada por meio do programa Microsoft Access. A base de dados foi alimentada com 565 expressões pragmáticas, descritas em dez campos: tipologia, função social, expressividade, registro, modalidade, pragmatema, sentido, variantes/equivalentes, contexto e exemplos. Foram analisadas as quinze primeiras expressões detectadas e, para ter acesso a todas elas, foram criadas duas formas: a primeira, pela expressão propriamente dita e a outra, por um nome temático que reflete a expressividade do falante. Assim, concluiu-se pela exequibilidade de um dicionário eletrônico dos pragmatemas, utilizando-se, ao mesmo tempo, as técnicas lexicográficas onomasiológicas e semasiológicas, a fim de facilitar a busca para estudantes em contexto de aprendizagem do português brasileiro como língua estrangeira e materna, professores e tradutores.

Palavras-chave: Fraseologia da língua comum. Dicionário eletrônico de pragmatemas. Fórmulas de rotina. Português como Língua Estrangeira.

ABSTRACT

In the universe of phraseological studies, we investigated the pragmatemes of the Brazilian Portuguese. Emphasis was given to expressions that considered speech acts which occur routinely, fulfill specific pragmatic functions and are ready to be used in certain communicative situations (IRIARTE SANROMÁN, 2001; GLENK, 2007; ALVARADO ORTEGA, 2008; BLANCO, 2010; MONTEIRO-PLANTIN, 2012). The strongest reason for undertaking the research was to contribute to the studies of Portuguese as a Foreign Language. The other two other objectives of this research were to help translators in their hard work of translation and to try to compensate the lack of printed or electronic dictionaries/manuals which cover these structures. In order to establish the theoretical basis for the development of an electronic dictionary (WELKER, 2006; LEFFA, 2006; KRIEGER, 2007; PONTES, 2010 and 2011) one carried out the survey, categorization and description of pragmatemes present in general works of Brazilian phraseology and communicative interactions of oral *corpora* available on the Internet. The AntConc 3.4.4w tool (2014) was used to assist in the search for possible pragmatemes and the results were stored in a database created by Microsoft Access(c) program. The database was fed with 565 pragmatic expressions, described in ten fields: type, social function, expressiveness, record mode, pragmateme, direction, variants / equivalent, context and examples. The first nine detected expressions were analyzed and in order to have access to all of them two forms of search were created: first, the expression itself and the other by a theme name that reflects the expression of the speaker. Thus, in conclusion, it is possible to say that an electronic dictionary of pragmatemes is completely feasible if it is used at the same time onomasiological, semasiological and lexicographical techniques, with the aim to facilitate the search method by students in the context of the Brazilian Portuguese learning as a foreign and mother language, teachers and translators.

Keywords: Phraseology of common language. Electronic dictionary pragmatemes. Routine formulas; Portuguese as a Foreign Language.

RESUMEN

Los pragmatemas del Portugués Brasileño han sido investigado en el universo de los estudios fraseológicos, centrándose en las fórmulas rutinarias las cuales son los actos de habla, se producen de forma rutinaria, cumplen funciones pragmáticas específicas y están listas para su uso en ciertas situaciones de comunicación. (IRIARTE SANROMÁN, 2001; GLENK, 2007; ALVARADO ORTEGA, 2008; BLANCO, 2010; MONTEIRO-PLANTIN, 2012). La razón más fuerte para llevar a cabo la investigación fue contribuir a los estudios de los estudiantes de Portugués como Lengua Extranjera (PLE) y a ellos se aliaron dos más: el trabajo de ayuda de traductores y la falta de manual o diccionario, impresos o electrónicos, que cubren estas estructuras. Con el fin de establecer las bases teóricas para el desarrollo de un diccionario electrónico (WELKER, 2006; LEFFA, 2006; Krieger, 2007; BRIDGES, 2010/2011), se llevaron a cabo en la investigación, el estudio, la clasificación y descripción de pragmatemas presentes en las obras generales de la Fraseología Brasileña y en las interacciones comunicativas de los *corpora* orales disponibles en Internet. Se utilizó la herramienta AntConc 3.4.4w (2014) para ayudar en la búsqueda de candidatos pragmatemas y los resultados se almacenan en una base de datos creada por el programa de Microsoft Access. Se alimentó la base de datos con 565 expresiones pragmáticas, que se describen en diez campos: tipo, función social, la expresividad, manera de expresarse, pragmatema, dirección, variantes,contexto y ejemplos. Una muestra de las primeras nueve expresiones detectadas se analizó y para tener acceso a todos ellos, se han creado dos maneras: por la propia expresión y por un nombre de tema que refleja la expresión del hablante. Por lo tanto, se concluye que es factible el desarrollo de un diccionario electrónico de pragmatemas, utilizando, al mismo tiempo, la onomasiológicas y semasiológicas técnicas lexicográficas. Esto facilitará a los estudiantes de portugués como lengua extranjera, profesores y traductores.

Palabras clave: Fraseología de la lengua común. Diccionario electrónico de pragmatemas. Fórmulas de rutina. Portugués como lengua extranjera.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Resumo da classificação de Tagnin (2013) para o nível pragmático de convencionalidade 33
Quadro 2 Resumo da classificação dos pragmatemas segundo Monteiro-Plantin (2012)..... 34
Quadro 3 Categorias de fórmulas de rotina 104
Quadro 4 Classificação das fórmulas de rotina repertoriadas nesta pesquisa..... 109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Tela do dicionário Houaiss com o significado etimológico de “nossa” 39
Figura 2 Captura de tela da apresentação do Projeto Nurc/RJ..... 87
Figura 3 Captura de tela da apresentação do Profala..... 88
Figura 4 Captura de tela do *site* roteiro de cinema 89
Figura 5 Captura de tela do link televisão no site Roteiro de Cinema..... 90
Figura 6 Exemplo da extração de candidatos a termos no intervalo de 2 a 4 n-gramas (*corpus* Profala) 95
Figura 7 Exemplo do contexto em que a fórmula *Muito obrigado* aparece no *corpus* pesquisado (Profala) 96
Figura 8 Captura de tela da ficha criada para alimentar a base de dados dos pragmatemas..... 98
Figura 9 Exemplo de pesquisa dos pragmatemas pelo índice temático Advertência 101
Figura 10 Exemplo dos índices temáticosarrolados na base de dados 102
Figura 11 Exemplo dos pragmatemas relacionados no índice temático Advertência 103
Figura 12 Captura de tela para o pragmatema A gente se fala depois 112
Figura 13 Captura de tela da expressão Chega de conversa na base de dados 114
Figura 14 Captura de tela da expressão Coisa e tal 116
Figura 15 Captura de tela da expressão Era só o que faltava..... 118
Figura 16 Captura de tela da expressão Meu Deus! 120
Figura 17 Captura de tela para a expressão Muito obrigado! 123
Figura 18 Captura de tela para a expressão Por favor 126
Figura 19 Captura de tela da expressão Que tal?..... 128
Figura 20 Captura de tela da expressão Sinto muito..... 131

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
1.1 Panorama dos estudos fraseológicos: um pouco de sua história e o lugar dos pragmatemas	23
1.1.2 As obras Fraseológicas no Brasil	27
1.2 Os pragmatemas: definição e características	31
***1.2.1 As fórmulas de rotina*: estudos e pesquisas**	43
1.2.2 Definição das fórmulas de rotina em dicionários	45
1.2.3 Dicionarização das fórmulas de rotina: padrões interacionais	52
1.2.4 Características e significado das fórmulas de rotina.....	55
1.2.5 Classificando as fórmulas de rotina segundo as funções para os níveis de ensino ...	59
1.3 As fórmulas de rotina como atos de fala	60
1.4 A Lexicografia	64
1.4.1 O fazer lexicográfico.....	64
1.4.2 O dicionário eletrônico	76
1.4.3 Pesquisas e estudos envolvendo dicionários	77
2 METODOLOGIA	86
2.1 Descrição do percurso	86
2.2.1 O software AntConc e suas ferramentas: a identificação de candidatos a pragmatemas	86
2.2 Estratégias de compilação	94
2.2.1 O software AntConc e suas ferramentas: a identificação de candidatos a termo	94
2.2.2 Base de dados Access e a ficha de apresentação dos pragmatemas	96
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	99
3.1 Descrição e análise dos pragmatemas	105
a) ***A gente se fala depois***.....	110
b) ***Chega de conversa***	112
c) ***Coisa e tal***	114
d) ***Era só o que faltava!***.....	116
e) ***Meu Deus!***.....	118
f) ***Muito obrigado!***	121
g) ***Por favor!***	123
h) ***Que tal?***	126

	i) ***Sinto muito***	129
4	**CONCLUSÃO**	132
	REFERÊNCIAS	136
	Apêndice A.....	144
	Apêndice B	148
	Apêndice C	154

INTRODUÇÃO

Em meados de 2010, coube-nos preparar a apresentação de um seminário para a disciplina de Pragmática ministrada pelo professor Dr. Júlio Araújo, na Universidade Federal do Ceará. O seminário dizia respeito à teoria do princípio cooperativo de Grice (1975) e de suas máximas conversacionais. Nessa linha de investigação é defendido que, para se comunicar eficientemente, as pessoas cooperam umas com as outras, aderindo a certas regras de conduta: fazem perguntas, esperam a vez para participar, respondem perguntas, fornecem informações requeridas, entre outras. Para tanto, um dos aspectos a ser observado deve ser a quantidade de informação que será fornecida e, portanto, é estabelecido que a contribuição deve conter somente o necessário. É dito: faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto for exigido para os presentes fins de intercâmbio e, também, não faça com que sua contribuição seja mais informativa do que é exigido.

Durante o estudo para o seminário, percebemos que essa máxima poderia ser violada na medida em que podemos invocar a situação vivida e o contexto em que nos inserimos, para alcançar o sentido de determinados enunciados numa interação verbal, sem que nos sejam fornecidas informações completas e extensas.

Com essa ideia em mente, passamos a relembrar as experiências que tivemos oportunidade de vivenciar, ao longo de alguns anos, como professora de português para estrangeiros. Muitas vezes, pesquisamos, incansavelmente, em dicionários, livros didáticos e gramáticas, buscando respostas às perguntas de alunos sobre o sentido de certas estruturas as quais, de um modo geral, pareciam muito simples para falantes nativos de língua portuguesa, por que já internalizadas na sua memória comunicativa.Todavia, não conseguíamos uma explicação, por simples que fosse, para esclarecer as dúvidas recorrentes. Por outro lado, nos surpreendíamos ao perceber que os alunos compreendiam outras estruturas apenas pelo contexto ou por manifestações gestuais de seus interlocutores, o que é bastante natural na conversação diária. Como exemplo, citamos algumas indagações e/ou comentários de alunos estrangeiros para os quais ministramos aulas de português:

Ex. 1- *Eu não entende* ***que tal****! Ela dizer: podemos ir de carro,* ***que tal****?*

Ex. 2- *Eu chegar e dar bom dia, ela diz* ***como vai****. Eu perguntar vai onde? Porque eu não sabe, ela quer saber se eu vou de carro ou de pé?*

Ex. 3 – *Eu entra no loja e quer compra tinta, a vendedor diz* ***pois não****. Eu pensa: eu não poder entrar. Então, eu precisa de ajuda, você poder falar pra mim?*

Ex. 4 – *Ela sobe o prato, a comida e diz* ***está servido****? Eu não entende as palavras, mas entende o que ela quer.*

Tais estruturas e outras símiles não se encontram dicionarizadas nem são apresentadas em livros didáticos para estudantes nativos, porque são aprendidas naturalmente por repetição, diariamente, nas interações discursivas estabelecidas entre membros dos grupos sociais dos quais fazem parte ao longo de sua vida, desde a mais tenra idade. Além do mais, muitas delas podem ser compreendidas dentro da situação vivida, por meio de pistas contextuais. Como exemplo podemos citar *meus pêsames* que é uma expressão usada para dizer da tristeza pela morte de alguém (situação), num velório (contexto) ou depois deste. Em se tratando, portanto, de expressões como essa, seria bastante oportuno para um estrangeiro ter acesso ao sentido de forma explicitado, embora não literal, em um dicionário de fácil e rápido manuseio.

Situações como essas, envolvendo diversas estruturas semelhantes, despertaram nossa curiosidade e, consequentemente, impulsionaram a presente investigação.

Para o ser humano, é vital fazer-se entender por seu interlocutor e entender o que lhe é dito numa interação comunicativa, já**,** que externar seus sentimentos e ideias por meio da linguagem articulada é um de seus aspectos distintivos. Para além dessa afirmação, sabe-se que, embora haja estudos ainda não comprovados sobre a possibilidade de comunicação entre plantas ou entre outras espécies de animais, somente o ser humano estabelece comunicação usando a língua como código e forma de interação. Assim, no afã de se relacionar, de interagir com seus pares de forma inteligível, o homem faz uso da linguagem verbal e não verbal.

Com o fim, portanto, de se fazer entender usando a linguagem verbal ele necessita não somente escolher o léxico que seja comum aos atores da interação verbal, mas também selecionar as estruturas mais adequadas em cada situação. E, em se tratando principalmente da linguagem oral, os utentes da língua buscam imprimir maior expressividade ao que desejam comunicar. Assim, empregam algumas estruturas pré-fabricadas, grupos de palavras que se unem de maneira mais ou menos fixa, mas carregadas de sentido metafórico e que são fruto da criatividade, da sensibilidade e das intenções dos interlocutores, os quais os utilizam levando em conta a adequação nas diferentes situações comunicativas. Tais grupos de palavras são estudados no âmbito da Fraseologia, uma disciplina da Linguística que estuda unidades de sintaxe complexa, total ou parcialmente fixas, incluindo as combinações de

palavras denominadas expressões fixas, idiomáticas ou não, frases feitas, ditos, locuções, fórmulas de rotina, colocações etc.

Na perspectiva da Fraseologia, são contemplados enunciados fixos situacionalmente condicionados (aqueles cuja fixação não é semática, mas situacional) assim como estruturas que se constituem como atos de fala, ocorrem de modo rotineiro, ritualizado, cumprem funções específicas e estão prontas para ser usadas em determinadas situações comunicativas. São, por isso, nomeadas como fórmulas conversacionais, fórmulas de interação social e pragmatemas, visto cumprirem função mais pragmática do que semântica. Tais fórmulas, que podem ser não idiomáticas e total ou parcialmente idiomáticas, têm despertado o interesse de estudiosos dessa área. São totalmente idiomáticas quando nenhum dos elementos da expressão contribui para o significado de toda a expressão (Ex.: *pagar o pato* = sofrer as consequências) e parcialmente idiomáticas quando apenas um ou alguns de seus elementos contribuem para o significado (Ex.: *sair de fininho* = sair devagar, com calma).

O estudo dos pragmatemas do português brasileiro constituiu-se, portanto, o assunto tratado na presente pesquisa. Entendemos por pragmatemas o termo hiperonímico que abarca unidades simples e compostas, pré-fabricadas, usadas em interações sociais cotidianas e cujo entendimento é mediado pelo contexto situacional.

Tendo por base expressões já repertoriadas por pesquisadores da área de Fraseologia, realizamos, então, o levantamento, a descrição e a categorização dos pragmatemas do português brasileiro, a partir de interações comunicativas presentes em *corpora* orais disponíveis na internet, com vistas ao estabelecimento das bases teórico-metodológicas para posterior elaboração de um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro.

Para além de trazer evidência ao que ainda não foi de todo desvelado sobre as fórmulas de interação social habituais e estereotipadas, cujo sentido se depreende a partir da situação e do contexto, a mais forte motivação para empreender esta pesquisa foi contribuir com meios facilitadores para que falantes de outras línguas, em contexto de aprendizagem do português como língua estrangeira (doravante PLE), possam compreender determinadas expressões convencionalizadas. É fato inconteste que o conhecimento dos lexemas idiomáticos, assim como dos enunciados fraseológicos, é de fundamental importância para a comunicação dos aprendizes estrangeiros na língua-alvo, sendo determinante para a sua competência discursiva. Assim, a compreensão dos pragmatemas tornará o aprendiz apto a julgar a adequação de seu uso em certos tipos de situação e a entender atos de comunicação indireta ou ler nas entrelinhas. Além do mais, o falante que desconhece as unidades

fraseológicas de uma língua pode realizar uma tradução *ipsis litteris* correndo o risco, portanto, de não ser bem-sucedido na comunicação por não compreendê-las ou, ainda, não ser compreendido ao usá-las. É necessário, portanto, superar o conceito de palavra já tão enraizado no senso comum e alargar a compreensão para o conceito de unidade léxica que extrapola o limite da palavra e, assim, desenvolver a competência fraseológica em meio a muitos aspectos da competência comunicativa.

Não obstante a necessidade muito antiga de contato com falantes de outras línguas por razões econômicas, sociais, comerciais ou militares, vivenciamos uma época de globalização e de avanço tecnológico que impulsiona com muito mais rapidez e intensidade a busca por um conhecimento linguístico amplo. Esse se constitui um diferencial na comunicação falada e escrita e é visivelmente privilegiado nos meios internacionais, por motivos profissionais ou pessoais.

Na perspectiva de aprendizagem e, consequentemente de ensino, sempre mereceram destaques os idiomas inglês, francês e espanhol, nem sempre nessa sequência, e, para a difusão desses, concorreram vários fatores, notadamente os relacionados à política de expansão territorial. Conforme relatos já amplamente divulgados em diversos meios comunicativos, a língua portuguesa foi levada a dois terços do planeta e hoje é falada por mais de 200 milhões de locutores só no Brasil, sem contar os outros tantos espalhados pelos cinco continentes. Além disso, é a segunda língua românica do mundo e, das línguas europeias, é a terceira mais falada no planeta e a quinta em maior número de países que a usam como língua oficial. Já foi língua franca, é língua culta de dimensão internacional e intercontinental e, consoante predestinação de Fernando Pessoa, é uma das poucas línguas potencialmente universais do século XXI. Mas, embora tenha se expandido a quatro dos cinco continentes conhecidos, o português não recebeu o mesmo destaque dos outros idiomas já mencionados.

A verdade é que somente há poucos anos tem havido um movimento de reversão desse fato e, na perspectiva de destaque deste idioma, é relevante mencionar que o português atualmente é uma língua de trabalho em organizações internacionais como União Européia (EU), Unidade Africana (UA), União Latina (UL) e Mercado Comum do Sul (Mercosul) e está caminhando para se tornar um dos idiomas de trabalho da Organização Mundial do Turismo. Inclusive, já houve discussões na mídia de Portugal sobre a inserção do português como uma das línguas do turismo europeu.

Nesse contexto de expansão, o ensino de PLE tem requerido uma maior visibilidade e, a considerar as informações retromencionadas, o panorama tem se modificado, visto que se

encontra em ascensão. Em contexto de ensino, o português pode ser considerado uma língua estrangeira caso o aprendiz se encontre em um país onde tal língua não é nacional nem oficial. Língua nacional é aquela falada no território, propriamente dito; é língua materna da grande maioria dos naturais de uma nação e língua segunda para os grupos menores que ainda não a têm por materna. Língua oficial é aquela reconhecida por um Estado como a de uso nas relações externas, de caráter internacional, e nas relações internas - prática governamental, administrativa, educativa e social (ELIA, 2000). Como exemplo do português língua estrangeira (PLE), podemos citar o seu estudo pelo chinês, na China; pelo alemão, na Alemanha; pelo espanhol na Espanha etc.

O ensino de português para estrangeiros acontece quando os aprendizes estrangeiros se encontram num país cuja língua oficial é o português e buscam seu aprendizado. Como exemplo, podemos citar: no Brasil, em Angola ou em Portugal, ensina-se português a pessoas vindas de outros países que queiram aprender o idioma.

O português vem sendo procurado, desde 1980, por um contingente de expatriados e bolsistas estrangeiros, falantes de espanhol e de outros idiomas (em menor proporção) e que estudam português atraídos pelas possibilidades do Mercosul. O MEC noticiou em seu portal sobre o ensino de Língua Portuguesa a aprovação da Lei nº 26.468 pelo Congresso Nacional Argentino, no dia 17 de dezembro de 2008. Esta lei determina a oferta do português como língua estrangeira em todas as escolas do país, devendo ser obrigatória em todas as escolas secundárias e, a partir do nível primário, em instituições fronteiriças com o Brasil. O ensino do espanhol, por sua vez, deverá ser oferecido nas escolas públicas e particulares brasileiras em função da Lei n° 11.161/05 e as escolas teriam até 2010 para adaptar seus currículos à determinação. Além disso, a lei obriga que o idioma seja oferecido pelas instituições de ensino, como disciplina optativa para jovens do ensino médio de escolas públicas e privadas. A partir da 5ª série (6º ano), a inclusão da matéria nos currículos dos quatro últimos anos do ensino fundamental é facultativa.[1]

O Brasil, na América do Sul, é tido como país-chave nesse sentido, por suas inúmeras reservas naturais, por ter filiais de empresas de todo o mundo e maior número de habitantes (GRANNIER, 2001). Percebe-se a importância dada pelos estrangeiros ao Brasil por ser um país que está inserido em relações internacionais, mediante os blocos econômicos e por

[1] Países do Mercosul promovem equivalência. Disponível em portal.mec.gov.br/index.php?option=com. Acesso em nov/2009.

exercer importante papel político-linguístico em se tratando de intercomunicação entre os povos (OLIVEIRA e FAULSTICH 2008).

Além disso, cresce o interesse pelo estudo do português brasileiro fora de seu domínio territorial, haja vista pesquisa divulgada na Revista Língua Portuguesa, periódico de circulação nacional, dando conta da demanda de norte-americanos pela aprendizagem do português em seu próprio território. A pesquisa revela que, em 20 anos, quintuplicou o número de brasileiros a viver nos Estados Unidos. Tem sido dada uma natural atenção à estabilização econômica e à política externa do governo brasileiro, levando a esse real interesse pelo aprendizado da língua portuguesa. O nome de grandes universidades como *Harvard, Princeton, Emory e Darmouth College* é citado porque abriram novas cátedras. Também é mencionada a *Michigan State University* que organiza seu bacharelado duplo em espanhol e português e, ainda, oferece cursos de língua portuguesa e outros sobre música, literatura e cinema brasileiros (BONINO, 2007).

Nessa mesma perspectiva de ensino do Português em território norte-americano, já houve propostas que visavam preencher uma lacuna com relação ao ensino e aprendizagem do português nos Estados Unidos, a fim de manter e expandir o Português europeu no país (CASTANHO; SERPA; SERPA, 2001). Houve também iniciativas para que fossem instalados na embaixada de Portugal, em Washington, os serviços de Coordenação de Ensino Português, a fim de que a representação portuguesa tivesse a mesma dignidade e visibilidade que outras línguas estrangeiras nos EUA. Entre as muitas razões apresentadas pelos autores, destacaram-se as seguintes:

- Os EUA são um país de acolhimento de um milhão de portugueses e luso-descendentes (U.S. Census 2000) e mais de dois milhões de falantes do português vindos de Cabo Verde e do Brasil. Esse número está em franca expansão e consideraram urgente valorizar mais a língua portuguesa junto aos emigrantes, a fim de mantê-los unidos.
- É imperioso elevar o português ao patamar de outros idiomas, aproveitando a facilidade oferecida pelos distritos escolares de integrar, nas escolas regulares norte-americanas, as suas línguas de origem como língua estrangeira e, por fim,
- É preciso dar resposta também a todo um conjunto de solicitações que surgiram, nos últimos anos, por parte de estrangeiros porque constituem uma faceta importantíssima na difusão do idioma e cultura portugueses.

Em pesquisa sobre a expansão do idioma português, tomamos conhecimento da procura pelo seu aprendizado, haja vista estar na oitava posição entre as dez línguas de mais uso na Internet (dentro de um universo de 6.675 mil utilizadores), de acordo com as estatísticas da Mundiais da Internet, notícia veiculada no portal da Embaixada da República de Cabo Verde (2009). O inglês ocupa a primeira posição, o chinês, a segunda, devido ao *boom* econômico do país e o espanhol, a terceira.

Também, através de notícias veiculadas na internet (Language Travel Magazine - publicação inglesa sobre viagem de estudo), é possível perceber a demanda de estrangeiros pelo universo brasileiro. Em todo o mundo, a modalidade brasileira do português tem se destacado pelos novos papéis que o Brasil tem desempenhado no contexto mundial e regional e, com base nisso, o *marketing* brasileiro tem aproveitado para dinamizar os intercâmbios.

Uma pesquisa realizada em 2005 pela Language Travel Magazine revelou que o Brasil recebe cerca de 60 mil estudantes estrangeiros por ano e desses, 50 mil vêm para programas de línguas e cursos combinados e outros 10 mil para ensino médio, universidade e cursos profissionalizantes. Um dos principais motivos elencados pelos alunos foi estudar uma língua que não é usualmente oferecida em cursos de idiomas.

Reunidas tais considerações, percebemos a importância de se ter à disposição material de referência para a consulta de professores de PLE, a fim de apresentar, por exemplo, aos aprendizes estrangeiros o rol de fórmulas rotineiras do português com sua respectiva classificação, o contexto de uso e o sentido que lhes é atribuído, a partir do contexto e da situação em que se apresentam, pois, assim, o seu uso pragmático será efetivamente compreendido. Sendo incluso no currículo de cursos de PLE, os alunos terão ao seu dispor uma variedade de expressões para utilizá-las competentemente.

Para além de contribuir com recursos apropriados ao ensino e à aprendizagem de PLE, também consideramos de muita valia ter um material de referência eletrônico dessas estruturas, apresentando-as devidamente descritas e com uma classificação definida.

A carência de material que trata de expressões fixas e congêneres já foi manifesta em diversos trabalhos, embora já possamos contar com as publicações de estudiosos da área, a exemplo de Xatara (2013) e de Tagnin (2013). Essa última apresentou de forma condensada a problemática relativa ao estudo das expressões idiomáticas e convencionais.

É bom lembrar que a compreensão do sentido dos pragmatemas também é requerida por falantes nativos em processo de aprendizagem da língua materna; no entanto, o ensino de

tais estruturas não acontece oficialmente nas escolas para os nativos; eles aprendem por repetição, diariamente, nas interações discursivas ao longo de sua vida, o que não impede, porém, de haver consulta ao material disponível, quando assim o quiserem.

Uma situação a mais se apresenta como justificativa para nos debruçar sobre o estudo dos pragmatemas do português: a relevância dos trabalhos de tradução.

O tradutor, que busca compreender diferenças e semelhanças de língua para língua quando as pessoas se comunicam, não deve se esquivar de palavras consideradas difíceis, muito menos de frases ou parágrafos inteiros. Para ter assegurada a sua competência tradutológica, deve conhecer as estruturas verdadeiramente empregadas pelos falantes das línguas que estará traduzindo e, assim, poderá transpor as expressões pragmaticamente e não apenas literalmente. Há defensores, inclusive, do uso de dicionários para resolver impasses, os quais afirmam não ter nada melhor que um bom dicionário ao alcance de sua mão na tarefa de tradução (BELINKY, 2004).

Aliado do trabalho de um tradutor, o dicionário se apresenta como ferramenta facilitadora de sua constante tarefa de desvelar sentidos e codificar em língua diferente da materna. Os aspectos culturais também são relevantes numa obra lexicográfica principalmente quando se levam em conta informações contidas num dicionário bilíngue para fins de tradução.

Embora já existam obras lexicográficas de expressões idiomáticas, acreditamos que o número de obras de referência nessa área em língua portuguesa continua sendo ínfimo.

Há também certa unanimidade em estudiosos da Fraseologia brasileira sobre a falta de orientações adequadas aos usuários dessas obras de referência, notadamente os tradutores, que as utilizam quando necessitam resolver problemas naturalmente encontráveis no seu fazer cotidiano.

Ampliando a compreensão dessa última consideração, acreditamos que não apenas um banco linguístico de exemplos comporte essa possibilidade, mas que um dicionário eletrônico se apresenta como a ferramenta de maior viabilidade no caso de se registrar as entradas lexicais de maior extensão que a palavra.

I. Problematização

As razões expostas ao longo dessas páginas foram as consideradas mais fortes para instigar-nos a curiosidade acerca dos pragmatemas do português brasileiro e, assim, procuramos responder aos seguintes questionamentos:

- Quais unidades fraseológicas utilizadas de forma rotineira na fala cotidiana dos brasileiros estão presentes em *corpora* orais representativos do português brasileiro?
- Quais as características dos pragmatemas em situação de uso coloquial e formal?
- Como se classificam os pragmatemas do português brasileiro?
- Quais os limites a serem observados na constituição de um dicionário dos pragmatemas do português brasileiro que sirva como material de referência a estudiosos da área e que seja disponível na internet?

Com o propósito de responder a esses questionamentos, estabelecemos os seguintes objetivos:

II. Objetivo geral

Propusemo-nos realizar o levantamento, a descrição e a classificação das unidades fraseológicas que se constituem como pragmatemas do português brasileiro, com vistas ao estabelecimento das bases teórico-metodológicas para posterior elaboração de um dicionário eletrônico.

✓ **Objetivos específicos**

- Caracterizar os pragmatemas presentes em *corpora* orais representativos do português brasileiro em situações de uso coloquial e formal.
- Classificar os pragmatemas do português brasileiro a partir dos usos efetivos e do sentido que se lhe confere uma situação determinada, tendo por base classificação já existente no âmbito dos estudos fraseológicos.
- Estabelecer bases teórico-metodológicas para posterior elaboração de um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro.

III. Estrutura do trabalho

O trabalho está composto por esta parte introdutória, na qual apresentamos os aspectos relevantes e motivadores da pesquisa, três capítulos descritos abaixo, a conclusão, as referências e os apêndices.

O primeiro capítulo, referente à fundamentação teórica e subdividido em cinco seções, traz um panorama dos estudos fraseológicos, com registro específico das obras de Fraseologia no Brasil e uma apresentação de trabalhos diversos envolvendo pragmatemas, fórmulas de rotina e dicionários, nos quais fundamentamos a análise dos nossos dados.

No segundo capítulo, intitulado Metodologia, descrevemos o percurso da investigação e, na medida em que detalhamos o passo a passo, descrevemos as ferramentas utilizadas, as estratégias de compilação e os *corpora* escolhidos.

No terceiro capítulo, sob o título Análise dos Resultados, apresentamos os dados obtidos e a análise realizada numa amostra de expressões coletadas nos *corpora* investigados.

Em seguida, apresentamos as conclusões, retomando e reforçando alguns aspectos acerca do que foi investigado e apresentando sugestões para trabalhos futuros nessa temática ou a partir dela.

Listamos, então, as referências dos diversos trabalhos mencionados e consultados ao longo da pesquisa e, por fim, colocamos três apêndices: o primeiro com a lista completa das expressões repertoriadas e alocadas na base de dados e o segundo com uma amostra de 37 expressões retiradas da base de dados, acompanhadas do significado, registro (coloquial/culto) e do contexto de uso para dar uma ideia de como a base está estruturada. Já o terceiro apêndice diz respeito à lista de pragmatemas encontrados nos textos usados como corpusno

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Panorama dos estudos fraseológicos: um pouco de sua história e o lugar dos pragmatemas

Esse trabalho se insere no campo fértil dos estudos fraseológicos, na medida em que neste são plantados e, consequentemente colhidos, os frutos da expressividade e da criatividade humana, notadamente os da interação comunicativa através da linguagem verbal. Esse campo, embora não contemplado especificamente nos estudos de Saussure, recebeu do estudioso ao menos uma menção acerca de um de seus produtos, as frase feitas:

> É próprio da fala a liberdade das combinações; cumpre, pois, perguntar se todos os sintagmas são igualmente livres. Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas (SAUSSURE, 2001 p. 144).

E não somente esse estudioso fez menção ao uso de expressões carregadas de sentido no estabelecimento da comunicação entre os usuários da língua, mas tantos outros o fizeram com muita propriedade ao longo de décadas. Foi o caso de Coseriu (1979) que se referiu aos atos linguísticos como sendo de recriação, invenções que não são nem totalmente novas e nem arbitrárias, mas que se organizam sobre modelos existentes pré-fabricados; Bidermann (1978) afirmou que essencialmente na linguagem oral busca-se mais expressividade e, para alcançá-la, os usuários da língua revestem as palavras velhas com novos matizes metafóricos e metonímicos ou criam novas formas que, a seu ver, melhor correspondem ao que pretendem dizer.

Nessa mesma perspectiva, Lapa (1984) fez menção ao fato de que o pensamento se faz tanto por palavras quanto por frases e, pela tendência que o homem tem de economizar palavras, usa-as em grupo para satisfazer suas necessidades de expressão. Para Vilela (2002), as “fraseologias redescobrem novas propriedades que lexicalizam e trazem sempre uma marca de mais expressividade ou de reforço desta.” Dessa forma se explica a “presença abundante de fraseologismos em textos predominantemente comunicativos e onde a oralidade predomina”.

Na visão de Ortiz Alvares (2012), a arte da língua está no arranjo criativo do uso que dela se faz, pois ela não é um mero código e sim “um sistema simbólico de representação”. Além disso, “é um recurso plural inesgotável tanto para profissionais quanto para usuários comuns” e, sob esse ponto de vista, Baptista (2012) dialoga com a autora, quando afirma que

a realidade linguística se dá pelo conhecimento e a habilidade para empregar a língua, explorando seus matizes expressivos e significativos e adequando "os sentidos às diversas situações e contextos." E, finalmente, Riva (2012) refere que as expressões idiomáticas surgem pela necessidade que o falante tem de se comunicar de forma mais expressiva e que, para isso, cria combinações de palavras que prendam a atenção do interlocutor.

O termo fraseologia carrega ambiguidade por se referir tanto ao conjunto de fraseologismos de uma língua (fraseologia da língua comum), quanto à disciplina que trata de estudar o fraseoléxico de uma língua. Além disso, tem-se um segundo núcleo de estudo das fraseologias, qual seja, a fraseologia especializada, aquela que se constitui como modo de expressão das mais variadas linguagens de especialidade ou, dito de outra forma, que se constitui como componente importante para se compreender, representar e transmitir o conhecimento de uma área de especialidade.

Neste trabalho, assumimos a definição de Fraseologia adotada por Monteiro-Plantin (2012, p. 33), qual seja:

> Trata-se de uma disciplina independente, relacionada a todos os níveis de análise linguística (do fonético ao discursivo-pragmático), cujo objetivo é o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, formadas por duas ou mais palavras, que constituem a competência discursiva dos falantes, em língua materna, segunda ou estrangeira, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, com objetivos específicos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente.

Os diversos registros históricos acerca dessa área de estudo dão conta de que, na Europa Ocidental, Bally, discípulo de Saussure, foi o primeiro a mencionar o termo *phraséologie* em 1909, ao desenvolver o pensamento de seu mestre em três estudos, a saber: *Précis de Stylistique, Traité de stylistique française y Linguistique générale et linguistique française*. Dessas obras se extrai uma verdadeira teoria fraseológica e, por isso, Bally é considerado pela maioria dos linguistas como o pai da Fraseologia (MONTEIRO-PLANTIN, 2012; SILVA, 2006; TRISTÁ, 1988).

A obra de Bally venceu barreiras e foi introduzida na Linguística soviética. Os linguistas alemães e cubanos se inspiraram nas pesquisas soviéticas e, através deles, os estudos fraseológicos se estenderam a outras línguas europeias, destacando-se o espanhol e o francês (SILVA, 2006).

E assim, a Fraseologia se desenvolveu como disciplina linguística na década de 40, destacando-se os trabalhos de Vinogradov (1947) com suas ideias sobre o significado

fraseologicamente dependente da palavra e sobre a inter-relação da palavra e a unidade fraseológica. É dele a primeira classificação sincrônica das unidades fraseológicas do russo, sob o ponto de vista de sua coesão semântica. Essa nova disciplina, a Fraseologia, tinha, portanto, como objetivo:

> O estudo das leis que condicionam a falta de liberdade das palavras e dos significados das palavras para se combinar e a descrição sobre esta base das combinações fixas de palavras segundo seus tipos, tanto em seu estado atual como em seu desenvolvimento histórico (TRISTÁ PEREZ, 1988, p. 8)[2].

Conforme registro histórico de Silva (2006), Casares (1992 [1950]) foi o pioneiro nos estudos fraseológicos hispânicos e autor da classificação das unidades fraseológicas (doravante UF) espanholas em locuções e modismos (UF idiomáticas), reservando os refrões e provébios para a Paremiologia. Após trinta anos dessa classificação, Zuluaga (1980), de origem colombiana, mas desde 1967 residente na Alemanha, publica sua tese de doutorado sobre as expressões fixas do espanhol, único manual de fraseologia espanhola até então. Nele, ocorre a mudança da classificação realizada por Casares. Zuluaga divide as UF em locuções e enunciados, incluindo nesses últimos, os provérbios. Já Corpas Pastor (1996) propõe nova classificação: enunciados fraseológicos (parêmias e fórmulas rotineiras) e UF que não constituem enunciados completos (colocações e locuções). Ruiz Gurillo (1998) apresenta diferença entre enunciados fraseológicos (UF equivalentes a enunciados) e locuções (UF equivalentes ao lexema simples ou ao sintagma). Para essa autora, em sentido restrito de Fraseologia, só são UF as locuções (entre estas, as colocações) e as frases proverbiais. Num sentido amplo, são UF os refrões, os aforismos, o vocabulário técnico e as fórmulas rotineiras.

Em relação à Fraseologia francesa, desenvolvem pesquisas, segundo Silva Moisés (2006):

- Gertrud Gréciano - criou toda uma metalinguagem fraseológica, a fim de debater apropriadamente todos os aspectos da disciplina, enveredando principalmente pela vertente da Fraseologia nas línguas de especialidade. Sobre isso, Gréciano(1999) destaca que as unidades fraseológicas são chamadas de frasemas, fraseolexemas em língua geral, enquanto que na língua especializada tem-se os fraseotermos. Além disso, ele aponta que o papel

[2] El estudio de las leyes que condicionam la falta de libertad de las palabras y de los significados de las palavras para combinarse, y la descripción sobre esta base de las combinaciones fijas de palavras según sus tipos, tanto en su estado actual como en su desarrollo histórico

fundamental dos frasemas em língua de especialidade é a contribuição para a formação de conceitos;

- Igor Mel'cuk - linguista soviético e investigador do Departamento de Linguística y Traducción de la Universidad de Montréal, que elaborou, em 1984, o Dictionnaire Explicatif et Combinatoire du Français Contemporain;
- Alain Rey - elaborou um dicionário fraseológico, chamado Dictionnaire des expressions et locutions;
- Robert Galisson (1976, 1984) - voltado à pedagogia, aplica sua tese à Fraseografia;
- Maurice Gross (1984a/b, 1985, 1986, 1988) e Gaston Gross (1995, 1996, 1997) – pesquisas situadas numa perspectiva estrutural e transformacionista;
- Isabel González Rey - publicou seu manual *La Phraséologie du Français* (2002) no qual distingue três domínios, as parêmias, as locuções e as expressões idiomáticas, em duas vertentes, língua geral e de especialidade.

Quanto ao desenvolvimento dos estudos fraseológicos modernos, o conceito de discurso repetido é o ponto de partida. A Pragmática e a Análise do Discurso também influenciam a Fraseologia, assim como os "estudos centrados nas relações sintagmáticas do léxico" (SILVA, 2006, p. 15).

A afirmação de que nos últimos anos o interesse pela Fraseologia aumentou consideravelmente tem sido recorrente e isso porque se têm multiplicado as pesquisas em muitos países, antes circunscritas ao espaço europeu. Hoje se discute mais sobre as unidades fraseológicas em muitas línguas, publicam-se obras diversas e os resultados das pesquisas favorecem trocas de informações em eventos como os congressos da Sociedade Europeia de Fraseologia (EUROPHRAS) e os congressos de Paremiologia. Eis o que relata Alvarado Ortega (2008, p. 26, tradução nossa):

> Nos últimos anos tem crescido o interesse pela Fraseologia na Europa, especialmente por parte das últimas correntes linguísticas que se concentram no estudo das unidades fraseológicas em contexto. Este aumento de estudos também tem afetado a Península Ibérica, como observamos na realização de teses de doutorado dedicadas a algum aspecto fraseológico (Koike 2000; Santamaría 2000; Aznárez 2004; entre outras) e em publicação de numerosas obras dedicadas a esta

> disciplina e à comparação de seus sistemas com outras línguas (Corpas 2003; Luque y Pamies 2005; Almela, Ramón Trives y Wotjak 2005, entre outros).[3]

Em vista da proliferação de pesquisadores e linhas de pesquisa que se dedicam aos estudos paremiológicos e fraseológicos em vários países, Xatara (2012, p. 13), afirma que "os estudos paremiológicos e fraseológicos representam na contemporaneidade da Linguística um espaço de destaque, tantos são os pesquisadores e linhas de pesquisa que sobre eles se debruçam, em vários países."

Mas, apesar de já ter havido um considerável avanço nos estudos relacionados a essas unidades maiores que a simples palavra, é incontestável o fato de não haver consenso entre os estudiosos acerca da delimitação dessas unidades como objeto de investigação, tampouco em relação a sua categorização.

Por essses registros, percebemos a importância de se realizarem estudos que tragam a lume análises de estruturas maiores que uma simples palavra e que são utilizadas de forma criativa pelos falantes de qualquer comunidade linguística. Especificamente, neste trabalho, importam-nos as usadas pelos falantes de língua portuguesa no Brasil, a saber, os pragmatemas, aqueles enunciados cuja fixação é do tipo situacional (BLANCO 2010).

1.1.2 As obras fraseológicas no Brasil

No levantamento de Ortiz Alvarez (2012, p. 206 - 208), através do qual procurou apresentar "um panorama da produção brasileira de obras fraseográficas e/ou paremiológicas", os seguintes autores foram elencados, dentre outros:

1. João Ribeiro (1908) – Frases feitas – estudo conjectural de locuções, ditados e provérbios.
2. José Perez (1961) Provérbios brasileiros;
3. Cid Franco (s/d.) Dicionário de expressões populares brasileiras;
4. Ático Vilas Boas da Mota (1974) Provérbios em Goiás;
5. Luiz da Câmara Cascudo (1977) Locuções tradicionais no Brasil;

---

[3] En los últimos años ha crecido el interés por la fraseología en Europa, especialmente por parte de las últimas corrientes lingüísticas que se centran en el estudio de las unidades fraseológicas en el contexto. Este aumento de estudios también ha afectado a la Península Ibérica, como observamos en la realización de tesis doctorales dedicadas algún aspecto fraseológico (Koike 2000; Santamaría 2000; Aznárez 2004; entre otras) y en la publicación de numerosas obras dedicadas a esta disciplina y a la comparación de sus sistemas con otras lenguas (Corpas 2003; Luque y Pamies 2005; Almela, Ramón Trives y Wotjak 2005; entre otros).

6. Raimundo Magalhães Junior (1977) Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos;
7. Oswaldo Serpa (1982) Dicionário de expressões idiomáticas inglês-português português-inglês;
8. Márcio Pugliesi (1981) Dicionário de expressões idiomáticas;
9. Leonardo Mota (1982) Adagiário brasileiro;
10. Martha Steinberg (1985) 1001 provérbios em contraste;
11. Antenor Nascentes (1986) Tesouro da Fraseologia Brasileira;
12. Sidney Camargo & Martha Steinberg (1989) Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas português – inglês.

Ainda segundo Ortiz Alvarez (2012), as pesquisas sobre Fraseologia têm aumentado no país em vista de trabalhos defendidos em forma de dissertações, teses e trabalhos de iniciação científica, bem como inúmeros artigos publicados em revistas, nacionais e estrangeiras, e em capítulos de livros. Ela apresenta o estado da arte da Fraseologia brasileira mostrando os avanços e as perspectivas do ponto de vista teórico e prático e registrando as dissertações, teses, artigos e projetos de pesquisa com o nome dos respectivos autores e títulos.

Em se tratando da produção fraseoparemiográfica brasileira, Xatara (2012) apresenta uma visão panorâmica, ressaltando que tal produção, há bem pouco tempo, foi assumida por linguistas especializados, tanto no que respeita a dicionários monolíngues quanto bilíngues. Segundo a autora, já se constituía uma longa tradição a produção de dicionários monolíngues em língua portuguesa, fruto de árduo trabalho de estudiosos não especialistas, os primeiros a lançar no mercado obras desse tipo na primeira metade do século XX. Ela, então, elenca os autores com suas respectivas obras, desde a década de 30, a exemplo do que fez Ortiz Alvarez (2012):

I) **década de 30**

VELLOSO, Augusto. *Filigranas latinas*, 1934.

GARCIA, Washington. *Collectanea de 1.000 phrases latinas*, 1939.

II) **década de 40**

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*, 1945.

III) **década de 50**

VIOTTI, M. *Novo dicionário da gíria brasileira*, 1956.

IV) **década de 60**

MAGALHÃES Jr., R. *Dicionário de provérbios e curiosidades,*1960.
RIBEIRO, João. *Frases Feitas - estudo conjetural de locuções, ditados e provérbios*, 1960.
VICTÓRIA, Luiz A. P. *Dicionário de frases, citações e aforismos latinos*, 1966.
VICTÓRIA, Luiz A. P. *Dicionário de provérbios brasileiros e portugueses,* (s/d).
FRANCO, Cid. *Dicionário de expressões populares brasileiras*, 1967.
TACLA, A. *Dicionário dos marginais*, 1968.

V) **década de 70**

CÂMARA CASCUDO, L. *Locuções tradicionais no Brasil*, 1970.
PASSOS, A. *A gíria baiana*, 1973.
SILVA, E. Carneiro. *Dicionário da gíria brasileira*, 1973.

A autora também destaca os trabalhos de Antenor Nascentes, Magalhães Jr., João Ribeiro e Câmara Cascudo, ressaltando a riqueza dos dados coletados, mas se ressentindo do não tratamento das especificidades de cada unidade fraseológica e paremiológica. Faz menção a *Locuções tradicionais no Brasil*, de Câmara Cascudo (1970), como a obra que pode ser considerada a primeira produção fraseográfica publicada por editora universitária. Também registra que as obras principiantes não se vinculavam tecnicamente a estudos acadêmicos relacionados à Fraseologia ou à Paremiologia, fato que sofre mudança somente nos anos 2000, quando a produção começou a ser assumida por linguistas especializados como Alessandra Caramori, Cecília Pinto, Liberato Póvoa (com seu Dicionário tocantinense de termos e expressões afins), Martha Steinberg, Stella Tagnin, Claudia Zavaglia, Paula Falcão Pastore, Huéliton Riva, dentre outros, inclusive ela própria. Relembra ainda que a produção de dicionários bilíngues recebeu atenção especial a partir da década de 90 e que o aumento de

estudos nessa área “aponta para uma produção cada vez mais especializada, em termos de especificidades da nomenclatura e de descrição microestrutural”.

Os pesquisadores interessados na produção acadêmica brasileira sobre Fraseologia têm no levantamento efetuado por Monteiro-Plantin (2012, p. 43) um panorama dos estudos fraseológicos aqui realizados, a despeito de as unidades fraseológicas terem sido relegadas por muito tempo ou tratadas “como curiosidades, exceções e/ou anomalias”. Além de uma lista cronologicamente organizada, constando o nome de autores que considera referências no desenvolvimento das pesquisas em Fraseologia no Brasil, a autora ainda menciona os pesquisadores precursores dessa área no País, haja vista terem orientado trabalhos que deram conta de descrever, categorizar e analisar o funcionamento de unidades fraseológicas. Foram destacadas pela autora as seguintes pesquisadoras: Maria Aparecida Barbosa, Maria do Socorro Silva de Aragão, Maria Tereza Biderman, Maria Helena de Moura Neves, Margarida Basílio, Ieda Maria Alves, Enilde Faulstich, Stela Ester Ortweiller Tagnin, Maria Luisa Ortiz Alvarez e Cláudia Maria Xatara (2012, p. 43).

No registro feito por Monteiro-Plantin (2012) vale ressaltar duas importantes realizações: 1ª) a criação da Associação Brasileira de Fraseologia em 2011 por ocasião do I Congresso Brasileiro de Fraseologia, realizado na Universidade Federal de Brasília, tendo a professora Maria Luisa Ortiz Alvarez como presidenta e 2ª) o “Lançamento da revista Frasema, primeiro periódico científico brasileiro dedicado à Fraseologia, pela Universidade Federal do Ceará”, sob sua direção em 2012.

A autora ainda ressalta a importância da apresentação dos trabalhos de pesquisadores brasileiros “em eventos científicos promovidos pela EUROPHRAS e pela EURALEX (Associação Europeia de Lexicografia)” por saber que essa participação permite que seja divulgado o que se está realizando nesse campo de estudo, além de promover o intercâmbio entre os estudiosos da área. Receberam destaque no registro pela participação nesses eventos nos últimos cinco anos: Maria Luisa Ortiz Alvares, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva, Cláudia Maria Xatara, Maria Cristina Parreira, Elisabete Aparecida Marques, Rosemeire Selma Monteiro-Plantin e Vitalina Maria Frosi.

Atenta a todo o avanço nos estudos fraseológicos brasileiros nas últimas quatro décadas e afirmando que estão em “plena consolidação”, a autora, porém, se ressente de que haja um “profundo desconhecimento desse domínio de estudo, no conjunto das pesquisas linguísticas em que predominam os estudos do discurso e da análise de gêneros textuais” (2012, p. 47). Ela também afirma:

> Necessitamos ainda, no Brasil, de obras de referência teórica sobre Fraseologia e suas aplicações, e também de obras com propostas de sistematização do conjunto das unidades fraseológicas do português brasileiro, que considerem os usos linguísticos no estágio atual dessa língua, falada por quase duzentos milhões de pessoas (MONTEIRO-PLANTIN, 2012, p. 48).

Dessa carência de material também se ressentiu Tagnin (2013, p. 15) quando, em sua reflexão sobre a dificuldade de se aprender as expressões idiomáticas, reconheceu haver uma "gama de unidades linguísticas convencionais que o aprendiz de uma língua estrangeira desconheceria, mesmo que conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário básico de cor" e que, apesar de essas unidades ocorrerem em todas as línguas e ela apresentar em seu livro os tipos de unidades convencionais em inglês, muitas delas ainda não foram pesquisadas como deveriam, fazendo com que haja "pouco ou quase nenhum material publicado a respeito".

O falante constrói frases livremente de forma quase automática, mas existem certas sequências memorizadas usadas na construção do discurso que representam uma dificuldade acrescida para um aprendente de uma língua estrangeira e, pensando sobre esse viés, os trabalhos que focam tais estruturas estão a se desenvolver, haja vista os lançamentos em Congressos de Fraseologia e Paremiologia realizados recentemente no Brasil. Não se pode negar que os trabalhos nessa área realmente têm despertado o interesse de alunos desde a iniciação científica, e as linhas de pesquisa se têm multiplicado em programas de pós-graduação, ganhando espaço cada vez mais definido.

1.2 Os pragmatemas: definição e características

A linguagem em uso constitui o objeto de estudo da Pragmática. De acordo com Bardovi-Harlig; Mahan-Taylor (2003, p. 01), "A Pragmática não recebe em programas de ensino de língua a atenção que outras áreas recebem, mas as regras da linguagem em uso não devem ser secretas para aprendizes e professores" (tradução nossa).

Essa área da Linguística procura explicar, entre tantos aspectos do uso linguístico, i) os diversos sentidos atribuídos a uma expressão em virtude do contexto situacional no qual ela se manifesta; ii) como uma determinada expressão é entendida pelos usuários da língua que, inclusive, compreendem além do que ela significa e iii) por que, muitas vezes, os indivíduos verbalizam de maneira indireta seus pensamentos, desejos, pedidos, ordens e outros, demonstrando uma capacidade comunicativa de sugerir algo mais quando proferiu algo.

Conforme relato de Cardoso (2007) os agentes de uma interação discursiva usam a linguagem para comunicar algo de forma coerente por meio de uma frase ou uma sequência de frases e, com isso, buscam produzir efeito sobre o conhecimento ou comportamento uns dos outros. Como produto dessa interação, tem-se o discurso contextualizado no espaço e no tempo, no qual estão envolvidos uma componente linguística e elementos extralínguísticos como saber compartilhado, relações interpessoais, aspectos culturais, estatuto social etc.

Quando, nos estudos línguísticos, ultrapassamos os limites de unidades simples para abraçarmos a análise de unidades maiores que uma simples palavra, estamos adentrando o universo fraseológico e esse está constituído de diversos tipos de unidades lexicais pluriverbais[4], também chamadas fraseologismos ou unidades fraseológicas (UFs): expressões idiomáticas (EI), provérbios, frases feitas, gírias, colocações, locuções, clichês, frases proverbiais, modismos, idiotismos e refrões (ORTIZ ALVARES, 2000, p. 124-125). Assumimos, aqui, a mesma posição de Corpas Pastor (1996, p. 52 e 60) para quem as colocações, as locuções e os enunciados fraseológicos compreendem a totalidade de unidades fraseológicas que há na língua e que, nos enunciados fraseológicos, se encontram as fórmulas de rotina, circunscritas ao grupo conhecido como pragmatemas. É ela quem define as UF como unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas que se caracterizam pela alta frequência de uso, por sua fixação e especialização semântica, idiomaticidade, coaparição dos elementos integrantes e pelo grau em que ocorrem todos esses aspectos.

Sobre enunciados formulaicos, Sfar (1997, p. 7) afirma que também são considerados como expressões idiomáticas por estarem enraizados em nossa vida diária, por fazerem parte da linguagem coloquial, informal, escrita ou falada e porque são difíceis de ser interpretadas por falantes não-nativos. Para a autora, na verdade, esses enunciados fazem parte do léxico e seu estudo semântico inevitavelmente passa por um estudo do léxico. Mas, como o léxico sempre reflete a cultura ligada à língua, é necessário um conhecimento extralinguístico para compreendê-los e interpretá-los.

De acordo com Fulgêncio (2008) e Tagnin (2013), a classificação dessas unidades pode ser feita a partir de características sintáticas, semânticas e/ou pragmáticas e isso levando em conta a convencionalidade, aquilo que é de uso ou de praxe.

No nível pragmático, que é o de uso da língua em interacões sociais, observam-se dois aspectos: a situação para a qual se exige certo comportamento social e a expressão a ser

[4]Alguns autores preferem unidades polilexicais.

utilizada oportunamente. Tagnin (2013) exemplica algumas situações para as quais são esperadas ou usadas expressões verbais ou não verbais e que se tornam usuais: 1) cruzar com um colega no corredor e cumprimentá-lo com “Como vai” (formal) ou com “Oi”/“Tudo bem”(familiar) e até mesmo apenas com um sorriso; 2) uma pessoa dizer algo sobre alguém ausente e esse alguém aparece de repente, então a pessoa diz “Falando no diabo...”; 3) a pessoa se desculpar ao pisar o pé de alguém; 4) elogiar um presente, embora não tenha gostado, entre outras situações.

Tratando especificamente de unidades fraseológicas usadas em certas ocasiões, quer obrigatórias ou opcionais, Tagnin (2013, p. 117) as denomina fórmulas situacionais e sobre elas falaremos mais adiante. Distinguimos, neste trabalho, os tipos de pragmatemas constituídos por fórmulas de rotina e por fórmulas discursivas. Entendemos o primeiro tipo como toda expressão usada de forma rotineira em determinada situação, cumprindo uma função pragmática, com perdurabilidade de seus componentes (fixação formal) e, às vezes, com idiomaticidade. O segundo tipo, as fórmulas discursivas, engloba as expressões utilizadas para a organização do discurso e para a manutenção da fluidez dos intercâmbios conversacionais.

A seguir, o quadro-resumo que criamos para a classificação que Tagnin (2013) fez do nível pragmático de convencionalidade.

Quadro 1 - Resumo da classificação de Tagnin (2013) para o nível pragmático de convencionalidade

NÍVEL PRAGMÁTICO DE CONVENCIONALIDADE			
MARCADORES CONVERSACIONAIS		**TIPOS**	**EXEMPLOS**
		Opinião	Sinceramente, acho...
		Restrição	Sim, mas não esqueça...
		Digressão	Isso me lembra..., por falar em...
		Sugestão	Por que você não faz o seguinte...
		Tomar o turno	Gostaria de dizer algo.
		Manter o turno	Espere aí; bem, vamos ver...
		Deixar o turno	Qual a sua opinião?
FÓRMULAS SITUACIONAIS		**EXEMPLOS**	
Sintáticas	**Polidez distanciamento**	Será que eu poderia...? posso fumar?	
		Parece que você não vai passar; Que tal...?	
Fixas	**frases feitas citações provérbios**	Não seja infantil! Mais sorte na próxima!Divirta-se!	
		Como é para o bem do povo e... Diga ao povo que fico. (D. Pedro I)	
		Nem tudo que reluz é ouro. Tal pai, tal filho.	
de rotina	**saudações agradecimentos desculpas votos à mesa**	Bom dia, boa tarde, boa noite.	
		Muito obrigado. É muito gentil da sua parte.	
		Sinto muito. Desculpe-me.	
		Feliz aniversário! Muitas felicidades!Tudo de bom!	
		Bom apetite!O jantar está servido. É por minha conta.	

Fonte: elaborado pela autora

É, portanto, nesse nível, o pragmático, que concentramos nosso olhar ao emprender a tarefa de realizar o levantamento dos pragmatemas do português brasileiro, haja vista o reconhecimento de pesquisadores da Fraseologia sobre a pouca atenção dada a essa categoria. É o caso de Monteiro-Plantin (2012, p. 73), quando registra que os pragmatemas são estruturas presentes em todas as culturas e línguas "como condição à participação social e para a inclusão na categoria de bem educado", mas que

> Provavelmente esta seja a categoria que menos tem recebido atenção nos estudos fraseológicos, embora alguns de seus componentes venham sistematicamente sendo tratados nos estudos da Análise do Discurso ou da Pragmática; principalmente os dedicados aos atos de fala, polidez ou impolidez etc.

A seguir, um quadro-resumo em que apresentamos a divisão dos pragmatemas na visão de Monteiro-Plantin (2012).

Quadro 2 - Resumo da classificação dos pragmatemas segundo Monteiro-Plantin (2012)

PRAGMATEMAS			
			EXEMPLOS
1.Marcadores conversacionais			veja bem, por falar em..., posso interromper, sem dúvida, falou e disse, está entendendo?, o que eu estou querendo dizer é...
2.Fórmulas	**a. epistolares**		prezado senhor, sem mais para o momento, queira desconsiderar etc.
	b. religiosas		assim seja, a paz de Cristo, se Deus quiser, graças a Deus etc.
	c. ritualizadas		um brinde, meus parabéns, feliz páscoa, feliz Natal etc.
	d. situacionais		Proibido estacionar, acesso exclusivo a, passagem obrigatória etc
	e. de rotina	**cortesia/polidez**	com licença, pois não, tenha a bondade etc.
		descortesia/impolidez	cai fora, vai se danar, azar seu, tô nem aí etc.

Fonte: elaborado pela autora

Vale tecer algumas considerações acerca dos marcadores conversacionais, os primeiros tipos de pragmatemas nos quadros retroapresentados. Tagnin (2013, p. 109) não utiliza o termo pragmatemas, mas discrimina as expressões usadas no nível pragmático de convencionalidade, ou seja, no "nível de uso da língua em interações sociais".

Segundo Marcuschi (2003), a Análise da Conversação (AC), desde seu início, se preocupou com o caráter pragmático daquela que é a prática social mais comum do cotidiano

do ser humano: a conversação. A princípio predominaram os estudos organizacionais da conversação, mas hoje ela deve abranger outros aspectos como conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais partilhados e que possibilitam uma bem-sucedida interação. Com isso, não mais deve se limitar à análise de estruturas (organização), mas ir além e alcançar os processos cooperativos (interpretação) decorrentes de "informações contextuais e semânticas mutuamente construídas ou inferidas de pressupostos cognitivos, étnicos e culturais, entre outros".

Nesse viés pragmático, o autor reflete sobre o propósito da AC e assim registra:

> A rigor, a AC é uma tentativa de responder a questões do tipo: como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos lingüísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? (MARCUSCHI, 2003, p. 7).

Por essas indagações, percebemos o caráter dialógico da linguagem, pois, quando conversamos, geralmente utilizamos perguntas e respostas, afirmações e contestações e isso se dá havendo, pelo menos, duas pessoas. Além dessa, o autor apresenta outras características da conversação, a saber: acontecer, pelo menos, uma troca de falantes, ter uma sequência de ações coordenadas, acontecer numa identidade temporal, entendida como algo que acontece ao mesmo tempo e, por fim, envolver-se numa 'atividade centrada'.

Na interação é necessário ter atenção aos aspectos linguísticos, mas também aos paralinguísticos: olhares, movimentos do corpo, gestos, expressão facial, toques, entonação, velocidade e ritmo de fala, entre outros. Além disso, como bem afirma Marcuschi (2003, p. 16), "para produzir e sustentar uma conversação", os envolvidos "devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns", desde a "aptidão linguística, o envolvimento cultural até o domínio de situações sociais" e, embora seja sempre "situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados, não é necessário investigar todas as particularidades das situações para se fazer análise da conversação (MARCUSCHI, 2003, p. 17). Desse modo, ele apresenta alguns mecanismos-chave para a organização estrutural dessa interação: tomada de turno, falas simultâneas ou sobrepostas, pausas, silêncios, hesitações, reparações, correções, recursos de abertura e de fechamento.

É fundamentalmente no âmbito da tomada de turno que se concentram o que ele denominou de marcadores conversacionais, subdividindo-os como recursos verbais, não-verbais e suprassegmentais. Eis o seu registro:

> Quanto às suas funções, estes sinais servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores de falantes entre si. Podem aparecer em várias posições: na troca de falantes, na mudança de tópicos, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Fundamentalmente, eles podem operar como iniciadores (de turno ou unidade comunicativa) ou finalizadores (*sic*) (MARCUSCHI, 2003, p. 61)

Os marcadores representados pelos recursos verbais são descritos como aqueles que embora não contribuam com informações novas para o desenvolvimento do tópico, situam-se no contexto geral, particular ou pessoal da conversação e "formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas de grande ocorrência e recorrência".

A seguir, apresentamos um resumo das funções dos marcadores com base na descrição de Keller (1979, citado por MARCUSCHI, 2003 e TAGNIN, 2013):

- Marcadores de estruturação semântica - o falante usa, desejando que o ouvinte interprete o enunciado de uma certa maneira (opinião, restrição, digressão e sugestão). Ex.: do meu ponto de vista...; sim, mas veja...;antes que eu me esqueça...;por que você não faz o seguinte...
- Marcadores de sinalização do contexto social - usados para tomar, manter, deixar ou passar o turno, respectivamente: pode me dar um minuto?; espere aí...; é mais ou menos isso...;então, o que você acha?etc.
- Marcadores de sinalização da disposição de entendimento – indicam a disposição ou não disposição do falante para receber, fornecer e partilhar informações. Ex.: gostaria de saber mais sobre isso; vê se me deixa em paz; tenho algo a lhe dizer; não resta dúvida; não concordo de jeito nenhum etc.
- Marcadores de sinalização de controle da comunicação - para perceber a disposição do ouvinte em receber a mensagem. Ex.:Tá me ouvindo?E aí? Desculpe, não entendi a última parte etc.

Os marcadores, enfim, se encontram na classificação das fórmulas discursivas de que tratam Alvarado Ortega (2008) com base em Corpas Pastor (1996), visto ser essas fórmulas as responsáveis pela organização do discurso, estando divididas em dois tipos: fórmulas de abertura e de fechamento da conversação e as de transição que regulam a interação. O primeiro tipo aparece no princípio e ao final da conversação e o segundo, no meio da interação. Tais fórmulas por essas caracteríticas mantêm a fluidez dos intercâmbios conversacionais. Eis o que registra Alvarado Ortega (2008, p. 71, citando CORPAS PASTOR, 1996, p. 187, tradução nossa):

> Uma parte importante das fórmulas de rotina operam nos limites da interação em qualidade de sequências de abertura e fechamento ou de transição havendo se especializado pragmaticamente, quer dizer, sua função primordial consiste em facilitar o transcurso ordenado e regrado dos intercâmbios conversacionais.[5]

O segundo tipo de pragmatemas apresentado por Tagnin (2013) diz respeito às fórmulas fixas (provérbios, frases feitas, citações e fórmulas de rotina) às quais a autora dá o nome de fórmulas situacionais. Reconhece três tipos delas, a saber:

a) Fórmulas situacionais sintáticas – uma parte da estrutura é fixa e a outra variável, podendo ser de polidez (Ex.: *Você se incomodaria de* ...?) e de distanciamento (Ex.: *Parece que está chovendo*.)

b) Fórmulas fixas – abrange expressões como frases feitas (Ex.: *Não seja infantil!Você perdeu o juízo*?), citações (*Vim, vi, venci*, de Júlio César) ou provérbios (*Tal pai, tal filho*) ditas a pretexto de um comentário em uma determinada situação.

c) Fórmulas de rotina - usada em situações que exigem comportamento ritualizado. Ex.: Ao ser apresentado a alguém, sempre se diz (*Muito) prazer* e o outro responde *O prazer é (todo) meu*. Para esse tipo, a autora apresentou as categorias de saudações, agradecimento, desculpas, votos e situações à mesa.

No universo pragmático, percebemos elevada incidência do emprego de fórmulas, visto que sua ocorrência está associada a situações específicas e altamente previsíveis o que leva a um emprego ritualizado de expressões em determinadas situações, principalmente, as usadas no cotidiano e que são utilizamos como memorizadas. Brezolin (1995, p. 79) afirma:

> Essa previsibilidade está associada ao fato de que, nesse ritual, há um estímulo e uma resposta, ou seja, quando alguém diz ‘obrigado’, espera-se que o outro complete esse ritual com algo semelhante a ‘De nada’. Estando isso bem claro, é importante salientar que o sentido das fórmulas de rotina não pode ser apreendido por intermédio da semântica composicional, mas deve ser aprendido como uma unidade.

Em Blanco (2010) o termo empregado para pragmatema é frasema composicional e ele distingue dois tipos. O primeiro são os semânticos, aqueles que possuem restrição léxica entre a semântica e a sintaxe profunda. Se a restrição atingir apenas um dos componentes do sintagma, tem-se uma colocação e se atingir ambos os elementos, tem-se um clichê.

---

[5] Una parte importante de las fórmulas rutinarias operan en los límites de la interacción, en calidad de secuencias de apertura y cierre, o de transición, habiéndose especializado pragmáticamente en virtud de ello. Es decir, su función primordial consiste en facilitar el transcurso ordenado y reglado de los intercambios conversacionales.

O segundo tipo são os pragmáticos cuja restrição léxica é produzida entre o nível conceitual e o nível semântico. Para a adequada descrição destes é indispensável referir-se à situação comunicativa na qual foram enunciados. São exemplos citados pelo autor: Recém-pintado; Consumir preferencialmente antes de... e Bom apetite!

Assim, Blanco (2010) compreende que a razão do caráter fraseológico dos pragmatemas reside em que um conceito, em uma situação determinada, deve expressar-se de uma maneira restringida tanto no que se refere ao seu significado como ao seu significante. Disso se depreende que a descrição de um pragmatema deve conter uma indicação da situação comunicativa em que este pode ser utilizado e que tal indicação deve fazer parte da sintática do pragmatema. Por outro lado, como sua estrutura semântica não é livre, uma representação conceitual deve ser oferecida. É concordando com essa ideia do autor que nos propomos a acrescentar, ao lado do significado das expressões coletadas neste trabalho, o seu contexto de uso, detalhando-o explicitamente.

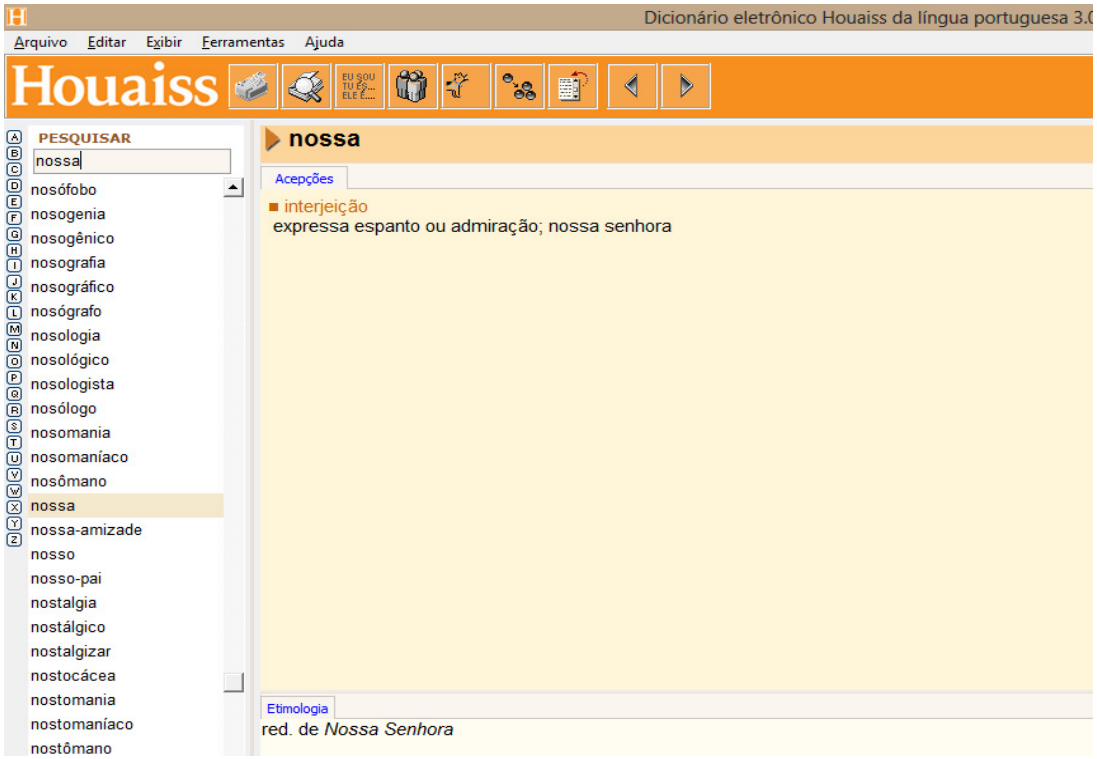
O autor apresenta a expressão *¡Mucha mierda!(*utilizada no mundo do teatro, para desejar sorte ao ator antes de sua atuação) como uma sequência com fixação pragmática e semântica para demonstrar que um pragmatema pode ser realizado por uma locução.

Consideramos relevante a sua afirmação de que a chave para uma boa distinção entre os pragmatemas e os clichês é determinar a situação comunicativa, pois aqueles devem se referir forçosamente a um ato de fala determinado dentro de uma situação de comunicação concreta. Ao fazer tal esclarecimento, o autor faz menção à carência de um inventário formalizado de situações comunicativas e aproveita para mencionar o trabalho lexicográfico de codificação como aquele que pode contribuir para que sejam lançadas as bases empíricas de um inventário de situações comunicativas do mesmo modo que a compilação de locuções contribui para a construção de uma semântica formalizada necessária para se determinar que sequência é ou não uma locução.

Blanco (2010) também afirma que a única diferença entre muitas expressões restringidas pragmaticamente e os pragmatemas diz respeito ao fato de aquelas serem formadas por apenas uma unidade léxica plena como, por exemplo, Olá! Diga-me! e Aluga-se! Lembra, entretanto, que muitas dessas expressões surgiram de um frasema. Essa afirmação reforça nossa crença de que há casos iguais em português, senão vejamos: Imagina! = imagina se isso me deu trabalho!; Cuidado! = tenha cuidado!; Obrigado! = eu estou obrigado(a) a lhe devolver o favor!; Pena! = que pena; Calma! = tenha calma!

Confirmamos nosso pensamento ao pesquisar em dicionários a expressão “Nossa!” usada para manifestar espanto ou admiração e que originou-se de “Valha-me, Nossa Senhora!”, expressão usada com referência à mãe de Jesus. É o que visualizamos na figura a seguir:

Figura 1 - Tela do dicionário Houaiss com o significado etimológico de “nossa”



Fonte: Dicionário Houaiss (2003)[6]

Em seu artigo, Blanco (2010) fala sobre o Pragµatema, projeto iniciado pelo grupo *f* LexSem da Universitat Autònoma de Barcelona do qual faz parte e levanta algumas questões prévias na constituição do inventário lexicográfico formalizado dos pragmatemas do espanhol, catalão e francês. A primeira dessas questões diz respeito ao fato de que, diferente de uma locução, um pragmatema não é uma unidade léxica, embora seja um signo linguístico, apresentando um significado, um significante e uma sintática. Também, diferente de uma locução, possui uma estrutura argumental interna e, portanto, não deve constituir uma entrada em um dicionário de unidades léxicas. Ele apresenta uma importante noção para o tratamento lexicográfico futuro dos pragmatemas, a noção de ancoragem: uma unidade lexical que permite caracterizar a situação comunicativa do pragmatema e a essa unidade lexical caberá a

[6] Como Licenciada pela compra do CD com o software do Dicionário Houaiss, obtivemos o direito “não exclusivo e intransferível de uso do programa... sem restrição quanto às suas aplicações”, conforme licença de uso do programa.

função de entrada à qual ficará associada a sua subentrada ou os pragmatemas correspondentes. O autor exemplifica com *¡Buenos días!*, expressão usada como saudação/cumprimento e, portanto, a âncora lexical será SAUDAÇÃO ou CUMPRIMENTO. Assim também com *Não desligue, por favor!*, pragmatema utilizado por ocasião de um telefonema e, por isso, a âncora lexical será TELEFONE. Tais âncoras não costumam aparecer no pragmatema, mas fazem parte do significado. Para o autor, num dicionário explicativo e combinatório, os pragmatemas aparecerão como subentradas associadas à macroestrutura principal, com uma apresentação semelhante à das funções léxicas no dicionário-padrão.

Neste projeto, o autor registra que os pragmatemas constituirão as entradas do inventário e aproveita para esclarecer, como já mencionamos, que a microestrutura de um inventário desse tipo, diferente do de locuções, deve comportar necessariamente uma indicação da situação comunicativa que restringe o pragmatema. Tal indicação não pertence ao significado, mas à sintática do pragmatema. Além disso, deverá ter uma representação semântica interna, indicando que ato de fala ocorre, seja uma advertência, proibição, saudação, um conselho etc.

Também acrescenta os três componentes das convenções de uso, a saber: situação, representação semântica (que pode conter um predicado de finalidade) e formas linguísticas que compõem o pragmatema e suas eventuais variantes.

Sob essa perspectiva, Huelva Unternbäumen (2015, p. 137, tradução nossa) também registra:

> ... convém assinalar que à categorização de unidades fraseológicas temos de atribuir maior complexidade cognitiva que a unidades lexicais. Essa maior complexidade reside no fato de que com o uso de unidades fraseológicas conceituamos estados de coisas, eventos, ações e atitudes de pessoas, relações sociais entre pessoas e outras entidade de natureza semelhante, que se caracterizam por abarcar um conjunto de entidades individuais que se relacionam entre si em determinados domínios conceituais.[7]

De forma consciente, Blanco (2010) ainda aponta alguns problemas para os quais deverão buscar soluções no projeto:

a) como descrever de maneira formalizada as condições de uso do pragmatema;

---

[7] ...conviene señalar que a la categorización de unidades fraseológicas le hemos de atribuir una mayor complejidad cognitiva que a la de unidades lexicales. Esta mayor complejidad reside en el hecho de que con el uso de unidades fraseológicas conceptuamos estados de cosas, eventos, acciones y actitudes de personas, relaciones sociales entre personas y otras entidades de naturaleza semejante, que se caracterizan por abarcar un conjunto de entidades individuales que se relacionan entre sí en determinados dominios conceptuales.

b) como serão registradas as variantes (sejam as sequências com mesma representação semântica e diferente representação sintática e os que apresentam unicamente diferenças morfológicas, fonéticas ou grafemáticas) e ainda

c) como serão registrados os pragmatemas veiculados por meio de outros sistemas semióticos (informações prosódica e icônica, descrição e análise do humor etc.).

Tendo em consideração as dificuldades referidas, acreditamos que a resposta pode ser dada por meio da constituição de um dicionário eletrônico elaborado num aplicativo que permite a utilização de *links*, áudio, vídeo e que permita a rápida e constante manipulação (entrada, retirada, correção) do material a ser consultado.

Em estudo sobre a unidade lexicográfica, Iriarte Sanromán (2001) usa o termo e o conceito de pragmatema e, embora se afastando do posicionamento teórico de Igor Mel'chuk (1995), com respeito ao tratamento lexicográfico dos pragmatemas, apresenta a distinção que o estudioso faz entre frasemas pragmáticos (pragmatemas) e frasemas semânticos:

> o pragmatema é uma estrutura cujo significado 'X' não é construído livremente (embora possa ser regular) a partir de uma Representação Conceptual determinada (que o falante quer verbalizar), quer dizer, não pode ser substituído por qualquer outro significado sinônimo 'Y' construído livremente, por meio das regras gerais da língua, a partir dessa Representação Conceptual, para esse mesmo contexto situacional.

Ele faz menção às construções que o teórico apresenta como exemplos de pragmatemas: *Consumir de preferência antes do fim de ou Consumir até*; *Volto já; Pré-pagamento; Desisto* (admitindo ou aceitando a derrota ou, num jogo, quando se desiste de tentar adivinhar, etc.); *Parabéns*; (*Muitas*) *felicidades* (com equivalentes espanhóis para as duas fórmulas como *Felicidades, Feliz cumpleaños, Enhorabuena, (Buena) suerte, Que seas (muy) feliz,* etc. Por fim, apresenta duas características que distinguem este tipo de unidades lexicalizadas e habitualizadas dos frasemas: o fato de não serem necessariamente unidades pluriverbais (*Desisto, Pré-pagamento, Parabéns, Felicidades*) e o fato de equivalerem a enunciados completos e constituírem por si próprios atos de linguagem.

Iriarte Sanromán (2001) assume que as parêmias (provérbios, citações literárias, lugares comuns, etc.) poderão estar incluídas dentro dos pragmatemas, mas faz a ressalva de que tal afirmação é passível de contestação, visto que nem sempre são constituídas por combinações lexicais restritas e sua interpretação não depende apenas do contexto situacional. Contestamos, sim, a sua ideia inicial, exatamente por achar que a interpretação de alguns provérbios e lugares comuns independem do contexto situacional, como é o caso

dos provérbios explícitos de que trata Frosi (2012, p. 72 e 73) ao registrar:

> O provérbio explícito dá-se comumente através de enunciações que expressam o saber popular. Esse tipo de provérbio abarca os aforismos populares, (...) De modo geral, esses provérbios comunicam verdades com transparência de sentidos que são entendidas de forma imediata.

Sob a perspectiva caseriana de que somente os provérbios de origem obscura deveriam ser incluídos no dicionário, em clara referência à não composicionalidade da construção, Iriarte Sanromán (2001) registra que isso também poderia ser dito das fórmulas de rotina, pois do ponto de vista da combinação dos elementos (no caso de se tratar de unidades pluriverbais), em geral, apresentam um grau de fixação menor do que as parêmias e os frasemas. Todavia, ele apresenta um forte argumento para se levar as fórmulas de rotina em consideração na análise lexicográfica, ideia com a qual concordamos: a petrificação semântica que apresentam. O autor, em consonância com outros autores (CORPAS, 1996; ALVARADO ORTEGA, 2008), acredita que as fórmulas de rotina adquirem um significado especializado em vista de seu uso em contexto. Além de usar esse argumento, Iriarte Sanromán (2001, p. 283) finda por defender a ideia mencionada a seguir, a qual passamos a defender e que motivou um dos objetivos de nossa pesquisa:

> um repertório mais ou menos vasto das chamadas *funções comunicativas* utilizadas pelos métodos nócio-funcionais podem ter mais utilidade na prática lexicográfica em forma de descritores que conformem um *thesaurus*, cuja função principal será a de classificar os pragmatemas não tanto do ponto de vista formal ou funcional (sintáctico) como do ponto de vista pragmático, segundo a força ilocutória destas unidades.

O autor também se refere ao tipo mais importante de pragmatemas, o de *fórmulas de rotina*, como fórmulas para realizar atos de linguagem ou as fórmulas conversacionais. Ele as apresenta como orações do tipo exclamativas, imperativas ou interrogativas que o falante conhece e utiliza durante a conversação, dependendo de suas exigências comunicativas para expressar surpresa, assombro, admiração, repúdio, raiva ou repulsa. Além do mais, pelo reiterado uso, se transformam em estruturas pré-fabricadas e parcialmente fixas no desenvolvimento dos intercâmbios verbais cotidianos, ao ponto de se converter em verdadeiros rituais, úteis para ‘manter a harmonia social e fazer a conversação mais rápida e eficaz ajustando-se a uma norma aceita pela comunidade falante: o desejo de transmitir informações ou simplesmente emoções de forma coerente, econômica e fluida’ (IRIARTE

SANROMÁN, 2001, p. 283, tradução nossa).[8]

Apresentamos, então, nossa concepção de pragmatema. Trata-se de um termo hiperonímico que abarca unidades simples e compostas, pré-fabricadas, usadas em interações sociais cotidianas e cujo entendimento é mediado pelo contexto situacional. Como exemplo, citamos: *Atenção! Saúde! Parabéns! Obrigado! Sinto muito! Está servido? Desculpe. Falando no diabo ...*

No presente trabalho, fazemos um primeiro recorte e apresentamos as fórmulas de rotina, sobre as quais discorremos a seguir.

1.2.1 As fórmulas de rotina: estudos e pesquisas

"As fórmulas são atos de fala utilizados para dar cabo de algumas ações convencionalizadas ou ritualizadas da vida cotidiana." (Alvarado Ortega)

O termo fórmula, segundo Glenk (2007, p. 189 e 190), foi difundido por Coulmas e designa todas as cristalizações linguísticas que mostram fixidez pragmática, mesmo que não se apresentem como fraseologismo, ou seja, como um grupo de, no mínimo, duas palavras e, no máximo, com a extensão de uma frase (Exemplos em português: Alô! Olá! Saúde!Tudo bem?Antes tarde do que nunca. A reunião está encerrada, etc). A fixidez pragmática a que se refere a autora diz respeito ao fato de os interlocutores as reproduzirem em determinadas situações comunicativas para, de modo efetivo e rotineiro, darem conta de determinadas tarefas comunicativas. Para ela, o termo formulaico abrange meios e estruturas pré-formadas utilizadas pelos interlocutores para facilitar a produção de textos e garantir "uma ação linguística adequada às normas comunicativas". Assim, ela conclui que a formulaicidade se configura "um recurso linguístico-comunicativo" para dar conta de problemas recorrentes de comunicação e formulação e é "adquirido através da experiência comunicativa". Sob a perspectiva da formulaicidade, a autora distingue as fórmulas de rotina das fórmulas discursivas, atentando ao fato de estar ou não atrelada à situação e de ser ou não dependente do contexto. A autora apresenta as fórmulas de rotina, portanto, como aquelas atreladas à situação, mas independentes do contexto.

---

[8] ... mantener la armonía social y hacer la conversación más rápida y eficaz ajustándose a una norma aceptada por la comunidad hablante: el deseo de transmitir informaciones o simplemente emociones de forma coherente, económica y fluida.

Alvarado Ortega (2008, p. 91 e 92, tradução nossa) registra:

> ...podemos adiantar que existem vários tipos: *fórmulas de rotina subjetivas*, que são utilizadas em situacões concretas da vida cotidiana para expresar emocões e sentimentos do falante *(¡por fin!, ¿qué quieres que te diga?*); *fórmulas discursivas*, que servem para organizar, estruturar e fazer transcorrer a conversa (*y bueno, buenos días, y tal, y eso*) e *fórmulas lógicas*, que servem para pedir que o ouvinte reaja diante de algo (*al grano, no te pongas así*), e que mostram o caráter de verdade sobre a fonte de onde provém a informacão (*ya te digo, te lo juro*).[9].

Brezolin (1995, p. 79), com relação às fórmulas de rotina e com base nas declarações de Coulmas assim afirma:

> ...devem ser vistas como uma expressão idiomática, cujas partes constituintes não podem mais ser interpretadas literalmente, mas compreendidas à luz do aspecto pragmático das interações humanas. Assim, a ocorrência de fórmulas de rotina está intimamente associada a situações específicas que, de certa maneira, são altamente previsíveis no decorrer dos fatos; portanto, seu sentido é condicionado pragmaticamente e seu uso motivado pelas caracteríticas dessas situações sociais.

Ao se referir às fórmulas de rotina, Tagnin (2013, p. 124) as engloba nas fórmulas situacionais e assim registra:

> Essas são as fórmulas situacionais propriamente ditas. São também fórmulas fixas...Estão intimamente vinculadas aos diversos atos de fala, tanto assim que já há estudos nas áreas de saudações, agradecimentos, elogios, reclamações, desculpas, votos (de aniversário, de boas festas, de pronto restabelecimento etc.).

Sendo, portanto, atos de fala, convém ressaltar a importância do estudo e, consequentemente, do aprendizado das fórmulas rotineiras não apenas por serem frequentes na conversação diária, mas por denunciar a fluência ou não do falante no emprego dessas estruturas em contextos apropriados. Em se tratando de aprendizes estrangeiros, não seria nada natural ouvir um falante de inglês, ao ser apresentado a uma pessoa em português, cumprimentá-la com "É agradável encontrar você." Embora totalmente gramatical, a frase soa estranha porque não é assim que se diz em português. Essa forma é a tradução *ipsis litteris* para *Nice to meet you*, mas, na verdade, em português dizemos Prazer em conhecer.

Em nossa pesquisa, inspiramo-nos em trabalhos de língua espanhola acerca de aspectos dos pragmatemas e das fórmulas de rotina que já foram investigados, tanto com vistas ao ensino quanto à aprendizagem de nativos ou estrangeiros, a saber: frequência de uso, características e significado. Seguem adiante ponderações e posicionamentos de alguns autores (em ordem cronológica de publicação) acerca do tema fórmulas de rotina.

---

[9] podemos adelantar que existen varios tipos: *fórmulas rutinarias subjetivas*, que se utilizan en situaciones concretas de la vida cotidiana para expresar emociones y sentimientos del hablante *(¡por fin!, ¿qué quieres que te diga?*); *fórmulas rutinarias discursivas*, que sirven para organizar, estructurar y hacer transcurrir la conversación (*y bueno, buenos días, y tal, y eso*); y *fórmulas rutinarias lógicas*, que sirven para pedir que el oyente reaccione ante un hecho (*al grano, no te pongas así*), y que muestran el carácter de verdad sobre la fuente de la que proviene la información (*ya te digo, te lo juro*).

1.2.2. *Definição das fórmulas de rotina em dicionários*

A seguir, damos a conhecer aspectos importantes de dois estudos realizados sobre a problemática de fórmulas de rotina em dicionários. O primeiro realizado por Fiume (2005) sobre a definição das fórmulas de rotina nos dicionários para ensino de espanhol como língua estrangeira e o segundo que realizamos (como atividade-piloto) para reforçar a ideia de se ter material de referência sobre os pragmatemas do português brasileiro.

Em seu estudo, Fiume (2005) analisou o tratamento dado às fórmulas em dois dicionários, a saber: *Diccionario Salamanca de la lengua española* e o *Clave – Diccionario de uso del español actual*. A justificativa dada pela autora foi que tais dicionários se apresentam como obras didáticas de consulta voltadas para a comunidade estudantil, tanto nativa como estrangeira e, assim, são usadas como instrumento para aprofundar e melhorar o conhecimento da língua. Registrou que esses dicionários precisam ter em conta o público a que se dirigem, principalmente estudantes estrangeiros que desconhecem frases feitas, refrães, ditos e modismos assimilados pelos nativos desde tenra idade.

Fiume (2005) realizou, então, uma comparação das definições registradas nos dicionários retromencionados, a fim de comprovar qual tipo de definição era utilizada e verificar se as explicações apresentadas eram suficientemente claras para o usuário. Tendo em mente as aulas para estrangeiros, a autora denunciou a necessidade de explicações claras e exaustivas do uso de determinadas expressões em contextos específicos, principalmente das que apresentam maior grau de idiomaticidade. Nesse contexto, lançou mão da ideia propagada por Penadés Martínez (2001, p. 86) de que, ao serem examinadas as definições lexicográficas das fórmulas de rotina, comprova-se que cada uma delas pode se vincular a um conteúdo funcional por sua definição e, por isso, Fiume (2005) afirmou que os dicionários deveriam dar uma explicação completa das fórmulas sob o ponto de vista semântico e pragmático, opinião a que sou favorável. Também afirmou que os dicionários gerais não diferenciam as unidades fraseológicas, reunindo todos os tipos numa única categoria chamada locuções. Com isso, os usuários não podem diferenciar colocações, locuções e fórmulas de rotina. Nesse contexto, podemos afirmar, com base no uso constante que fazemos dos dicionários em nossa prática laboral, que em português acontece da mesma forma.

Após fazer a distinção entre definição (informação dada num dicionário sobre determinada entrada) e acepção (sentidos apresentados por palavra ou frase em determinado contexto), Fiume (2005) registrou os requisitos necessários a serem cumpridos pelas definições em todo trabalho lexicográfico, a saber:

1. a unidade léxica definida não deve figurar na definição;
2. da definição não deve transparecer nenhuma inclinação ideológica e
3. a definição deve ser simples, clara e utilizar palavras pertencentes à língua em uso.

Nessa perspectiva, a autora reconheceu que essas três regras apresentam problemas e nem sempre se consegue respeitá-las.

Ela também mencionou os critérios pelos quais se podem distinguir vários tipos de definições:

a) natureza da linguagem empregada;

b) natureza do definido e a informação proporcionada e, por fim,

c) a estrutura sintática da definição.

Para seu estudo, a autora focou o primeiro critério que se divide em duas categorias com relação às definições:

a) próprias ou parafrásticas que se dividem em hiperonímicas, sinonímicas e antonímicas com pretensão de refletir o sentido das palavras em determinados contextos;
b) impróprias ou metalinguísticas que não explicam o significado de uma palavra, mas sua modalidade e finalidade de uso. Essa última é apontada por ela como normalmente usada na maioria dos dicionários para definir as fórmulas de rotina.

Em sua análise, Fiume (2005) deixou de lado as fórmulas utilizadas para saudar ou se despedir que, para ela, são mais compreensíveis, e se concentrou nas que se constroem com os verbos ir, dar, faltar, saber, ver e informar, em virtude da abundância de expressões existentes com esses verbos e da frequência com que são utilizadas na comunicação diária. Em nossa pesquisa, não excluiremos aquelas, em virtude do objetivo por nós pretendido de repertoriar as fórmulas utilizadas no português.

Ela apresentou o *Diccionario Salamanca de la lengua española* da mesma forma que o autor descreveu, como um dicionário de uso no qual as definições foram pensadas para ser exaustivas e aclaradoras. Inclui não apenas palavras, sinônimos e antônimos com suas marcas morfológicas e sintáticas como também refrães, locuções e frases feitas e, para facilitar a busca, é anteposto à definição das entradas a marca de uso (restringido) e registro (vulgar, coloquial, rural, jargoneiro, literário, culto, administrativo e afetado). Introduz, além disso,

marcas pragmáticas, especificando o uso de alguns termos e algumas expressões em certas circunstâncias, embora nunca fale de fórmulas, mas de frases e locuções. O maior número de fórmulas desse dicionário aparece com o verbo *ir* e um asterisco (*) acompanha a palavra em cuja entrada se pode encontrar a definição da expressão como, por exemplo, a expressão exclamativa *¡Vaya por Dios*!* terá sua definição no lema *Dios.* A autora, porém, advertiu que, embora essa forma de remissão seja mais efetiva na economia do dicionário, pode dificultar e aumentar o tempo de busca por parte dos usuários, fato que mereceu atenção em nossa pesquisa. Também é colocada uma barra (/) para apresentar as variantes de cada fórmula e parênteses () para as palavras opcionais, como se pode observar a seguir:

> **Espárrago** s.m. [...] Fr. y Loe. **ir/ mandar a freír espárragos** COLOQUIAL; DISGUSTO, ENFADO. Rechazar <una persona> a una persona o a una cosa: *Déjame en paz, vete a freír espárragos. Estoy harto de esta moto la voy a mandar a freír espárragos (op. cit. p. 272).*

Analisando a forma como tal expressão é apresentada no dicionário, a autora se ressentiu de que, não sendo o registro vulgar e sim coloquial, deveria haver uma explicação de que seu uso é mais tolerado em conversações informais, que a expressão é eufemística e que expressa repúdio ou aborrecimento. Nesse sentido, concordamos com a pesquisadora e em nossa pesquisa propomo-nos a realizar a distinção de registro, marcando-o na descrição dos pragmatemas, especificamente, no das fórmulas de rotina.

Fiume (2005) também registrou um exemplo em que a fórmula propriamente dita tem sua definição apresentada de forma metalinguística através da estrutura "expressão que serve para..", além de apresentar uma variante na forma impessoal (*vamos a hacer*), como se pode ver a seguir:

> **Hacer v. tr. [...] Fr.** y Loe. **[...] Qué le voy/ vas/ vamos a hacer** Expresión que sirve para aconsejar paciencia ante una cosa o ante una situación inevitable: «Siento no haberte podido traer los libros - «Qué le vamos a hacer no te preocupes)». Qué se le va a hacer.

Apesar de reconhecer o Salamanca como um dicionário que registra muitas fórmulas de rotina, a maioria pertencente à linguagem coloquial, e de afirmar que o uso dessas fórmulas é tão frequente que um estudante estrangeiro não pode evitar aprendê-las, a autora apresentou outras críticas em relação a algumas expressões:

a. ocorre inconstância de tratamento (ora há definição clara e exaustiva, ora restrita e tautológica);

b. há registro de apenas uma das acepções;

c. não há uma devida contextualização de uso;

d. ocorrem incongruências, entre outras.

Por conta disso, ela concluiu: um público não especialista não pode diferenciar entre fórmulas de rotina e locuções, a partir das definições no dicionário estudado.

Em se tratando do dicionário Clave, a autora apresentou as seguintes informações: destina-se a todos os falantes de espanhol, inclusive aos da América Latina, apresentando um repertório da norma viva e atual com suficiente informação ortográfica, gramatical, semântica e pragmática, a fim de que seus usuários possam entender e produzir enunciados orais e textos escritos com a garantia de bom uso. Registra apenas locuções e, no mesmo espaço destinado às locuções, registra as colocações e as fórmulas de rotina sem diferenciá-las. A definição vem precedida, às vezes, por marcas de registro de uso (coloquial, vulgar etc.), mas não de marcas pragmáticas ou indicações gramaticais. Às vezes são acrescentadas notas sobre etimologia, sintaxe, morfologia, semântica e pronúncia.

Assim, tomando conhecimento do trabalho realizado por Fiume (2005) e levando em conta as observações aqui mencionadas, cremos ser razoável atentar para tais considerações quando da elaboração de obras lexicográficas envolvendo fórmulas de rotina em língua portuguesa, a fim de se contornar dificuldades na compreensão e no uso de tais fórmulas e, com isso, contribuir para um melhor aproveitamento dos usuários.

E, aproveitando as ideias do estudo retromencionado, procedemos a uma investigação, numa primeira etapa desta pesquisa, tendo como objetivo avaliar o tratamento dado aos pragmatemas nos dicionários de língua portuguesa Houaiss e Michaellis.

Como já amplamente referido, o tratamento dado aos fraseologismos em dicionários da língua portuguesa, antes alvo de críticas, hoje têm sido objeto de estudo com os avanços da Fraseologia.

Acreditando que os dicionários não trazem a averbação de muitas fórmulas empregadas rotineiramente pelos falantes brasileiros e, quando aparecem, são apresentadas como subentradas ou sob a denominação de locuções, fizemos uma investigação como parte desse trabalho maior, objetivando analisar como alguns pragmatemas são apresentados nos dois dos principais dicionários de língua portuguesa, o Houaiss e o Michaelis, já mencionados.

Para fundamentar especificamente essa investigação, apoiamo-nos em Xatara (1998), Olímpio de Oliveira Silva (2004) e em Silva (s/d) por concordar com suas ideias as quais citamos a seguir:

O estudo de Xatara (1998) apresentou questões teóricas e práticas relacionadas aos estudos lexicológicos e ao tratamento lexicográfico das expressões idiomáticas, enfocando a problemática de seu conceito e de suas marcas de frequência, de espaço e de tempo, além de suas marcas sociais. Ela registrou:

> A elaboração de dicionários especiais de EI também carece de sistematização, pois geralmente essas expressões são tratadas de um modo excessivamente amplo. Juntam-se a elas unidades lexicais muito heterogêneas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais, perífrases verbais, provérbios, ditados, gírias, fraseologismos técnico-científicos etc (XATARA, 1998, p. 7).

Olímpio de Oliveira Silva (2004) examinou o tratamento dispensado à definição das UF em alguns dicionários (Diccionario de uso del español actual-CLAVE, Diccionario del español actual-DEA, Diccionario fraseológico del español moderno-DFEM, Diccionario de locuciones verbales para la enseñanza del español- DICLOCVER etc.). O objetivo de seu trabalho foi averiguar a adequação didática desse tratamento e concluiu:

> É evidente que a prática lexicográfica atual é ainda deficiente. A inclusão de outra UF na definição de uma unidade, a falta de distinção entre acepções diferentes, a falta de vigência da definição ou inclusive a ausência de acepções vigentes, a escassez de informações importantes de acordo com o significado fraseológico, como podem ser as informações pragmáticas, são uma mostra disso. Esta inadequação põe em dúvida, pois, a eficácia didática das definições lexicográficas dos elementos fraseológicos. Os usuários estrangeiros necessitam de informações claras e completas sobre o significado de uma UF e parece evidente que muitas obras não atendem a estas necessidades. Cabe reivindicar, pois, uma revisão urgente do tratamento da definição lexicográfica das UF. (OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2004, p. 625, 626, tradução nossa) [10]

Em artigo que apresenta uma amostragem de seu Dicionário brasileiro de Fraseologia, Silva (s/d) registra que sua obra se propõe a ser um *corpus* completo das expressões e frases feitas brasileiras. A justificativa para seu propósito foi a "constatação da inexistência de material organizado e suficientemente amplo" que desse suporte a "estudiosos de nosso modo de dizer". Ele se expressa da seguinte forma:

---

[10] **…**es evidente que la praxis lexicográfica actual es todavía deficiente. La inclusión de otra UF en la definición de una unidad, la falta de distinción entre acepciones distintas, la falta de vigencia de la definición o incluso la ausencia de acepciones vigentes, la escasez de informaciones importantes que conforman el significado fraseológico, como pueden ser las informaciones pragmáticas, son una muestra de ello. Esta inadecuación pone en tela de juicio, pues, la eficacia didáctica de las definiciones lexicográficas de los elementos fraseológicos. Los usuarios extranjeros necesitan informaciones claras y completas sobre el significado de una UF, y parece evidente que muchas obras no atienden a estas necesidades. Cabe reivindicar, pues, una revisión urgente del tratamiento de la definición lexicográfica de las UF.

> As diferentes formas do "discurso repetido" da língua portuguesa ainda não foram organizados em coletâneas suficientemente amplas para que o pesquisador interessado possa obter um corpus representativo da literatura oral de nossa língua. Apesar de não ser um problema específico da língua portuguesa, mas de todas as línguas e de todas as literaturas, precisamos buscar a definição e a classificação mais precisa possível para cada um dos diversos tipos dessas expressões lingüísticas, para que elas possam ser melhor estudadas, conhecidas e utilizadas pelas pessoas cultas, nas ocasiões em que elas se tornarem convenientes e necessárias (*sic*).

Refletindo, portanto, sobre essa problemática da definição de UF em dicionários brasileiros, escolhemos as fórmulas de rotina *muito obrigado/a, sinto muito, tudo de bom e está servido?* e tentamos localizá-las nos dicionários Houaiss e Michaelis por meio de um dos elementos constitutivos. Quando encontrada, verificamos abonações, usos, contextos em que são encontradas e o sentido a elas atribuído. Assim, obtivemos como resultado:

1) O dicionário Houaiss:

- traz *Muito obrigado* no verbete obrigado, mas exemplifica apenas com a lexia simples *obrigado* sem apresentar nenhuma abonação;
- registra *Sinto muito* apenas como exemplo na 12ª acepção do verbete 'sentir' e
- não traz registro de *Tudo de bom* nem de *Está servido* em nenhum dos termos que constitui cada expressão.

2) O dicionário Michaelis:

- averba *Muito obrigado* no verbete *obrigado*, mas também não apresenta nenhum exemplo nem abonação;
- não registra *Sinto muito* nem *Tudo de bom* e
- registra *É servido/Está servido?* como fórmula de cortesia, mas não apresenta nenhum exemplo e nem abonação.

Como análise dos dados acima descritos tivemos:

a) *Muito obrigado (a)* – encontramos nos dois dicionários pesquisados a partir do verbete *obrigado*. No Houaiss, não aparece acompanhado de *muito* e é registrado em dois exemplos. Consideramos que o sentido atribuído ao termo "que se sente devedor de um favor, de uma amabilidade; agradecido, grato (empr. tb. com certo valor interjectivo, em construções originalmente elípticas)" torna-se confuso quando utiliza uma informação gramatical (interjectivo), uma palavra abreviada (orign.) e um termo não muito conhecido (elípticas) dentro dos parênteses, o que obrigará o usuário a fazer outras pesquisas para compreender o que foi registrado. No dicionário Michaelis, não aparece nenhum exemplo e o significado é expresso depois de uma abreviatura (interj.) cujo sentido não é possível localizar. Um estudante estrangeiro, para ter êxito

ao buscar o sentido da fórmula *Muito obrigado*, terá que lançar mão de outros conhecimentos, com certeza.

b) *Sinto muito* – Para encontrar a expressão, é necessário buscar no verbete *sentir* (forma infinitiva do verbo) e, no Houaiss, só aparece na 12ª acepção em forma de um exemplo.

c) *Tudo de bom* – não há registro para essa expressão em nenhum dos dicionários, nem com o sentido de "ser o melhor" nem como fórmula usada para se desejar que tudo corra bem para uma pessoa.

d) *Está servido* - Para encontrar, é necessário buscar no verbete *servido* (adjetivo e forma participial do verbo servir). É apresentado como fórmula de cortesia e o sentido é esclarecido por meio da descrição do contexto em que tal expressão é usada. Isso, certamente, facilita a comprensão do usuário.

Analisando dessa forma, pudemos então concluir que a busca por pragmatemas nos dicionários Houaiss e Michaelis se constitui realmente um prato cheio para se procurar agulha em palheiro, visto que muitos não são registrados e, quando o são, não possuem uma apresentação sistemática, com significado claro, entradas de fácil localização, exemplos esclarecedores e abonações convincentes.

Pudemos, também, perceber quão importante se torna, na prática lexicográfica, a sistemática definição e classificação mais precisa desses tipos de estruturas, para que, no momento em que forem consultados, possam ser compreendidos e passem a ser utilizados nas ocasiões em que se tornarem pertinentes, necessários. E, sob essa perspectiva, concordamos com Tagnin (2013, p. 98) quando afirma que "Os dicionários e livros-texto que arrolam expressões idiomáticas, muitas vezes, não fazem diferença entre expressões convencionais e expressões idiomáticas, por não entenderem idiomático no sentido de 'significado não transparente.' Assim, diante dessas conclusões, mais reforçamos a ideia de que a elaboração de um dicionário que amenize tais carências se faz necessário e, por que não dizer, urgente, visto que nas interações comunicativas, o que se requer do falante é o uso adequado dessas estruturas, caracterizando a competência fraseológica definida por Ortiz Alvarez (2015, p. 280, 282) como

> a capacidade de mobilizar saberes e conhecimentos adquiridos e experenciados para conseguir identificar, compreender, reconhecer, interpretar e decifrar uma unidade fraseológica dentro de um determinado contexto; é saber processar a informação e carga cultural registrada nessas expressões, características do povo e comunidade que as criou e institucionalizou e assim poder reutilizá-las em outras situações

> comunicativas de acordo com os objetivos dos sujeitos agentes da interação e do contexto em que se inserem.

Essa competência de que trata a autora faz parte da competência comunicativa, necessária a todos os atores da interação para que reconheçam, decodifiquem, interpretem e usem adequadamente tais estruturas fraseológicas. Para ela, é necessário desenvolver essas duas competências, já que é mais fácil o falante adaptar sua linguagem às variáveis de determinada situação comunicativa, mas "impossível interpretar a maior parte dos atos comunicativos sem conhecer o contexto comunicativo."

1.2.3 Dicionarização das fórmulas de rotina: padrões interacionais

Glenk (2007), discorrendo sobre o termo "fórmula" e levando em conta as ideias de Coulmas e Stein, afirma que tal termo abrange todas as formas linguísticas cristalizadas que apresentam especial fixidez sem serem, contudo, obrigatoriamente fraseologismos no que se refere a ter, no mínimo, duas palavras e, no máximo, a extensão de uma frase. Afirma, com base em Stein, que tais estruturas apresentam fixidez pragmática por serem reproduzidas de modo rotineiro pelos interlocutores na realização de determinadas tarefas comunicativas em certas situações comunicativas. A autora conclui que a formulaicidade constitui-se recurso linguístico-comunicativo já que, na experiência comunicativa, são utilizados rotineiramente meios e estruturas pré-fabricadas para facilitar a produção de texto e garantir uma "ação linguística adequada às normas comunicativas". Nesse sentido, distingue as fórmulas com base na situação e divide-as em dois tipos, atreladas à situação e não atreladas à situação, conforme descrição abaixo:

1) Fórmulas atreladas à situação e independente do contexto, as chamadas fórmulas de rotina - podem ser classificadas como fórmulas de:
    a. Polidez;
    b. Agradecimento;
    c. Cumprimento;
    d. Despedida;
    e. Conversação;

f. Repreensão;

g. Comentário; entre outras.

Eis alguns exemplos do alemão apresentados pela pesquisadora e traduzidos para o português: *Atenção, por favor! Estou pasma! Que droga! Sem dúvida! Você que sabe! e Deixa pra lá!*

2) Fórmulas não atreladas à situação e dependentes do contexto, as chamadas fórmulas discursivas – a serem utilizadas na interação, com ocorrência perceptível contextualmente. Exemplos: *eu acho, falando sem rodeios, sabe* etc.

Sendo assim, acreditamos, como Glenk (2007), que as fórmulas contribuem para a comunicação oral ou escrita e assumem funções de organização do discurso, a saber:

1. Troca de turnos;
2. Integração da produção e da recepção;
3. Sinalização da familiaridade entre os interlocutores;
4. Desenvolvimento livre do assunto;
5. Cruzamento de situações, entre outras.

Provavelmente as fórmulas se constituem o que há de mais fixo na comunicação, visto que determinadas expressões linguísticas são requeridas por determinadas situações (GLENK, 2007). A autora respalda sua afirmação citando os seguintes exemplos:

1) Afastem-se das portas - fórmula proferida pelos controladores do metrô e dirigida às pessoas antes de fechar as portas;

2) Bom dia – considerada um pouco menos fixa, é usada quando se encontra um conhecido e não se quer infringir o código da polidez, porém há certa liberdade de escolha;

3) Feliz aniversário – menos fixa ainda, essa fórmula pode ser substituída por outras semelhantes e seu uso pode ser até opcional, caso se queira ignorar o aniversário de alguém;

4) Macacos me mordam! – em nível menos fixo, pragmaticamente falando, tal fórmula expressa um espanto ou surpresa de maneira bem jovial, os quais podem ser expressos

das mais variadas maneiras ou mesmo deixar de ser expressos. Sobre esse exemplo, apenas refletimos se ainda hoje tal expressão caracteriza essa jovialidade de que fala a autora, visto que prevalecem no linguajar jovial expressões giriescas como " *Fala sério!, Véio, na moral, na boa! Que que é isso companheiro/macho/ma/ rapaz(rapá)/cara?*

De acordo com Glenk (2007, citando BURGER; BUHOFER; SIALM (1982), as fórmulas foram denominadas 'fraseologismos pragmáticos' e mais tarde 'fraseologismos comunicativos' e/ou 'fórmulas de rotina' englobando tanto as ligadas à situação, quanto as discursivas.

Em relato remissivo, a autora faz referência a uma subdivisão em que apresenta as fórmulas discursivas como parte dos fraseologismos menores que uma sentença ao lado das colocações (*tomar sorvete*), locuções conjuntivas e prepositivas (*por meio de*), das expressões idiomáticas (*tirar sarro de alguém*) e semi-idiomáticas (*falar abobrinha*). Entretanto, para os autores, as fórmulas de rotina subordinam-se aos fraseologismos sentenciformes e textuais junto com os provérbios e os textos formulaicos (notas de falecimento e receitas culinárias).

Glenk (2007) defende que se elaborem dicionários de fórmulas de rotina independentes, tanto monolíngues quanto bilíngues, que combinem critérios semasiológicos e onomasiológicos com espaço para que sejam inseridos aspectos contextuais, no que plenamente concordamos. A pesquisadora levantou algumas questões acerca da descrição em dicionário bilíngue de fórmulas de rotina atreladas à situação. Para tanto, analisando a fórmula *Desculpe qualquer coisa*, demonstrou haver a necessidade de uma abordagem semasiológica e onomasiológica na dicionarização das fórmulas, a fim de acessar os padrões interacionais subjacentes às fórmulas. E pela análise realizada foi possível a autora concluir:

1. as fórmulas são a ponta do iceberg dos padrões interacionais;
2. espera-se o uso das fórmulas em determinadas situações comunicativas;
3. sua omissão ou seu uso inadequado são sancionados e
4. os padrões interacionais precisam ser aprendidos, pois só conhecer as fórmulas não é suficiente para garantir uma comunicação adequada na língua estrangeira.

Com base nessas suas conclusões, também concordamos com a autora quando ela defende que "um dicionário com características semasiológicas e onomasiológicas pode contribuir para a aquisição da competência idiomática tão importante na comunicação

intercultural.” (GLENK, 2007, p. 194). Inspiramo-nos, portanto, na ideia ora descrita, no que respeita aos padrões interacionais e, em função disso, sugerimos a apresentação dos pragmatemas sob a designação de um índice temático que expresse

1.2.4. Características e significado das fórmulas de rotina

O trabalho de Alvarado Ortega (2008) comprova o interesse cada vez mais frequente no tema fórmulas de rotina. Motivada pela carência de obras que tratassem desse tipo de pragmatema, a saber, as fórmulas de rotina do espanhol, já que, à época, havia apenas o Manual de Fraseologia espanhola de Corpas Pastor, a autora investiga essas fórmulas apontando-lhes as características e o significado a partir de exemplos orais. Seu propósito, a partir dessa descrição, foi propor uma taxonomia para essas estruturas, no que foi bem-sucedida, e o fez levando em conta a modalidade do enunciado, ou seja, o modo em que se manifesta a atitude do falante na fórmula.

Para levar a cabo seu empreendimento, a autora pesquisou uma amostra de 1.400 ocorrências do espanhol peninsular atual de diversos *corpus* orais de espanhol, a saber:

- ***Corpus oral de la variedad juvenil universitaria del español hablado em Alicante*** - COVJA – com duração de 800 minutos de situações comunicativas tem o objetivo de obter mostras reais de fala espontânea, entrevista individual e posterior colóquio coletivo. Há um total de 13 grupos conversacionais, envolvendo 63 informantes universitários, com idades entre 18 e 24 anos e a maioria é de falantes masculinos.
- ***Corpus de conversaciones coloquiales*** – 19 conversas transcritas de um projeto mais amplo, total de 341 horas de gravação, algumas colhidas em secreto, como forma mais eficaz de obter o espanhol coloquial. Colaboram 189 informantes de Valencia e de sua área metropolitana com diferentes níveis socioculturais. Dividido em 2 partes: 9 conversas atendendo critérios prototípicos e 10 conversas organizadas em função das variáveis sociolinguísticas dos participantes.
- ***Corpus de Referencia del español actual*** – dados disponíveis na Real Academia de la Lengua Española sobre o espanhol atual num total de 168.000 documentos (livros, periódicos, rádio e TV, etc.) tanto orais como escritos.

A autora afirma (2008, p. 146, tradução nossa) que “As fórmulas de rotina adquirem valores de uso e significado que, muitas vezes, dependem do contexto em que são produzidas”[11]. Por isso seu trabalho se baseou em mostras linguísticas reais e parte dos exemplos orais de espanhol foram extraídos de entrevistas e conversas coloquiais. Ela também lembra que as fórmulas sempre têm uma função comunicativa e fatores como intenção do falante, propósito de fala e relações entre falante e ouvinte intervêm nessa comunicação. Daí que os resultados obtidos de uma análise de *corpus* oral possui um certo valor científico, já que, para ela, o estudo dessas fórmulas em seu contexto de produção permite “...extrair as características e propriedades que as definem”[12].

Alvarado Ortega (2008) apresenta as duas características que devem cumprir uma sequência de palavras para que esta se converta em UF, a saber, fundamentalmente a fixação e, opcionalmente, a idiomaticidade. Assim, considera as colocações como elementos da sintaxe e não da fraseologia, no que discordam outros autores como Welker (2012, p. 139) quando afirma:

> Colocações (por exemplo, chuva torrencial) e expressões idiomáticas (como pagar o pato) fazem parte da fraseologia. Há alguns poucos autores para os quais a fraseologia se restringe às expressões idiomáticas; entretanto, segundo o grande fraseólogo suíço Harald Burguer, existe um consenso de que a fraseologia abrange uma grande variedade de combinações de palavras, desde colocações até provérbios.

Welker (2012) exemplifica com a expressão ‘notícia quente’ dizendo que somente será “...uma colocação se o dicionário indicar que um dos significados de quente é ‘recente’; caso contrário, ou seja, se esse significado não constar no dicionário, o sintagma é uma expressão semi-idiomática”. Concordamos com o autor sobre isso e, inclusive, podemos assegurar que de quatro dicionários da língua portuguesa, Aulete, Aurélio, Houaiss e Michaellis, somente o Aulete traz a acepção de recente para o adjetivo quente, mas com a observação de que se trata de um lusitanismo. Podemos, então, concluir que, no português brasileiro, “notícia quente” é uma expressão semi-idiomática.

Alvarado Ortega (2008) apresenta as características de **substituição** (impermutabilidade), **eliminação** (impossibilidade de acrescentar ou subtrair) e **deficiência transformativa** (impossibilidade de reordenação) as quais, para ela, são provas aplicáveis tanto a locuções como a enunciados fraseológicos, porque se relacionam com a fixação formal

---

[11] ...las fórmulas rutinarias adquieren valores de uso y significado que, muchas veces, dependen del contexto en el que se producen.
[12] ...extraer los rasgos y propriedades que las definen.

que deve ter toda UF. Assume, como outros autores, a ideia de que os enunciados fraseológicos são expressões fixas que funcionam como unidades comunicativas mínimas, com sentido próprio, enunciadas por um falante entre duas pausas e em unidade de entonação distintas. Concorda, portanto, que os enunciados fraseológicos se dividem em:

- **Parêmias** aqueles com autonomia textual e significado referencial (refrões = sentenças, citações e enunciados específicos). Exs.: *¡de tal palo, tal astilla!/Tal pai, tal filho; la vida es sueño de Calderón/a vida é sonho de Calderon; las paredes oyen/as paredes têm ouvidos.*
- **Fórmulas de rotina** – carecem de autonomia textual e têm significado social, expressivo ou discursivo (fórmulas discursivas e psicossociais). Exs.: *¿qué hay?/O que há?; A eso iba/ Vamos a isso* – início e meio da conversa*; ¡Lo siento!Sinto muito; ¡Palabra de honor!/Palavra de honra!; ¡Al grano!/*Direto ao ponto*; ¡Te lo digo yo!/Eu que o diga!; ¡Buenos dias!/ Bom dia!; ¡Pelillos a la mar!/.*

A autora utiliza o termo fórmulas de rotina, porque sua análise se baseia nas UFs que o falante usa como formas ritualizadas na conversação, unidades estáveis em situações cotidianas e rotineiras. Para definir fórmulas de rotina, a pesquisadora parte da definição de Corpas e vai além, apresentando as características fundamentais. Para ela, as fórmulas de rotina são, portanto, UFs compostas por duas ou mais palavras que se encontram, de certo modo, ritualizadas e cujo limite superior se encontra na oração composta. Isso faz com que possuam **fixação formal** (perdurabilidade, estabilidade dos componentes) e **psicolinguística** (convencionalidade, frequência de uso), **potencial idiomático** (o significado do todo não resulta do significado das partes) e i**ndependência** (autonomia) em algum grau (textual, entonativa, etc). Ela assim registra:

> Assumimos ideia de Corpas (1996) de que as fórmulas rotineiras se encontram dentro de um grupo mais amplo de UFs denominado enunciados fraseológicos nos quais se incluem tanto as parêmias, compostas por refrães, enunciados de valor específicos e citações, como as fórmulas rotineiras. (ALVARADO ORTEGA, 2008,p. 92, tradução nossa). [13]

Sob essa perspectiva, achamos pertinente refletir sobre quais fórmulas do português apresentam tais características para serem legitimadas como fórmulas de rotina.

---

[13] Asumimos de Corpas (1996) que las fórmulas rutinarias se encuentran inmersas dentro de un grupo más amplio de UFs denominado *enunciados fraseológicos* en los que incluye tanto a las paremias, compuestas por refranes, enunciados de valor específico y citas, como a las fórmulas rutinarias.

A autora ainda apresenta um extenso exemplário de fórmulas de rotina do qual podemos citar as mais recorrentes: *¡Al grano! ¡Buenas tardes! ¿Como estás? ¿Como te vá la vida? De acuerdo! Desde luego! ¡Digo yo! ¡Dios me libre! ¡Dios mío! ¡Gracias a Dios! ¡Hasta la vista! ¡Lo siento! ¡Madre mía! ¡Me cago en la mar! ¡No creas! ¡No me digas! ¡No sé! ¡Por Dios! Por favor. ¡Por fin! Por supuesto! ¡Pues vaya! ¡Qué alegría! ¡Qué asco! ¡Qué caramba!*, entre outros.

Na pesquisa de Alvarado Ortega (2008) encontramos a análise detalhada de nove fórmulas de rotina do espanhol atual e a ordem seguida foi o estudo da fixação, do significado, da idiomaticidade (tomando como referência a fixação semântico-pragmática) e da independência, esta a partir da análise de atos e subatos. As fórmulas consideradas por ela como as mais recorrentes são assim apresentadas:

- lógicas epistêmicas: *¡que vá! e desde luego;*
- lógicas deônticas*: por favor.*
- subjetivas afetivas*: ¡madre mia!, ¡me cago en la mar!*
- subjetivas avaliativas*: ¡qué bien!,*
- discursivas de abertura *(¿qué hay?)* e de fechamento*(hasta luego)*
- discursivas de transição*: y eso.*

A título de conclusão, a autora faz as seguintes afirmações que me motivou a comprová-las no âmbito dos estudos de fórmulas de rotina do português, como propósito posterior ao inventário:

- em geral, as fórmulas apresentam significado fixado contextualmente, já que é pelo uso que se dá no contexto em que são produzidas e possuem normalmente o mesmo valor em todos os enunciados em que aparecem;
- pode haver uma função social relacionada com a cortesia, aproximando ou distanciando falante e ouvinte;
- as fórmulas são atos de fala e como tal podem expressar ordens ou sentimentos; podem codificar diferentes tipos de modalidade tanto do enunciado como da enunciação. Ex: *¡buena suerte!*, *¡feliz cumpleaños!* (modalidade da enunciação declarativa); *¿qué hay?* (interrogativa); *¡ya te digo!* (modalidade do enunciado lógico epistêmico); *¡qué bonito*! (subjetiva avaliativa).

Finalmente, ela propõe a classificação a partir da modalidade do enunciado e isso lhe permitiu distinguir 03 classes de fórmulas de rotina:

- **Lógicas** - expressam grau de certeza e incerteza (epistêmicas: *¡ya te digo!, de acuerdo, por supuesto,* etc) e obrigatoriedade, exortação ou ordem (deônticas: *por favor, y a ti, ¿qué te importa? ¡No te pases, ¡al grano!*)
- **Subjetivas** – expressam juízo de valor do falante (afetivas: *¡qué suerte! ¡Gracias a Dios! ¡Qué pena!*) e avaliativas (manifestam a atitude, emoção do falante ante o enunciado: *¡qué bien!> ¡qué mal! ¡Qué bonito! ¡Qué feo!* *Termo negativo na escala.
- **Discursivas-** têm papel na conversação e na interação entre falante e ouvinte (abertura, fechamento e transição). **Abertura**: *¡buenas tardes! ¿Qué tal? ¿Cómo estás?* **Fechamento**: ¡hasta luego!, ¡hasta la vista!

  Transição – servem para organizar, estruturar e manter a fluidez dos intercâmbios

  - reorientar: *y bueno*
  - concluir: *y nada, y punto*
  - manter o turno: ¿qué te iba a decir?
  - suprimir informação: *no sé qué, y eso y tal.*

1.2.5 Classificando as fórmulas de rotina segundo as funções para os níveis de ensino

Um trabalho que trata dos pragmatemas, incluindo neste, as fórmulas de rotina, foi realizado por Yoshino (2008) com o objetivo de investigar a maneira mais apropriada e eficaz de ensinar os pragmatemas em aulas de Espanhol Língua Estrangeira - E/LE. Ele buscou aclarar a classificação das fórmulas (discursivas e psicossociais), após comprovar seu valor pragmático e, com isso, confirmou determinadas funções que elas exercem na interação social.

Dessa forma, ele catalogou as fórmulas rotineiras colhidas de dois dicionários específicos de Fraseologia, a saber: *Diccionario fraseológico documentado del español actual - Locuciones y modismos españoles* (2004) e E*l Diccionario fraseológico del español moderno* (1994). Fez o agrupamento das fórmulas segundo as funções e os níveis de ensino de E/LE a partir de dois livros de referência - *Repertorio de funciones comunicativas del español* (1996) e *Plan Curricular del Instituto Cervantes* (2006) – e com base nos critérios de níveis

do Marco Comum Europeu de Referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação. Isso lhe deu fundamentos para obter um banco de dados que o ajudasse na elaboração de material didático, o qual seria disponibilizado aos alunos para que pudessem utilizar as fórmulas segundo seu nível de aprendizagem.

Analisou ainda materiais específicos de E/LE com o fim de sugerir tipos de exercícios apropriados e adequados ao ensino dos pragmatemas. Isso foi feito a partir das respostas de alunos universitários japoneses (região de Kansai) a uma enquete elaborada pelo professor Fernández Cobo. A seguir alguns exemplos das respostas analisadas:

- ‘exercícios orais’ foi a opção escolhida para o método mais apropriado à dinâmica participativa da aula. A segunda opção apontada foi ‘explicações do professor’;
- ‘parafrasear palavras que o aluno já conhece em espanhol’ foi a opção para uso da tradução literal e gramatical e a possibilidade de ajudar a entender com explicação traduzida. A segunda opção marcada foi ‘tradução gramatical’ e a terceira foi ‘usar vídeos’.
- ‘buscar informações em dicionários’ foi a escolhida para resolver situações em que aparecem palavras ou expressões muito difíceis de traduzir.
- ‘livros de texto e vídeos’ foi opção escolhida para materiais mais apropriados às necessidades dos estudantes.

Atentando para as duas últimas respostas, percebemos a importância dos dicionários e de material didático apropriado para sanar as dúvidas dos estudantes. Esse ponto foi ressaltado por Ortiz Alvares (2010) quando acrescentou às dificuldades relacionadas com a fixação formal e idiomaticidade a carência de investigações que indiquem quais tipos de expressões idiomáticas deveriam ser ensinadas em cada nível e falta de material específico de apoio.

1.3 As fórmulas de rotina como atos de fala

A interação discursiva envolve o uso pragmático da linguagem, o contexto social e, nessa interação, em que pese o comportamento dos falantes, entram em jogo o já conhecido princípio cooperativo associado ao princípio de cortesia e das máximas conversacionais, estabelecidos pelo estudioso Grice (1975). Como se sabe, tais princípios devem ser observados quando se pretende que a interação se desenvolva da maneira como é requerida,

conforme o seu objetivo específico. A atitude cortês no momento em que se enuncia algo, quer seja por meio de fórmulas ritualizadas, expressões corteses ou por estratégias conversacionais, deve ser observada com o fim de se evitar trocas verbais ofensivas ou de ameaça a qualquer dos interlocutores.

Sendo atos de fala, Cardoso (s/d) considera possível que as fórmulas utilizadas rotineiramente na conversação possuam uma força ilocutória que ultrapassem o significado convencional chegando a ter uma função social.

Assim, tem-se a força ilocutória que corresponde ao conteúdo significativo e que permite o interlocutor reconhecer o objetivo comunicativo do locutor num determinado contexto de enunciação. Mas, muitas vezes, nem é necessário utilizar termos que exprimam ações contratuais, como os verbos perfomativos prometer, declarar, aconselhar, ordenar, perguntar etc, para determinar a força ilocutória, pois o ouvinte é capaz de interpretar corretamente o que lhe foi dito perante a situação enunciativa.

Como se sabe, o locutor se dirige a um interlocutor e provoca nele reações diversas, quer de aceitação ou repulsa, satisfação ou admiração, interesse ou desinteresse. Assim, alternam suas funções e a atividade discursiva encerra um apelo, um pedido de resposta. Os falantes, portanto, devem possuir competência comunicativa para fazer distinções entre uma intenção e um compromisso, um pedido e uma ordem, uma promessa e uma desculpa.

Atos de fala, de acordo com a Teoria de Austin ([1962] 1982) e Searle ([1969] 1986), são usados para realizar certas ações em ocasiões convencionais ou ritualizadas na sociedade em que se vive, porém devem ser empregados em situações apropriadas. Austin faz distinção entre os enunciados realizativos e constatativos e isso o leva a estabelecer uma tricotomia sobre o caráter de ação que todos os enunciados possuem, seja de forma implícita, seja explícita, a saber:

- Ato locucionário – o que realizamos quando dizemos algo;
- Ato ilocucionário – o que levamos a cabo/concluímos ao dizermos algo e
- Ato perlocucionário – o que levamos a cabo por dizer algo.

Retomada por Searle em 1969, essa tricotomia é modificada quando este percebe que tais atos de fala realizados ao emitir uma oração acabam por ser, em geral, uma função do significado da oração, embora o significado de uma oração não determine de forma singular

em todos os casos qual ato de fala se realiza numa dada emissão dessa oração, já que um falante pode querer dizer mais do que efetivamente disse.

Assim, para ele, na produção de um enunciado podem ocorrer três atos diferentes: emitir palavras; referir/predicar e enunciar, perguntar, mandar, prometer...

Como tais, as fórmulas de rotina, que permitem expressar a subjetividade do falante em situação concreta, não são apenas enunciados constatativos, mas também realizativos. Sendo assim, toda fórmula de rotina tem um valor de ato que faz parte do seu significado. Eles podem estar voltados para o falante (expressão, afirmação etc.) ou para o ouvinte (perguntas, ordens, etc.). Searle ([1969], 1986) acredita em apenas cinco tipos básicos de ações passíveis de ser executadas por alguém ao falar, a saber:

- Assertivas - o falante se compromete, em maior ou menor grau, com a verdade da proposição expressa. Tais atos são realizados através de verbos ou locuções verbais (admitir, acreditar, afirmar, concordar, discordar, confessar, negar, responder, informar, considerar certo, achar possível, achar necessário etc.). Exs.: *Admito que a apresentação não foi boa. Acredito que dá para entregar o trabalho amanhã. Você teve nota baixa na prova*.

- Diretivas – demonstram a intenção do falante em motivar ou incentivar o destinatário a fazer ou a dizer algo (pedir, perguntar). Tais atos na expressão de ordem, pedido, sugestão ou conselho podem se basear em frases imperativas ou equivalentes com verbos no indicativo, subjuntivo ou no imperativo (Ex.: *Saia da sala*); em verbos diretivos (*Dê-me um copo de água, por favor*) e em frases simples interrogativas ou complexas de inquirição (*Que horas são? Onde fica a rua...?).*

- Compromissivas – o falante se compromete a praticar uma ação futura. É uma obrigação em forma de promessa (se for positiva), ameaça (se for negativa). Podem se construir com verbos compromissivos (prometer, comprometer, jurar, tencionar, ameaçar, oferecer etc. Exs.: *Prometo que vou me esforçar mais. Juro que estou dizendo a verdade.) e usando frases com expressões no futuro*. Exs.: *Estarei lá na hora marcada. Até domingo no mesmo horário.)*

- Expressivas – exprimem estado psicológico do falante. Podem construir-se com base em verbos expressivos (agradecer, desculpar-se, dar as boas-vindas, parabenizar, adorar, gostar, etc. Ex.: *Agradeço a ajuda. Lamento o incômodo. Desculpe o atraso*); expressões verbais com advérbios (achar bem, achar horrível, etc. Ex.: *Acho horrível que tu sempre se*

atrasa!) e expressões exclamativas, frases ou não, com adjetivos valorativos (*Que paisagem maravilhosa!)*

- Declarativas – promovem mudança imediata do estado de coisas e, para ser bem-sucedidas, devem ser proferidas por representntes de instituições extralinguísticas como o tribunal (juiz sentenciando um réu que passa a ser culpado ou inocente. Ex.: *Declaro o réu culpado.*); a igreja (sacerdote batizando a criança que se torna cristã. Ex. *Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*) e o Estado (juiz no cartório perante os noivos que mudam o estado civil para casados. Ex.: *Declaro-vos marido e mulher*). Podem ser construídos com verbos declarativos (excomungar, declarar, batizar, demitir, nomear, etc.). Ainda nessas ações declarativas há os atos ilocutórios indiretos, frases com marcas de ato ilocutório dentro de outro ato ilocutório. Exs.: *Você pode fazer silêncio?* (apresenta marcas de uma pergunta, mas corresponde a um pedido). Claro fica para nós que, se se tratasse apenas de uma pergunta, o respondente limitar-se ia a dizer um simples 'não' ou 'sim', levando em conta a sua capacidade para fazer silêncio ou não. Contudo, os atores da conversação entendem que a pergunta vai além de um simples 'sim' ou 'não' e que, na verdade, está latente o pedido para que a ação de fazer silêncio seja efetivamente concretizada.

Para que um ato ilocucionário seja adequado, o autor propõe algumas condições as quais o ato de fala deve cumprir, do contrário o resultado do enunciado será insatisfatório, o falante não será feliz ao realizá-lo. As condições referidas são:

a) Conteúdo proposicional – refere-se às caracteríticas significativas da proposição empregada para levar a cabo o ato de fala;

b) Preparatórias – todas aquelas condições que se devem dar para que tenha sentido o realizar o ato ilocucionário;

c) Sinceridade – centram-se no estado psicológico do falante e expressam o que ele sente ou deve sentir ao realizar o ato elocutivo;

d) Essenciais – as que caracterizam tipologicamente o ato realizado.

Relacionando as expressões de nosso trabalho com a teoria ora descrita, podemos perceber que, num evento de fala em que alguém enuncie *Minha nossa, que horror*!, a pessoa, na verdade, utiliza dois atos de fala, classificados como expressivos (surpresa e aversão), mostrando seus sentimentos, suas emoções. Tal classificação nos ajuda a conhecer o

significado das fórmulas de rotina já que elas podem manifestar sentimentos, atitudes, promessas, ameaças, afirmações, negações, ordens, pedidos e tantos outros significados.

Levando em conta também os atos de fala associados à cortesia como estratégia social, Alvarado Ortega (2008, citando Haverkate [1994]) apresenta uma classificação na qual divide os atos de fala em corteses e não corteses, a saber:

- Corteses: atos de fala expressivos (saudações, cumprimentos, agradecimentos e desculpas) e comissivos (promessas, juramentos).
- Não corteses: atos de fala diretivos (afirmações, negações) e exortativos (ordens, pedidos).

A autora esclarece que tal classificação dependerá de outros fatores, como a ironia, por exemplo, já que, em determinado contexto, um ato de fala expressivo pode se apresentar como descortês.

Daí, ser necessário, também levar em consideração a entonação e o ato ilocucionário, propriamente dito, se direto ou indireto, e se o foco está no falante ou no ouvinte. Conclui que as fórmulas de rotina podem apresentar cortesia e os valores dependerão dos contextos em que aparecerem, dando um exemplo em que uma pessoa se intromete numa entrevista dizendo *Olá!*e o entrevistador emprega uma fórmula de rotina, a fim de diminuir o efeito descortês da ordem dada: *Interrupções não, por favor!*

Essa fórmula, *por favor*, vai então trazer uma carga de cortesia depois da ordem dada ao ouvinte pois, como vimos na classificação, as ordens são tidas como descorteses. É certo, portanto que, ao ser proferida, a fórmula *por favor* atenuou o efeito descortês da ordem.

1.4 A Lexicografia

1.4.1 O fazer lexicográfico

Lexicografia ou Lexicografia prática designa ciência, técnica, prática ou mesmo a arte de elaboração de dicionários (BIDERMAN, 1984; BORBA, 2003; WELKER, 2004, 2006). Lexicografia teórica, também conhecida como metalexicografia (empregada frequentemente em inglês, francês e alemão) abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso

de dicionários e ainda a tipologia. Assim, numa acepção restrita, quem produz o dicionário é o lexicógrafo e o metalexicógrafo é quem escreve sobre dicionários.

> Por lexicografia entende-se, por um lado, a ciência, técnica, prática ou mesmo arte de elaborar dicionários. Se essa é a chamada lexicografia prática, há, por outro lado, uma outra acepção, a saber, a lexicografia teórica, ou metalexicografia. Esta abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários (WELKER, 2006, p. 2).

Com relação, especificamente, à Metalexicografia, Iriarte Sanromán (2001, p. 46) apresenta-a como a disciplina que, além de estudar "os princípios teóricos e metodológicos sobre a elaboração de dicionários", estuda "as características que regulam a estrutura e o comportamento linguísticos na medida em que orientam e condicionam o trabalho do lexicógrafo." O autor relaciona alguns trabalhos nas linhas de investigação que se consolidaram nas últimas décadas com foco nos seguintes aspectos:

1. Crítica dos dicionários, artigos e resenhas com análises e avaliações normalmente referidas a dicionários concretos.
2. Tipologia dos dicionários - exemplificou com 07 trabalhos, a saber: QUEMADA (1968), REY (1970: 48-68; 1977: 54-80), FERNÁNDEZ-SEVILLA (1974: 44-68), AL-KASIMI (1983: 12-31), HAENSCH (1982A; 1997), ALVAR EZQUERRA (1993A, *passim*) e HAUSMANN (1994).
3. História da Lexicografia e dos dicionários - exemplificou com 03 trabalhos, a saber: Hartmann (ed.) (1983), Alvar Ezquerra (1983; 1989; 1992) e Verdelho (1988).
4. Investigação sobre os usos dos diferentes tipos de dicionários bem como as necessidades dos utentes - exemplificou com 08 trabalhos, a saber: Hartmann (ed.) (1979), Cowie (ed.) (1981), Ard (1982), a segunda parte de Hartmann (ed.) (1984), Galisson (ed.) (1983), Stein (1986), Crystal (1986) e Bogaards (1988).

Sabemos que, ao consultar um dicionário, o desejo dos consulentes é de suprir a sua necessidade mais urgente, seja em relação a palavras seja em relação a expressões, todavia, não raro, há palavras e expressões não registradas, o que causa frustração e descontentamento. Na verdade, o registro se baseia em vários critérios pré-escolhidos pelo analista, como o *corpus* e a frequência em que acontece a regularidade, entre outros, visto que só poderão ser

registrados as já consagradas pelo uso (antes, somente o formal; hoje, acrescentam-se usos informais em algumas obras como é o caso do dicionário Houaiss da língua portuguesa).

As informações a seguir estão resumidas de acordo com registro de autores diversos, em que predominam dados de Welker (2004), conforme pesquisa realizada por ele.

Com o objetivo de descrever as unidades lexicais, as obras lexicográficas dividem-se em glossários (linguagem individual/idioleto de um determinado autor, ou sobre uma obra), dicionários (tratam normalmente de todo o léxico de uma língua) e os vocabulários (subsistemas da língua).

Pela função, os dicionários podem ser monolíngues (definem cada palavra), bilíngues (relacionam equivalentes das palavras noutra língua) ou multilíngues (apresentam equivalências em mais de duas línguas, costumando agrupar os significantes em colunas paralelas, uma para cada língua, e exigem uma correspondência absoluta entre monemas e, por isso, costumam limitar-se a um âmbito terminológico).

Em termos de abrangência, podem registrar o maior número possível de palavras e acepções (geral), limitar-se a um número básico de entradas (aprendizagem) e ainda limitar-se a uma determinada área do conhecimento (especializado). Podem ser descritivos se definem as entradas ou normativos quando apresentam orientações fonéticas e ortográficas, contendo abonações de autores clássicos e evitando neologismos, estrangeirismos, regionalismos, gírias ou calão. São sincrônicos se tão somente explicam o significado das palavras e diacrônico se lhes revelam a origem (etimológicos) ou a evolução (históricos).

São chamados onomasiológicos quando, centrados no emissor, servem para a codificação, fornecendo os significantes correspondentes a um significado. Semasiológicos, quando, centrados no receptor, servem para a descodificação, fornecendo os significados possíveis de um significante. Os onomasiológicos, geralmente de orientação normativa, baseiam-se em imagens (pictóricos), servem para indicar a pronúncia (ortoépicos) ou a grafia correta das palavras (ortográficos). Os onomasiológicos são normalmente monolíngues e os semasiológicos podem também ser plurilíngues (bilíngues ou multilíngues), indicando não o significado dos significantes, mas a tradução para outras línguas.

A organização de um dicionário se dá, entre outros aspectos, por sua macroestrutura e microestrutura. A primeira consiste no conjunto de entradas e em todos os complementos do dicionário, como o prefácio, a lista de abreviaturas ou um apêndice gramatical, indicando-se os critérios utilizados na sua elaboração e o público para o qual se destina. A segunda consiste

nos verbetes relativos às entradas, devendo todas as palavras nele utilizadas ser definidas numa entrada própria. Ambas, macroestrutura e microestrutura, devem ser claras e informativas, devendo evitar a redundância (agrupando definições idênticas na mesma entrada) e a circularidade (definindo uma unidade em vez de a remeter indefinidamente). Para tanto, é necessário, além de outros recursos, um sistema de remissões que facilite a consulta. Tais remissões podem ser:

- formais, remetendo para palavras homógrafas, homófonas ou parônimas;
- morfológicas, remetendo para o lema de palavras irregulares;
- semânticas, remetendo para sinônimos, antônimos, hiperônimos ou hipônimos.

Pensando nas características acima referidas, reconhecemos haver constantes dificuldades quando da realização de um dicionário e, em particular, os de fraseologismos e, consequentemente, há busca incessante por aprimoramento no fazer lexicográfico. Assim, cremos ser pertinente apresentar alguns trabalhos que tratam de algumas questões a esse respeito.

Em artigo intitulado "A descrição dos idiomatismos à luz da fraseografia contemporânea", Rios (2012) faz coro com a pesquisadora Olímpio Oliveira Silva (2007) sobre a necessidade de uma postura crítica que possibilite um aprimoramento no que respeita ao tratamento dado aos fraseologismos nos dicionários e apresenta algumas lacunas quanto a sua descrição atual. Assim, algumas práticas, sempre tão criticadas, foram arroladas por Rios (2012, p. 150) como alerta de que seriam por ela evitadas:

> falta de critérios para seu registro e apresentação; falta de sistematicidade para sua selecão em relação aos outros tipos de ULs; uso de obras anteriores sem filtrar as informações (registro de informações arcaicas); e sua inclusão no dicionário sem considerar os aspectos peculiares desse tipo de Uls, apenas para ilustrar um uso do lema.

Pensando nisso, a autora, em seu trabalho, atentou para o perfil de seus usuários, aprendizes e usuários brasileiros de Espanhol Língua Estrangeira –ELE e procurou selecionar as informações com base em suas necessidades. Observou, portanto, elementos como:

> apresentação e configuração do dicionário (acessibilidade da informação); conteúdo (seleção das unidades, divisão e organização das acepções, definição, apresentação das informações conotativas e de uso, exemplos, marcação etc.); quantidade e qualidade da informação proporcionada; e adequação da obra aos propósitos a que se destina (usuários).

Como resultado de sua decisão, ela separou primeiro os fraseologismos dos demais tipos de unidades lexicais e, depois, escolheu, dentre aqueles, apenas os idiomatismos. Nessa

etapa, se deparou com dificuldades como, por exemplo, ter dúvidas quanto a determinada combinação de palavra ser ou não ser realmente uma expressão idiomática. Em consulta a diversos dicionários pôde comprovar o que muitos fraseólogos apontam: "em Fraseologia subsistem problemas na delimitação dos fraseologismos e não há termos e conceitos unanimemente aceitos quanto a seus diversos tipos e características"(p. 152).

Em artigo que apresenta como ficará o Dicionário Brasileiro de Fraseologia[14], Silva (1998) registra que sua obra se propõe a ser um *corpus* completo das expressões e frases feitas brasileiras. A justificativa para empreender tal feito foi a "constatação da inexistência de material organizado e suficientemente amplo" que desse suporte a "estudiosos de nosso modo de dizer" e, na ocasião em que ainda estava na fase de coleta de material, já contava com algo equivalente a cinco vezes mais que o maior acervo disponível em obras impressas.

O estudioso faz referência às obras nas quais empreende sua busca, a saber: Adagiário Brasileiro de Leonardo Mota – apresenta exemplos equivalentes de diversas línguas modernas e clássicas; Tesouro da Fraseologia Brasileira de Antenor Nascentes – com explicações sobre a origem de algumas das expressões; Dicionário de Locuções da Língua Portuguesa de Euclides Carneiro da Silva – com exemplificação do uso de locuções em obras literárias brasileiras e portuguesas e o Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares de Tomé Cabral – o mais volumoso trabalho impresso sobre o assunto, com significado e exemplificação do emprego de expressões em trabalhos de literatura popular brasileira.

Referindo-se à forma de apresentação dos diversos trabalhos consultados, Silva (1998) menciona a diferença dos padrões seguidos pelos autores em que uns apresentam farta abonação de cada verbete, outros, nenhum; uns apresentam exemplos de obras literárias, outros se limitam à literatura de cordel e similar; uns se preocupam com o fazer lexicográfico, trazendo o significado e a história da origem e evolução da expressão, enquanto outros simplesmente relacionam os elementos numa certa ordem.

Sendo assim, o autor indaga: como apresentar a diversidade desse material numa única forma? A primeira de suas preocupações foi buscar definir e classificar cada um dos diversos tipos de expressões e, assim, preferiu classificá-las em dois grupos, segundo o nível linguístico: textual (provérbios, ditados, refrães, adágios, máximas, sentenças, aforismos etc.) e sintagmático (perífrases léxicas, incluindo todas as expressões fixas inferiores à oração). Desse modo, para Silva (1998),

[14] O lançamento do Dicionário Brasileiro de Fraseologia estava previsto para 2014 , o que ainda não aconteceu. Ele já possui uma versão preliminar que pode ser consultada em http://www.josepereira.com.br/_DBF_2013.pdf

> as expressões fixas em nível de texto são todas as que correspondem a uma unidade com sentido completo, em qualquer nível de complexidade. Podem corresponder a uma oração, a um período e até a uma unidade mais complexa. As expressões fixas em nível de sintagma são todas as que estão abaixo do nível da oração, unidades combináveis na oração e comutáveis com sintagmas e com simples palavras, cuja interpretação se faz ao nível do léxico funcionando como unidades léxicas, pouco importando o número e a complexidade dos elementos constituintes discerníveis.

O autor registra que a disposição dos verbetes adotada no dicionário inspira-se na utilizada por Antenor Nascentes, seguindo os seguintes comandos:

i) havendo substantivos ou palavras substantivadas, é neles a indicação;

ii) quanto à ordem a ser seguida, o verbo tem preferência sobre o adjetivo, esse sobre o pronome que, por sua vez, tem preferência sobre o advérbio;

iii) havendo duas palavras da mesma categoria, a primeira tem preferência;

iv) quando não são parte essencial da expressão, não são levados em conta os substantivos pessoa e coisa, o pronome alguém e os verbos auxiliares e, finalmente,

v) a ordem alfabética é utilizada para as expressões dentro do verbete e a fonte consultada e/ou abonação são indicadas entre parênteses.

Segundo o autor, até o final do trabalho, o Dicionário poderá ser apresentado em dois volumes: um contemplando as expressões ao nível do texto como os provérbios, por exemplo, e outro com as locuções (expressões ao nível de sintagmas).

Julgamos, portanto, relevantes tais considerações e serão observadas na constituição de nossa pesquisa com relação às bases para a elaboração do dicionário eletrônico de pragmatemas do português.

Percebemos, desse modo, a importância de organizar material lexicográfico que dê enfoque correto aos estudos dos fraseologismos, sem incorrer nas inadequações de registro já mencionadas; ao contrário, que leve em conta a adequada definição dos termos fraseológicos, a frequência dos elementos selecionados, a ordenação das unidades e das acepções semânticas, a exemplificação lexicográfica e as informações sobre as relações semânticas estabelecidas, aspectos esses que procuraremos observar em nossa pesquisa.

E pensando também na Lexicografia Pedagógica, é importante lembrar que o uso do dicionário auxilia no desenvolvimento cognitivo do aluno, contribuindo para ampliar o conhecimento seja do vocabulário, dos diversos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos e gramaticais, seja de usos e

variações sociolinguísticas, podendo, portanto, funcionar como um efetivo instrumento didático capaz de auxiliar o aprendiz a desenvolver muitas competências básicas inerentes a todo aprendizado (KRIEGER, 2007). E, na perspectiva de ensino do PLE, ousamos estabelecer um diálogo entre a autora e Fulgêncio (2008) quando esta afirma ser, do ponto de vista didático, indispensável a inclusão das expressões fixas no conjunto de conhecimentos a serem apresentados aos aprendizes de língua estrangeira, visto que elas são de alta frequência, são memorizáveis de forma global e a proficiência em seu uso, principalmente das colocações e das fórmulas discursivas, distingue falantes nativos e não nativos.

1.4.2 O dicionário eletrônico

Representando a língua e a cultura de um determinado grupo populacional, os dicionários requerem renovação e atualização de forma mais recorrente, visto que o ser humano está sempre se renovando em sua atuação linguística, afinal a língua é dinâmica.

Atualmente, como sabemos, os dicionários podem ser impressos ou eletrônicos (informáticos) e, para acompanhar a dinâmica da língua, os eletrônicos tomam dianteira pela rapidez e flexibilidade com que podem ser consultados, além de serem facilmente atualizados. Tudo isso é vantagem graças ao desenvolvimento acelerado dos computadores. Com os diversos recursos da informática, é possível usar programa capaz de contar palavras e informar a quantidade de ocorrências delas no *corpus* determinado. Com essa catação eletrônica, torna-se mais fácil e rápida a tarefa de analisar as ocorrências e os usos de vocábulos e até expressões.

Pretendendo mostrar a relação entre a Lexicografia e a Informática, constatando se esta é mera ferramenta de aplicação daquela ou se ela se apresenta como aparato capaz de promover transformações até mesmo na concepção da atividade lexicográfica, Escobar (2006, p. 4, tradução nossa) destaca a produção de obras lexicográficas em formato eletrônico como ilustração concreta do valor dessa tecnologia. Para corroborar seu pensamento, lança mão da frase “a aparição da informática chega a ser tão revolucionária quanto a invenção da imprensa” e, no que respeita à Lexicografia, registra as seguintes considerações:

> 1. A definição mesma de dicionário deve mudar com a aparição dos dicionários eletrônicos.
> 2. O lexicógrafo deve conhecer agora as ferramentas e as questões informáticas se deseja uma obra lexicográfica de qualidade, moderna e ágil.
> 3. Os leitores devem desenvolver umas habilidades especiais se quiserem obter todo o rendimento possível desse tipo de obras.

> 4. Aparece o conceito de base de dados (DB) e com ele muda por completo a natureza desta atividade: o objetivo último da atividade lexicográfica não é o dicionário. [15]

O autor considera o aparato da base de dados a transformação mais profunda e essencial na atividade lexicográfica por ser uma forma de organizar um conjunto de dados que permite a obtenção rápida de vários tipos de informações. Nesse contexto, faz menção a dois níveis da lexicografia:

i) a que tem o objetivo de compilar documentos para a elaboração da base de dados com informações amplas, estruturadas e que podem ajudar numa possível redação de um dicionário e

ii) a dicionarização, etapa posterior e adicional, com a finalidade de publicar o dicionário fundamentado numa base de dados constituída previamente.

Dialogando com outros autores, vaticina que a missão dos lexicógrafos no futuro não seria de por à disposição dos usuários um produto impresso, organizado alfabeticamente, mas haveria de ser a colocação de macrobases com programas e ferramentas adequadas para o uso dos consulentes e gerir grandes compilações e enormes quantidades de dados postos a seu alcance. Assim, coloca em evidência algumas vantagens da base de dados como um método usado na confecção de um dicionário, a saber: é passível de modificação, ao ser executada; o lexicógrafo pode exercer revisão contínua, de modo rápido; estruturada em campos definidos, favorece, ao mesmo tempo, a sistematização e uniformidade do conteúdo e, assim, torna-se mais fácil detectar falhas e deficiências.

As bases de dados podem ser de criação nova ou por recuperação de dados já existentes, seja digitando a obra inteira ou escaneando as páginas para tratamento posterior em processadores de texto ou ainda pela adaptação da fotocomposição do dicionário. Em suas considerações, Escobar (2006) registra que a maioria dos dicionários atuais em papel impresso têm sido submetidos a um processo de automatização prévia, sendo digitalizados ou editados em versão eletrônica. Mas começam a surgir obras concebidas de modo exclusivo como dicionários eletrônicos, dicionários em rede, base de dados que podem ser consultadas etc. De qualquer modo, o autor reconhece que o trabalho é árduo, complexo, necessita de um tempo amplo de execução, porém, o resultado compensa o esforço.

---

[15] 1. La definición misma de *diccionario* debe cambiar a raíz de la aparición de los diccionarios electrónicos.
2. El lexicógrafo debe conocer ahora las herramientas y las cuestiones informáticas si aspira a una obra lexicográfica de calidad, moderna y ágil.
3. Los lectores deben desarrollar unas habilidades especiales si quieren obtener todo el rendimiento posible de esta clase de obras.
4. Aparece el concepto de *base de datos* (DB) y con ello cambia por completo la naturaleza de esta actividad: el objetivo último de la actividad lexicográfica no es el diccionario.

Sobre as características do dicionário eletrônico, o autor ressalta a radical diferença da disposição dos dados, do acesso, das buscas, etc., em relação ao dicionário impresso e destaca:

- dinamismo, flexibilidade, rapidez e facilidade;
- possibilidade de hospedar muitos tipos de dicionários (multidicionário);
- versatilidade na busca, inclusive de formas complexas como locuções, frases feitas, etc., além de buscar novas unidades no interior das definições;
- sugestão de ortografias através de termos semelhantes, abreviaturas, marcas técnicas etc.;
- dados estatísticos das unidades analisadas;
- conjugações de verbos, cartografia linguística, questões gramaticais, quadro de línguas etc.;
- reutilização e adaptação dos dados em editores de textos, exportação de arquivos .html ou tratados como imagens;
- uso de hipertexto como remissão, permitindo a navegação livre de uma unidade a outra dentro do dicionário e até para textos de diferentes gêneros externos ao dicionário;
- utilização de recursos multimídia (imagens, sons e texto), possibilitando, por exemplo, modelos de pronúncia, imagens que tornem claro o significado de uma unidade;
- atualização rápida e fácil.

Escobar (2006) também mencionou alguns aspectos que não são tão vantajosos, dentre os quais merecem registro:

- existência de obras de consulta não confiáveis por não responderem a critérios lexicográficos, já que é tão fácil dispor de uma página eletrônica e nela introduzir qualquer conteúdo sem filtro científico ou editorial;
- possibilidade de perda de informações;
- deterioração de suportes e
- incompatibilidade de sistemas operativos.

Ainda no contexto dos dicionários eletrônicos, o autor conclui seu trabalho, descrevendo três tipos de usuários potenciais:

- comum - aquele que recorre ao dicionário para uma consulta pontual, quando desconhece o significado de uma palavra ou sua ortografia;
- intermediário - aquele que vai além da consulta pontual, investigando aspectos sintáticos e a fraseologia, por exemplo;
- especialista - usa o dicionário como base de dados ou fonte de onde obtém material para estudos linguísticos ou de outra natureza.

Inspirada, portanto, nas características por ele descritas, propomos, neste trabalho, a alimentação de uma base de dados que contemple os pragmatemas levantados e devidamente organizados para, então, passarmos a compor o dicionário propriamente dito.

Em seu trabalho sobre a Lexicografia no início do século XXI, Correia (2008, p. 5) dialoga com estudiosos como Berber Sardinha (2004), quando menciona o progresso da microinformática, marcadamente a tecnologia do computador, como desencadeador de uma "revolução no pensamento linguístico, com implicações sérias sobre como respondemos a questões fundamentais, tais como é a língua, como ela é organizada, como deve ser estudada, como deve ser ensinada." Para ela, a Linguística e o trabalho lexicográfico sofreram consequências diretas do esforço empreendido no desenvolvimento das capacidades de armazenar e de gerir grandes quantidades de informação assim como "as crescentes capacidades de pesquisas (semi)automatizadas cada vez mais avançadas". Nesse contexto de desenvolvimento, receberam o destaque da autora os *corpora* e o armazenamento de informação em bases de dados.

Assim, ela traz a definição de *corpus* como sendo

> Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum dos seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (CORREIA, 2008, p. 5).

A compilação de *corpora*, portanto, tem sido cada vez mais comum e contribuído para desenvolver estudos linguísticos pela Lexicografia e, principalmente, através da Linguística de *Corpus.* Correia (2008, p. 6) afirma que muito do que hoje se pratica em nível internacional em termos de Lexicografia é baseado em *corpus* e isso "tem permitido uma descrição mais pormenorizada e próxima do uso efectivo das unidades lexicais em situações concretas de uso."

A autora ainda destaca o impacto na Lexicografia da Língua Portuguesa causado por três *corpora*, a saber: a) o *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo - sob a coordenação de Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, foi desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e seus dados foram usados na confecção do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*; b) o *corpus* do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP) - sob a coordenação de Francisco da Silva Borba, serviu de base à elaboração do *Dicionário de Usos do Português do Brasil*; c) o *corpus* do projecto *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI a XIX*, ainda em desenvolvimento - sob a coordenação de Maria Tereza Biderman, também da UNESP de Araraquara.

Com relação ao desenvolvimento das bases de dados, Correia (2008, p. 7) enaltece a agilização e a sistematicidade no fazer lexicográfico permitido por elas e dá ênfase à reusabilidade dos dados, através da qual é possível o reaproveitamento, a correção e/ou adição constante dos dados, o que favorece "edições específicas de dicionários com diferentes tamanhos, formatos e visando a públicos-alvo distintos". Para exemplificar, a autora registra a relativa facilidade que a editora de dicionários, a casa Le Robert, em Paris, teve em produzir, a partir da sua base de dados, o *Petit Robert*, o *Grand Robert*, o *Robert Méthodique*, o *Robert Junior*, o *Robert Micro*, o *Robert de Poche*, o *Robert pour tous*, etc. Além disso, a reusabilidade dos dados possibilita revisões e atualizações constantes de um mesmo dicionário.

Fazendo uma comparação entre os critérios usados na elaboração dos dicionários gerais tradicionais e dos dicionários mais modernos, a autora registra o seguinte:

- As palavras a serem inseridas no dicionário moderno deverão passar por um crivo mais rigoroso (frequência de ocorrência no *corpus* e representatividade no tipo de discurso a representar) e não ser apenas com base na intuição do lexicógrafo;
- Não mais se deve ter a pretensão de representar todo o léxico de uma língua num dicionário contemporâneo, por mais extenso que ele seja; eles devem ser representativos com base na frequência de ocorrência e visando o seu público-alvo;
- Com o uso de corpora, as fontes para exemplificar o uso das unidades lexicais são constituídas de textos dos mais diversos gêneros e registros linguísticos, seja formal, informal, escrito, oral, jornalístico, científico, pedagógico etc., dando conta do uso real da língua. Não mais se restrigem aos textos de escritores clássicos, consagrados pela sociedade.

- Propondo-se a descrever o uso efetivo dos itens lexicais, os dicionários modernos terão registrados usos que vão na contramão da norma vigente, as chamadas corruptelas, mas que são efetivamente usadas no quotidiano. Sob essa pesrpectiva, concordamos com a autora em vista de, constantemente, testemunharmos o peso da tradição dificultando o conhecimento da língua efetivamente usada por seus falantes nativos. Nada mais significativo, então, do que um material que contemple a linguagem culta, escrita e falada, no Brasil de hoje.
- Em consequência de se retratar o uso efetivo da língua, entram em cena as variações lexicais em todas as suas formas (diatópica, diacrônica, diastrática e a diafásica). Nesse aspecto, a autora se ressente de que para um termo informal registrado em dicionário (bué) não foi indicada nenhuma marca de uso, levando o consulente a supor que poderia usar o termo em qualquer contexto. Dessa forma, esse será um critério que seguiremos nesta pesquisa: incluir as marcas de uso e apresentar o contexto e a situação em que os pragmatemas serão passíveis de ser usados;
- Os modernos dicionários remetem cada vez mais os leitores para outros artigos relacionados com a unidade pesquisada e, em se tratando dos publicados em suporte digital, o recurso de hiperligações (*hyperlink*) favorece uma consulta mais fácil, ágil, eficiente e agradável;
- Nesse fazer lexicográfico moderno, tem-se uma "lexicografia de pendor descritivo", a qual chamou de 'lexicografia comunicativa' é centrada no consulente e cujo objetivo maior é desenvolver-lhe o domínio da língua: que ele não somente compreenda, mas produza linguisticamente, a partir do que compreendeu, alargando, portanto, sua capacidade comunicativa.

Os dicionários eletrônicos também apresentam dificuldades em sua elaboração, principalmente no que se refere ao custo, conforme refere Welker (2004, p. 228):

> Dicionários eletrônicos apresentam diversas vantagens ao usuário, principalmente as facilidades de busca. Mas a maior vantagem que eles oferecem – tanto aos lexicógrafos quanto aos consulentes – é a disponibilidade de espaço. Assim, eles permitem que sejam incluídas todas as informações desejadas ou necessárias. O problema é que, antes de poder incluí-las em tal obra de consulta eletrônica, o dicionarista tem que dispor delas ou elaborá-las. E como isso é laborioso – e custa tempo e dinheiro –, a grande maioria desses dicionários não fornece mais informações do que os tradicionais.

Contudo, tratando-se de fraseologismos, o autor (2004, p. 229) menciona as facilidades do dicionário eletrônico, porque, diferente dos dicionários impressos em que o usuário tem dificuldade para encontrar determinado fraseologismo por não saber em que verbete ele está registrado, o dicionário eletrônico permite a busca do texto inteiro (*full-text*) e assim o consulente tem as seguintes opções:

- digita um dos componentes e recebe uma lista com todas as ocorrências do que foi digitado, inclusive dos fraseologismos ou
- digita dois componentes e poderá receber todas as ocorrências dos dois componentes, mesmo separados e, ainda, pode receber somente o fraseologismo procurado como é o caso do dicionário OED (Oxford English Dictionary) *online* que proporciona esse achado.

O modo de consulta hipertextual também torna possível qualquer busca na totalidade do dicionário e, quanto ao espaço, a inclusão dos fraseologismos se encontra livre de qualquer limitação, graças à informática. O uso dessa tecnologia aliada ao uso da Linguística de *corpus* para descrever os fraseologismos nos dicionários é reconhecido por Rios (2012) como avanço na descrição fraseográfica, pois promove inovação metodológica e possibilita consulta à grande quantidade de informações, antes inacessível.

Sob esse aspecto de inovação, a metodologia oferecida pela Linguística de *Corpus* se apresenta como facilitadora na identificação de unidades convencionais da língua, dando conta de seus usos reais. Sabemos que, para isso, a utilização do computador permite a construção de grandes bancos de textos ou *corpora* informatizados, pois é uma ferramenta capaz de armazenar, recuperar e tratar exaustivamente grandes quantidades de informação. Eis o que afirmam Tagnin (2013, p. 2) e Rios (2012, p. 147), respectivamente:

> Para a LC, um *corpus* é uma coletânea de textos, necessariamente em formato eletrônico, compilados e organizados segundo critérios ditados pelo objetivo de pesquisa a que se destina. O formato eletrônico permite que esses textos sejam investigados e analisados automaticamente, com o uso de ferramentas computacionais específicas (p. 21).

> Um dos avanços da descrição fraseográfica diz respeito ao uso da Linguística de *corpus* e da tecnologia informática para a descrição dos fraseologismos nos dicionários, o que proporciona inovação metodológica e possibilidade de consulta a uma grande quantidade de informação antes inacessível (p. 147).

Tagnin (2013) ainda faz referência ao formato *Key Word in Context* – KWIC (palavra-chave em contexto) como sendo aquele que “produz resultados na forma de concordância, em

que cada linha apresenta a palavra ou expressão que está sendo investigada – a palavra de busca – inserida em seu contexto natural de ocorrência". Essa, portanto, é a ferramenta, no dizer da autora, que melhor permite a observação das estruturas convencionais recorrentes da língua.

A autora é enfática ao afirmar que a Linguística de *Corpus* revela não só as ocorrências possíveis como também as mais prováveis e, com isso, as ocorrências mais usuais podem ser inseridas nos glossários, possibilitando aos produtores de textos um produto final (texto) fluente e natural.

Glenk (2007, p. 195) também registra sua preferência pelo uso de *corpora* em sua pesquisa alegando que "somente o levantamento das fórmulas na respectiva situação comunicativa possibilita uma descrição fraseográfica adequada e é o primeiro passo para um procedimento onomasiológico".

O pensamento de Humblé (2001, p. 04) apresentado num artigo sobre o uso de *corpora* no ensino de línguas é assim apresentado:

> O uso de córpora ficou mais popular na década de noventa. Isto foi em grande parte porque começaram a ser usados na compilação de dicionários. No caso de dicionários ingleses para um público estrangeiro, o uso de um corpus se tornou, de fato, um dos mais importantes argumentos na hora de convencer os compradores. O que aconteceu foi que os próprios lexicógrafos começaram a se convencer de que, frente à facilidade de se montar um corpus, onde a língua se mostrava crua e nua e facilmente pesquisável, nada mais justificava se ater à sua própria intuição, tão tingida pelos próprios desejos. O corpus, então, nada mais é do que um grande número de textos reunidos num computador e isso de uma maneira que esses textos possam ser pesquisados por ele, tanto em detalhe quanto estatisticamente. Para isso precisa-se, primeiro, dos textos e, depois, de um programa capaz de pesquisar esses textos. (*sic*.)

1.4.3 Pesquisas e estudos envolvendo dicionários

Registradas tais informações, consideramos pertinente dar a conhecer pesquisas e estudos acerca de dicionários, em geral e, especificamente, do eletrônico, o que é feito a seguir.

O trabalho realizado por Iriarte Sanromán (2001, p. 19 e 20) sobre a unidade lexicográfica objetivava "definir e delimitar o conceito de unidade lexicográfica, demonstrando a adequação de determinadas estruturas sintagmáticas como unidades de análise e descrição lexicográficas". Manifestou sua opinião de que um bom dicionário codificador deverá descrever os chamados frasemas, além das combinações específicas,

relevantes, cotidianas que regularmente são empregadas para enunciar os acontecimentos típicos no contorno[16] do vocábulo. Ele é de opinião que a inexistência de bases de dados lexicais contendo tais informações torna inviável a elaboração de dicionários monolíngues e bilíngues (eletrônicos, de leitura automática, tradicionais) capazes de permitir a descodificação de um texto em determinada língua natural, bem como, e principalmente, a sua codificação ou qualquer tentativa de tradução automática.

Além disso, o autor registrou que "a dificuldade de descrever regras, baseadas em categorias e estruturas gramaticais, sobre as possibilidades combinatórias das palavras é mais uma razão para defender o recolhimento sistemático desta informação em formato de dicionário". Todavia, para ele, a configuração de um banco linguístico de exemplos, como os que são utilizados nos métodos de tradução automática, é mais apropriada do que os dicionários tradicionais porque o banco possibilita as entradas lexicais que ultrapassam largamente a unidade palavra.

Em artigo que abordava a equivalência na tradução de expressões idiomáticas (EIs) para a Lexicografia bilíngue, Xatara, Riva e Rios (2002) declararam ter se deparado com inúmeros problemas teóricos e práticos no que respeita à tradução em dicionário especial, ao elaborarem a direção português-francês do Dicionário de expressões idiomáticas. Admitiram que um dicionário nunca vai esgotar o tema de que trata e que este não deve ser considerado árbitro da língua, visto que ela está em constante movimento e os significados não são estáveis nem fixos. Ressaltaram que as EIs são usadas constantemente e que, embora seja impossível se determinar com exatidão sua frequência interlingual e sua equivalência em uma língua estrangeira, é possível estabelecer uma correspondência idiomática e dicionarizá-la.

A fim de propor correspondências idiomáticas interlínguas, os autores recorreram ao conceito de idiomatismo definido por Xatara (1998): "expressão idiomática é uma lexia complexa, indecomponível e cristalizada em um idioma pela tradição cultural".

Assim, tomaram por base para identificar uma EI: i) a indecomponibilidade, característica pela qual as lexias não podem apresentar quase nenhuma possibilidade de substituição por associação paradigmática (ex.: em 'dois dedos de prosa', não é possível substituir 'dedos' por nenhuma outra parte do corpo sem causar um mínimo de estranhamento ao usuário da língua portuguesa. Não se diz, por exemplo, duas mãos de prosa, para uma

[16]"En lexicografía, conjunto de los elementos de la definición que informan sobre el contexto habitual del vocablo definido, en oposición a los elementos que informan sobre su contenido". Real Academia Española. Disponível em: http://www.rae.es/rae.html. Acesso em: maio/2013.

conversa mais demorada; ii) conotação: representa uma paráfrase geralmente metafórica (ex.: ‘certo como a morte’, confere à fala um caráter enfático, por fazer alusão à morte, conhecida como a única certeza da vida, ao passo que ‘muito certo’, não produz esse mesmo efeito e, portanto, não tem a mesma força expressiva). Desse modo, pode-se afirmar: para uma expressão ser considerada idiomática, seu significado precisa ser outro que não aquele feito com base na soma dos significados individuais de seus componentes e, por fim, iii) cristalização que diz respeito à frequência de emprego da EI pela comunidade dos falantes. Tendo seu uso consagrado pela tradição cultural do grupo linguístico na qual foi encontrada, o seu significado torna-se estável na medida em que passa a fazer parte da memória coletiva e é frequentemente utilizada por um número considerável de pessoas.

Para os autores, é fundamental, na tradução, perceber as características acima mencionadas e, assim, distinguir as EIs de expressões similares que possuem apenas sentido conotativo. Além disso, para traduzir idiomatismo é necessário ter o máximo de elementos que sustentem as escolhas do tradutor. Ele deve observar se a equivalência idiomática proposta apoia-se e está envolta pela cultura da comunidade em que se insere e para a qual ele destina seu trabalho.

Salientaram que não se pode ter o objetivo de estabelecer relações de igualdade entre as lexias dos diferentes idiomas, mas analisar as semelhanças e diferenças entre elas e que, para acreditar na possibilidade de correspondências lexicais interlínguas, os valores lexicais podem ser construídos de modo semelhante por cada sujeito, seja ele em uma mesma cultura, seja em culturas diferentes. O exemplo dado por eles recaiu sobre as expressões ‘meter a colher’ e ‘*mettre son grain de sel*’ (literalmente ‘colocar seu grão de sal’) da língua portuguesa e da francesa, respectivamente. Essas, embora não tenham valores e significados idênticos, mantêm entre si uma relação de correspondência, pois indicam ‘intrometer-se importunamente em conversa ou assunto que não lhe diz respeito’, mesmo que sejam de diferentes culturas.

Afirmaram também que, para haver correspondência, seria ideal que as lexias tivessem em línguas diferentes o mesmo *status* no sistema linguístico e, por isso, atentaram para que as lexias correspondentes fossem todas idiomáticas. Isso explica por que propuseram as correspondências idiomáticas interlínguas: lexias que tivessem o mesmo *status* no sistema linguístico e cujos conteúdos semânticos, em cada uma de suas línguas, fossem o mais semelhante possível. Preferiram, então, o termo correspondência e não equivalência em virtude da ideia de igualdade de valor que a palavra equivalência guarda em sua etimologia.

Todavia, mais importante que a terminologia utilizada, consideraram a composição de "instrumentos confiáveis para todos os interessados nas atividades interlingüísticas e interculturais", porque transpor as barreiras impeditivas do diálogo intercultural é o objetivo maior na tradução em lexicografia bilíngue.

Os autores, por fim, ressaltaram a imperativa necessidade de pesquisas que otimizem e tornem mais rápidas e eficientes as tantas atividades interlinguísticas como ensino de línguas estrangeiras, a tradução e a interpretação, em virtude do crescente aumento dos intercâmbios comerciais e culturais e também por reconhecerem a ampla ocorrência das EIs no uso cotidiano da língua (fala, mídia, literatura, etc.). Acrescentaram que esse "emprego frequente evidencia que a linguagem coloquial é permeada de recursos imagéticos vindos da subjetividade, criatividade e herança cultural de cada indivíduo".

Na perspectiva das atividades interlinguísticas acima referidas, os autores reconheceram o dicionário como um dos principais recursos dos profissionais dessa área e aproveitaram para defender o investimento em "pesquisas que visem à elaboração de obras lexicográficas mais eficazes e criteriosas" razão por que se debruçaram atentamente sobre a tradução de EIs, especialmente para a correspondência idiomática interlínguas em um dicionário bilíngue específico.

Em artigo sobre a utilização da *web* para realizar um levantamento de frequência de expressões idiomáticas, Xatara (2008a) defende a determinação de um limiar de frequência para serem observados os idiomatismos em uma base textual que possa representar de modo suficiente a linguagem coloquial, registro por excelência desse tipo de unidade fraseológica e conclui ser pertinente a utilização da web e da medida de ocorrências *per million words*. O problema da frequência foi tratado pela autora como aquele que ainda precisa ser resolvido de modo consensual entre os lexicógrafos e com maior cientificidade, já que esse aspecto condiciona-se por diversos fatores, desde o meio social e a situação até as preferências pessoais, entre outros. Considerando que a frequência na web é medida *per million words (*por milhão de palavra) – PMW, foi determinado que "as Eis tidas como freqüentes para os falantes nativos são as que ocorrem a cada milhão de palavras" (XATARA, *op. cit*., p. 3). Em seu trabalho, a autora ressaltou que o ideal seria poder usar uma base textual com ampla dimensão como a da internet e uma ferramenta com sistema de verbatização, através do qual se reconhecessem as formas conjugadas, os plurais e os femininos, a fim de aumentar o desempenho de busca, notadamente das EIs verbais. Mencionou também o programa GlossaNet, concordanceador que identifica EIs verbais em todas as formas conjugadas e em

todas as variantes do verbo. Apenas se ressentiu de que esse serviço gratuito é limitado e em língua portuguesa armazena somente todas as edições de O Dia, um jornal brasileiro.

Em artigo que enfoca questões didáticas sobre o tratamento dado às definições lexicográficas de unidades fraseológicas em dicionários, Olímpio de Oliveira Silva (2004) arrolou uma sequência de "observações críticas", as quais, segundo a autora, além de fazer coro com a lexicografia teórica, ajudaram-na a refletir sobre o que se vinha praticando nos dicionários de língua espanhola, foco de seu artigo. As críticas podem assim ser resumidas:

- muita informação sobre a natureza da definição, a tipologia, os problemas surgidos na hora de definir cada classe de palavra, por exemplo, mas pouco se alude às unidades fraseológicas;
- a circularidade comumente utilizada nos dicionários em que o definido é incluído no enunciado definitório.
- A definição é dada pelo significado não usual e etimológico.

Investigando a importância do dicionário eletrônico como ferramenta auxiliar no ensino de língua estrangeira, Leffa (2006) realizou dois estudos: um envolveu estudantes universitários, falantes de português que utilizaram dicionários bilíngues convencionais e um eletrônico para ler textos em língua inglesa; o outro, alunos surdos, tendo o português como língua estrangeira, que usaram um dicionário eletrônico bilíngue, LIBRAS-português. O estudioso buscava atingir três objetivos:

- comparar o papel do dicionário eletrônico com o conhecimento prévio do leitor;
- induzir o leitor a fazer a interação entre as diferentes fontes de conhecimento e assim antecipar seu desempenho de leitura antes de ter desenvolvido a devida competência linguística e
- explorar os recursos multimidiáticos do dicionário eletrônico. As hipóteses aventadas puderam ser testadas e, a partir da comprovação, foi possível afirmar: i) o dicionário eletrônico pode contribuir para diminuir a diferença entre quem sabe menos e quem sabe mais, já que tem a capacidade de fornecer ao leitor menos proficiente a assistência de que ele necessita, na hora e na quantidade exatas de sua necessidade; ii) o dicionário eletrônico só pode ajudar

> o leitor quando as informações lexicais interagirem com seu conhecimento prévio sobre o tópico do texto e iii) o dicionário eletrônico, por sua capacidade multimidiática, pode ser usado na língua de sinais, o que já era mais ou menos óbvio, mas precisava ser testado.

Assim, Leffa (2006, p. 18 e 01) pôde concluir pela não generalização, mas sugeriu algumas reflexões:

- A principal delas é de que, pelo menos no caso da língua estrangeira, parece ser possível a compreensão de um texto antes da respectiva competência linguística, desde que o aluno seja assistido no seu desempenho. Essa ajuda pode ser efetivada não só por uma pessoa, como o professor, mas também por um artefato cultural, como o dicionário.
- Os resultados sugerem que o dicionário eletrônico, mais do que o dicionário convencional, tem a potencialidade de antecipar o desempenho de leitores sem a devida competência linguística, levando-os a construir com mais facilidade o sentido do texto, aproximando, assim, quem sabe menos de quem sabe mais.

Além dessa constatação, ele concluiu que o dicionário pode assumir uma importância muito maior do que foi sugerido no seu trabalho, em que ele próprio admite ter o dicionário assumido um papel subalterno ao texto. Portanto, para ele,

> além de trabalhar junto com o texto, o dicionário pedagógico pode também se tornar independente de qualquer texto, dando seus próprios exemplos de uso, de registros mais e menos aceitáveis, fazer referências culturais e até registros de dialetos. Tudo isso parece possível com o dicionário eletrônico (Leffa, 2006, p. 20).

Em artigo sobre Fraseologia nos dicionários escolares brasileiros, Pontes (2011) afirma ser comum ainda encontrar obras lexicográficas em cuja composição não incorporam as unidades fraseológicas ou que dão a elas um tratamento inadequado. Assim, extraiu verbetes de dicionários escolares brasileiros, adotados para o ensino fundamental de escolas públicas, a fim de “examinar o modo como as fraseologias se comportam, do ponto de vista gramatical e semiótico”.

Seu trabalho foi organizado em três seções: discorreu primeiramente sobre os aspectos teóricos da Fraseologia e, para isso, referiu estudos de Corpas Pastor, Isabel Pérez, Leonor Gurillo, Martinez, entre outros. Em seguida, discutiu questões relativas a fraseologias

apresentando-as pelos termos e refletindo sobre cada um, a saber: formação sintagmática (caracterizada como fraseologia impropriamente dita), locução, expressão idiomática, frasema pragmático, colocação e expressão proverbial. Na última seção, analisou "a representação de unidades fraseológicas no corpo de verbetes de dicionários brasileiros" e o fez a partir de reflexão acerca de seu posicionamento na subentrada, nos exemplos ou na definição.

Ao final do trabalho, apresentou as principais características dos dicionários estudados (CEGALLA, 2005; BUENO, 2007; LUFT, 2009; AULETE, 2009; FERREIRA, 2010; MATTOS, 2010 E ROCHA, 2010) com respeito às fraseologias e suas representações, das quais destacamos as seguintes:

- são sempre definidas, raramente exemplificadas e aparecem após as acepções;
- destacam-se com letras diferenciadas e são introduzidas, geralmente, por um símbolo. Excetuando-se os dicionários de Aulete e de Ferreira, "nenhum outro autor apresenta as formas de como identificá-las no interior do verbete";
- Uns trazem um número grande de fraseologias, outros apresentam poucos exemplos;
- Quanto ao aspecto tipográfico, a subentrada é apresentada sob duas formas: 1) na mesma cor da entrada, caracterizando-se tal procedimento como rima visual e 2) numa cor diferente da entrada, "como se fossem duas funções distintas, procedimento que se define como uma relação de subordinação". Em ambos os casos a entrada encabeça a ordem por ser a de maior interesse na consulta.

Tendo em conta as considerações do autor, procuramos dar atenção a cada uma dessas observações na elaboração da nossa base de dados.

Chacoto (2012) apresentou algumas questões relevantes sobre a produção fraseoparemiográfica[17] no que respeita à teoria e prática lexicográfica, bem como à historiografia da fraseoparemiografia. Assim, arrolou algumas considerações envolvendo os seguintes aspectos:

1. relevância das fontes – é inquestionavelmente importante explicitar as fontes, principalmente porque, com frequência, os autores utilizam dados de obras já publicadas, a fim de aumentar o número de fraseologismos e parêmias. Além disso, convém saber se a fonte consultada foi escrita (outro dicionário, por exemplo) ou oral (informante de determinada região ou grupo etário concreto);

[17] Termo que abrange os rifoneiros, os adagiários e dicionários de fraseologismos e de parêmias.

2. informações linguísticas e extralinguísticas – em geral, há escassez e lacuna de informação e não fornecimento de dados importantes como: valor sintático e semântico dos fraseologismos, o contexto em que ocorrem, registro de língua, uso restrito a determinada área geográfica, entre outros;

3. terminologia – a confusão terminológica origina-se na mistura indiscriminada de todos os compostos sob a denominação de provérbios/locuções na elaboração de obras de caráter híbrido. Assim, a autora afirma que, do ponto de vista formal, à frase fixa autônoma, que sofreu processo de anonimização, tem valor genérico, é atemporal e, em geral, bimembre com rima interna, dá-se o nome de provérbio. Os fraseologismos, também chamados expressões idiomáticas ou expressões fixas, têm como características: polilexicalidade, não-composicionalidade do sentido, fixidez e opacidade semântica;

4. fraseologismos e parêmias em dicionários de língua – nos dicionários a presença é assistemática, havendo inclusão de expressões fixas e idiomáticas, mas de provérbios é apenas residual, fruto de confusão terminológica e de difícil classificação.

5. classificação temática – apesar de tradicional, apresenta vantagens e desvantagens. A consulta fácil e rápida é uma vantagem. Como desvantagem aponta o fato de que a classificação se baseia na semântica do provérbio e um mesmo provérbio pode pertencer a mais de um tema. Todavia, se o provérbio for apresentado em cada um dos temas a que pertencer, aumentará consideravelmente o número de entradas, iludindo o usuário quanto ao número real de provérbios listados.

6. ordenação – torna-se fácil a ordenação e a localização pela ordem alfabética, contudo a existência de variantes dificultará a localização, caso a forma conhecida do fraseologismo não corresponda à entrada lexical. Assim, ambas as classificações, por ordem alfabética e por temas, são comuns em alguns casos.

7. variantes – os dicionários, em sua maioria, não agrupam as variantes dos provérbios, ordena-os alfabeticamente e os contabilizam como entradas lexicais distintas. Se assim não o fizessem, o número de entradas cairia drasticamente.

8. formas arcaizantes e modernas – manter formas arcaicas sem a devida informação de que o são pode induzir o usuário ao erro, levando-o a aprender e utilizar em seu discurso, oral e/ou escrito, provérbios e expressões em desuso. Também considera

importante assinalar a expressão moderna e apresentar aquelas que, mesmo recém-criadas, já se lexicalizaram.

Apesar de a autora ter anunciado que abordaria também as semelhanças e diferenças, vantagens e desvantagens dos suportes impresso e eletrônico e se as funções monolíngues, bilíngues e multilíngues implicam adoção de critérios diferentes em sua elaboração, tal objetivo não se concretizou e, portanto, tais aspectos se constituíram lacunares.

Empreendendo essa pesquisa, disponibilizaremos eletronicamente o material dela resultante, o que possibilitará ao público-alvo acessar um material organizado com os pragmatemas do português brasileiro, devidamente apresentados e exemplificados.

2 METODOLOGIA

2.1 Descrição do percurso

Nesta pesquisa, propusemo-nos pesquisar obras referenciais da Fraseologia em geral e interações comunicativas de *corpora* orais representativos do português brasileiro, a fim de realizar o levantamento dos pragmatemas empregados pelos falantes brasileiros em situação de uso coloquial e formal na interação comunicativa. É nosso propósito apresentar, ao final da compilação, descrição e da devida categorização, bases teórico-metodológicas e uma mostra que possibilitem a elaboração de um dicionário eletrônico dos pragmatemas do português brasileiro. Dessa forma, a pesquisa foi de cunho teórico-metodológico na área de Linguística Aplicada, sendo exploratória e descritiva para o alcance dos objetivos, bibliográfica com relação ao objeto a ser estudado e qualitativa na abordagem utilizada. Para tanto, seguimos as seguintes etapas necessárias na organização do trabalho:

2.1.1 Seleção e descrição dos corpora

1ª etapa - a fim de identificar os pragmatemas do português brasileiro e, dentre estes, elencar as fórmulas de rotinas e discursivas, investigamos obras referenciais da Fraseologia em geral (TAGNIN, 2005/2013; FULGÊNCIO, 2008; MONTEIRO-PLANTIN, 2012 e SILVA, 2014) e interações comunicativas de *corpora* orais disponíveis em meio virtual, indicados na literatura fraseológica e representativos do português brasileiro como, por exemplo, os indicados por Tagnin (2013), a saber:

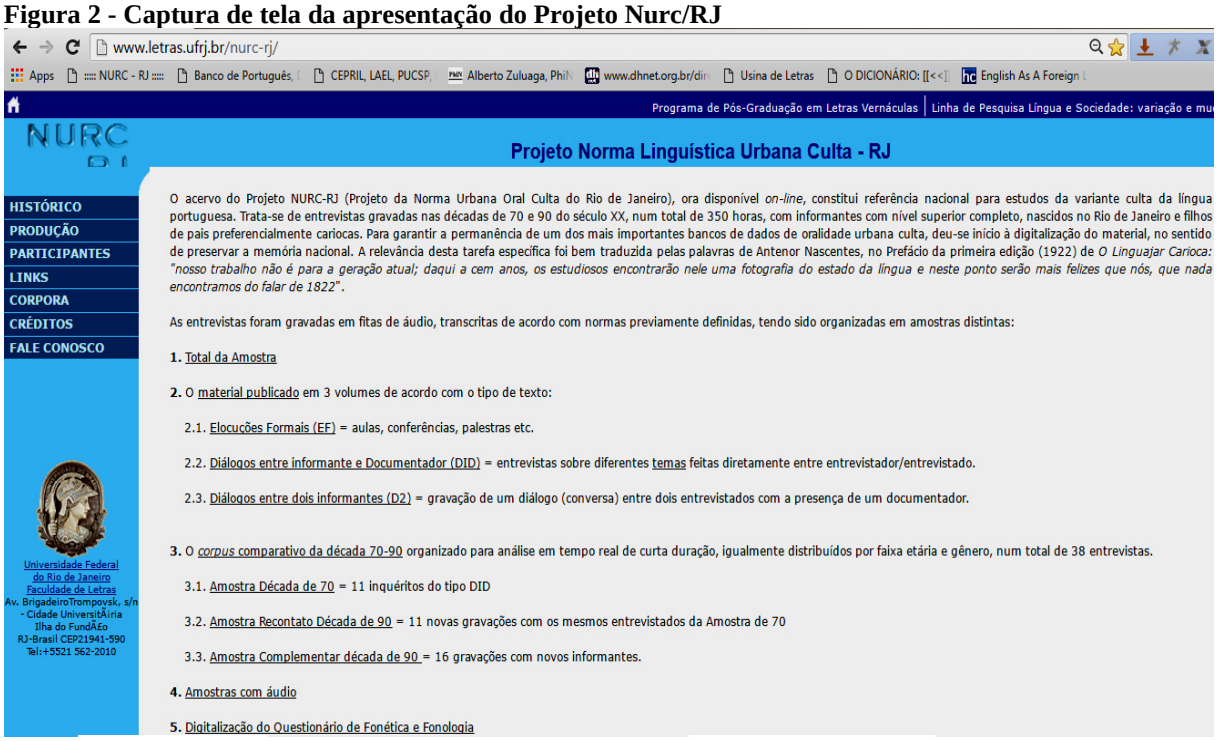
- *Corpus* do Português (http://www.corpusdoportugues.org/);
- Corpus Brasileiro (http://corpusbrasileiro.pucsp.br/x) e
- Banco de Português (<http:www2lael.pucsp.br/corpora/bp>).

Além desses, elencamos mais dois:

a) O Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC), cujo acervo, disponível *on-line*, é referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa. Conforme apresentação no *site*, constitui-se de “entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas, com informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. Para garantir a permanência de um dos mais importantes bancos de dados de oralidade

urbana culta, deu-se início à digitalização do material, no sentido de preservar a memória nacional. As entrevistas foram gravadas em fitas de áudio, transcritas de acordo com normas previamente definidas, tendo sido organizadas em amostras distintas. O *corpus*, comparativo das décadas 70 e 90, é organizado para análise em tempo real de curta duração, igualmente distribuído por faixa etária e gênero, num total de 38 entrevistas".(*sic*)

Figura 2 - Captura de tela da apresentação do Projeto Nurc/RJ



Fonte: Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj> Acesso em março/2013.

b) **O Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA)** – conforme apresentação no sítio, desenvolve-se no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Teleinformática, da mesma UFC. Tem como objetivo geral a implantação de um sistema baseado em tecnologia da informação para análises e aplicações à língua falada e ao discurso. As análises que o projeto pretende fazer são Linguísticas (fonético-fonológicas, léxicas, morfossintáticas, pragmáticas, discursivas); Dialetais (variações diatópicas do falar do Ceará e de outros estados nordestinos); Sociolinguísticas (variações diastráticas do falar do Ceará e de outros estados nordestinos) e Psicolinguísticas (processamento da fala e do discurso). Para essas análises, o projeto conta com um banco de dados com *corpora* já existente na UFC: O Português Não-Padrão do Ceará, o Português Oral Culto de Fortaleza, Projeto AliB-CE, *Corpus* de Língua Inglesa Falada.

c) **Figura 3 – Captura de tela da apresentação do Profala.**

Fonte: Disponível em http://www.profala.ufc.br/historico.htm Acesso em junho/2012.

Todo esse material nos era propício por estar online, todavia, ao iniciarmos a busca por candidatos a pragmatemas, constatamos que não se apresentaram tão profícuos em relação à existência das expressões mais comuns utilizadas no cotidiano. Além disso, percebemos que seria melhor realizar a coleta em textos mais atuais. Isso nos levou a tomar a decisão de elencar outros *corpora* sem, contudo, deixar de recolher as fórmulas que surgiram nos *corpora* já pesquisados. As obras referenciais da Fraseologia passaram a constituir nosso *corpus* de referência e, então, escolhemos outros textos que obedecessem aos seguintes critérios: passíveis de ser salvos em arquivo txt., ricos em diálogos e representativos do português mais atual.

d) Roteiro de cinema

Empreendemos busca a roteiros de filmes, teatro, minisséries e novelas além de contos e crônicas de autores contemporâneos da literatura brasileira e, através de uma busca no *google*, tivemos acesso ao *site* Roteiro de cinema, cuja biblioteca possui mais de 380 roteiros audiovisuais para serem lidos como estudo ou entretenimento. Conforme registro no *site*, trata-se de "uma publicação da Arte & Letra Educação e Cultura que, desde junho de 2002, data de sua publicação, é o maior portal de informações em língua portuguesa sobre roteiros audiovisuais". Eis sua apresentação:

Figura 4 – Captura de tela do *site* roteiro de cinema

Fonte: Disponível em <http://www.roteirodecinema.com.br> Acesso em 2014.

Acessando o *link* televisão, encontramos roteiros de filmes e novelas dos quais pudemos extrair candidatos a pragmatemas para a nossa investigação.

Figura 5 – Captura de tela do link televisão no site Roteiro de Cinema

ROTEIRO DE CINEMA

PROCURE NO SITE | Tudo | Procurar | NAVEGUE NO SITE | ESCOLHA A SEÇÃO

A - Z	Como	Onde
BRAVA GENTE		
Série produzida pela Rede Globo de Televisão. Roteiros de: Marcilio Moraes, Rosane Lima, Carlos Gerbase, Jorge Furtado e Giba Assis Brasil.	vários	vários
AVENTURAS DE UM BARNABÉ, AS Marcilio Moraes, baseado em uma peça de Machado de Assis.	doc	associação dos roteiristas
CABINE, A Rosane Lima, baseado em um conto de Juva Batella.	doc	roteiro de cinema
COMPRADOR DE FAZENDAS, O Carlos Gerbase e Jorge Furtado	htm	casacinepoa
DIA DE VISITA Jorge Furtado e Giba Assis Brasil	htm	casacinepoa
MEIA ENCARNADA DURA DE SANGUE Jorge Furtado e Guel Arraes	htm	casacinepoa
CELEBRIDADE		
Novela de Gilberto Braga. Escrita com: Leonor Bassères, Sérgio Marques, Márcia Prates, Maria Helena Nascimento, Denise Bandeira Ângela Chaves e Marília Garcia. Direção geral de Denis Carvalho e Marcos Schechtman. Exibida de 13 de outubro de 2003 à 26 de junho de 2004, em 221 capítulos.	doc | htm	roteiro de cinema
CAPÍTULO no.001 Primeiro capítulo da novela.	doc | htm	roteiro de cinema
CAPÍTULO no.110 Confronto de Laura e Maria Clara na prisão.	doc | htm	roteiro de cinema
CAPÍTULO no. 158 O assassinato de Lineu.	doc | htm	roteiro de cinema
CAPÍTULO no. 169 Briga de Maria Clara e Laura no banheiro.	doc | htm	roteiro de cinema

Fonte: Disponível em <http://www.roteirodecinema.com.br/roteiros/televisao.htm> Acesso em 2014.

Como resultado, transformamos em arquivo txt. os seguintes títulos:

1. **A cabine** (roteiro de Rosane Lima, baseado no conto: A Cabine, de Juva Batella) = 73 ocorrências.
2. **Aeroplanos** (episódio da série CONTOS DE INVERNO, 2002. Argumento e roteiro de Marcelo Pires - Versão 28/03/2002. Coordenação de texto da série Jorge Furtado e Giba Assis Brasil. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre para RBS TV) = 09 ocorrências
3. **Aqui jaz a nossa sorte** – (peça teatral de Rafael Magalhães – Recanto das Letras)
4. **Celebridade** (Cap. 110)
5. **Celebridade** (Cap. 01 - Novela de Gilberto Braga, escrita com Leonor Bassères, Sérgio Marques, Márcia Prates, Maria Helena do Nascimento, Denise Bandeira, Ângela Chaves e Marília Garcia. Central Globo de Produção) = 58 ocorrências

6. **Celebridade** (Cap. 158)
7. **Celebridade** (Cap. 169)
8. **Celebridade** (Cap. 221)
9. **Dia de visita** (episódio da série Brava Gente - roteiro de Jorge Furtado e Giba Assis Brasil - 4º tratamento - 29/05/2001. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre para TV Globo) = 15 ocorrências
10. **Jogos do amor e do acaso** (episódio da série CONTOS DE INVERNO. Roteiro de Jorge Furtado, Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil. Colaboração de Luis Fernando Verissimo - versão 3 - 10/03/2001, livremente inspirado na peça de Pierre Marivaux *Le jeu de l'amour et du hasard.* Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre para RBS TV) = 54 ocorrências
11. **Luna caliente** (Cap. 1) microssérie em 4 capítulos. Roteiro de Jorge Furtado, Carlos Gerbase e Giba Assis Brasil, a partir da novela homônima de Mempo Giardinelli - versão de 11/08/1998, produção: Casa de Cinema de Porto Alegre para TV Globo = 50 ocorrências
12. **Luna caliente** (CAP. 2) = 30 ocorrências
13. **Luna caliente** (Cap. 3) = 30 ocorrências
14. **Luna caliente** (Cap. 4) = 28 ocorrências
15. **Meia encarnada dura de sangue** (episódio da série Brava Gente, baseado no conto de Lourenço Cazarré, roteiro de Jorge Furtado e Guel Arraes, versão 09/11/2000. Produção: Casa de cinema de Porto Alegre para TV Globo) = 10 ocorrências
16. **O telefonema** (Rafael Cardoso - obra de ficção - veiculado no dia 08/02/09 no programa Revista RPC - afiliada paranaense da rede Globo - quadro: casos e causos. Baseado no argumento de Níbio Salatino) = 18 ocorrências
17. **Para o amor não tem cor – (**peça teatral de Léo Jayme/LeoduNascimento – Recanto das Letras) = 28 ocorrências
18. **Tudo num dia só** (episódio da série CONTOS DE INVERNO. Roteiro de Fabiano de Souza e Emiliano Urbim - versão 3 - 02/04/2001. Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre para RBS TV) = 37 ocorrências

Após a seleção desse *corpus*, fizemos a compilação, a organização, a conversão e a limpeza dos textos. Foi necessário, no caso dos roteiros, retirar as orientações/instruções aos atores sobre como deveriam proceder, além de retirar as informações extras sobre cenário e

figurino. Em suma, enxugamos o texto de tal forma que a pesquisa no programa se limitasse às falas dos personagens.

Para selecionar os pragmatemas, procuramos perceber, nas expressões coletadas, as características arroladas por Alvarado Ortega (2008, p. 101), as quais registramos a seguir:

- Ser unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas ou reduzidas de um determinado conjunto de palavras (desde que passível de comprovação);
- Ter alta frequência de uso e coaparição de seus elementos integrantes;
- Ter graus de convencionalidade e idiomaticidade.
- Ter o significado pela modalidade do enunciado, pela função que adquirem na conversação (atitude do falante) e pelo papel que a fórmula adquire na conversação.

2ª etapa – Depois de analisados os pragmatemas extraídos e escolhidos de todas as listas aqueles que se constituem como fórmulas situacionais e as empregadas rotineiramente em conversações, pesquisamos o contexto nos quais as fórmulas ocorreram nos *corpora* escolhidos. Para isso, utilizamos o programa AntConc 3.2.3w (Windows) 2011. Inicialmente, pesquisamos através do gerador de n-gramas (pesquisa sequências de palavras que se repetem no *corpus)* e no gerador de *clusters* (conjunto de palavras no entorno de uma palavra-chave a partir da qual se realiza a busca). Ao percebermos uma combinação de que suspeitávamos tratar-se de uma fórmula situacional, pesquisávamos o contexto para comprovar ou não a suspeita. Um exemplo dessa situação pode ser assim compreendido: ao encontrarmos o grupo de palavras *bom dia* no intervalo de 2 a 4 n-gramas, clicávamos sobre ele e o programa nos remetia à aba *concordance*. Ali encontrávamos o contexto de produção que poderia ser *ele disse que teve um bom dia hoje* ou alguém cumprimentando uma pessoa com *bom-dia*. Nesse caso, apenas o segundo exemplo constituiria uma expressão a ser arrolada no inventário, por se tratar de uma fórmula fixa como assim descreve Fulgêncio (2008, p. 78) ao registrar "Temos na nossa memória também fórmulas fixas, como *bom-dia* (e não **boa-manhã*)."

3ª etapa – Para essa fase, separamos cada uma das fórmulas, a fim de organizarmos as informações numa ficha e com ela alimentarmos uma base de dados, criada através do programa da *Microsoft Access 2007*, com os seguintes campos: tipologia, função social, expressividade, registro, modalidade, expressão, sentido, variantes/equivalentes, contexto e exemplos. Com isso podemos organizar os pragmatemas, marcando no campo adequado a

qual tipo a expressão pertence que, no dizer de Tagnin (2013, p 117), vão “desde as de polidez e distanciamento, até provérbios, passando por frases feitas, citações e fórmulas de rotina”. Além disso, descrevemos-lhes as características e apresentamos o significado junto com o contexto no qual se encontravam inseridas, além de especificar o registro ao qual pertencem (coloquial, culto ou coloquial e culto). Nessa etapa, tivemos que tomar decisões sobre todas as informações a serem inseridas na base de dados e isso foi feito com fundamento nos conhecimentos já compartilhados por pesquisadores da área. O exemplo a seguir demonstra como se deu o trabalho nessa fase: identificamos a expressão *muito bonito, hein!* e buscamos o contexto em que foi produzida para averiguar se se tratava de um pragmatema/fórmula de rotina ou apenas uma frase em que foi utilizado um intensificador para o adjetivo bonito. Antes mesmo de verificar o contexto, nos ocorreu imediatamente que a expressão poderia tratar-se de um elogio ou de uma repreensão, fruto de uma ironia. O contexto de produção foi localizado na fala de uma personagem (Letícia) flagrando seu suposto noivo aos beijos com uma moça, depois de ele retornar de uma longa viagem de estudos.

> Letícia – (aplaudindo) **Muito bonito hein** Sr. Carlos! Eu esperando você voltar de seus estudos anos e anos e quando você volta traz uma namoradinha na bagagem.(*sic*) (Para o amor não tem cor, 2010).

O contexto, portanto, deixou claro que a palavra *bonito* acompanhada de um intensificador (muito) e de uma interjeição (hein), que denota espanto ou indignação, foi usada em tom de ironia, já que assumiu, ali, sentido contrário ao que lhe é próprio, de expressar admiração por algo que se apresenta belo aos olhos.

Embora seja possível uma certa variação nos elementos da expressão (*Que bonito, hein? Mas que bonito, né? Bem bonito, hein?*) ela é usada corriqueiramente em situações semelhantes para expressar a atitude do falante que pode ser de indignação ou reprovação. Ressaltamos, porém, que a simples variação dos elementos que acompanham a palavra *bonito* não muda o sentido. O que mantém a ideia da ironia é o contexto situacional, os gestos da personagem e a entonação com que a expressão é proferida, já que também podemos elogiar algo ou alguém usando as mesmas expressões *Que bonito, hein? Mas que bonito, né? Bem bonito, hein?*

Foi, portanto, realizando essas reflexões acima referidas e outras que se fizeram necessárias, que analisamos as expressões ora apresentadas neste trabalho, à medida que detectávamos os candidatos a pragmatemas.

Em muitas delas também analisamos as características mencionadas por Alvarado Ortega (2008), a saber: as fórmulas de rotina são compostas por duas ou mais palavras que se encontram, de certo modo, ritualizadas e cujo limite superior se encontra na oração composta. Isso faz com que possuam **fixação formal** (perdurabilidade, estabilidade dos componentes) e **psicolinguística** (convencionalidade, frequência de uso), **potencial idiomático** (o significado do todo não resulta do significado das partes) e i**ndependência** (autonomia) em algum grau (textual, entonativa, etc).

4ª etapa - Ao final, sistematizadas as informações, organizamos todo o material na base de dados para que haja uma contínua alimentação desta e, assim, possamos construir o dicionário eletrônico, a fim de disponibilizá-lo a tradutores, professores e estudantes de português tanto de língua materna quanto de PLE. Além disso, elaboramos um verbete nos moldes idealizados para a produção do dicionário eletrônico.

2.2 Estratégias de compilação

Para analisar o *corpus* com o objetivo de extrair dele os possíveis pragmatemas foi necessária uma leitura cuidadosa e, como os textos escolhidos estavam disponíveis em formato eletrônico, a utilização de ferramentas computacionais tornou-se imperiosa. De acordo com Tagnin (2013, p. 57) há vários programas que oferecem os dois tipos de análise de *corpora* eletrônicos, a qualitativa e a quantitativa. A qualitativa "oferece grande riqueza e precisão nas observações linguísticas consideradas e a quantitativa, informações estatisticamente significativas em relação a essas observações".

Para este trabalho, utilizamos os seguintes recursos:

2.2.1 O software AntConc e suas ferramentas: a identificação de candidatos a pragmatemas

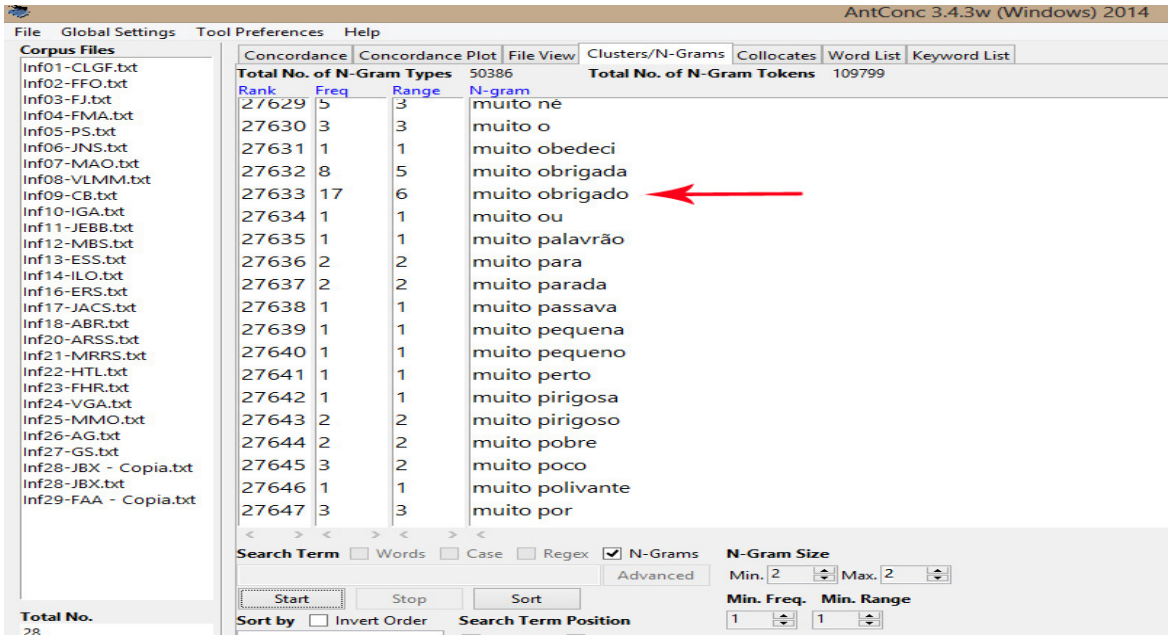
Escolhemos o programa AntConc 3.2.4w (Windows) 2011 que possui as seguintes ferramentas:

- Listador de palavras – apresenta as palavras do *corpus* em ordem alfabética e de frequência;
- Palavras-chave (*keywords*) – possibilita a identificação de palavras características do *corpus* estudado em relação a um corpus de referência;

- Gerador de n-gramas – pesquisa sequências de palavras que se repetem no *corpus*;
- Gerador de *clusters* –conjunto de palavras no entorno de uma palavra-chave a partir da qual se realiza a busca;
- Colocados (collocates) – palavra que coocorre com a palavra de busca e
- Concordanciador – apresenta as ocorrências de uma palavra com seu contexto imediato.

A seguir, visualizamos uma tela do programa acima descrito:

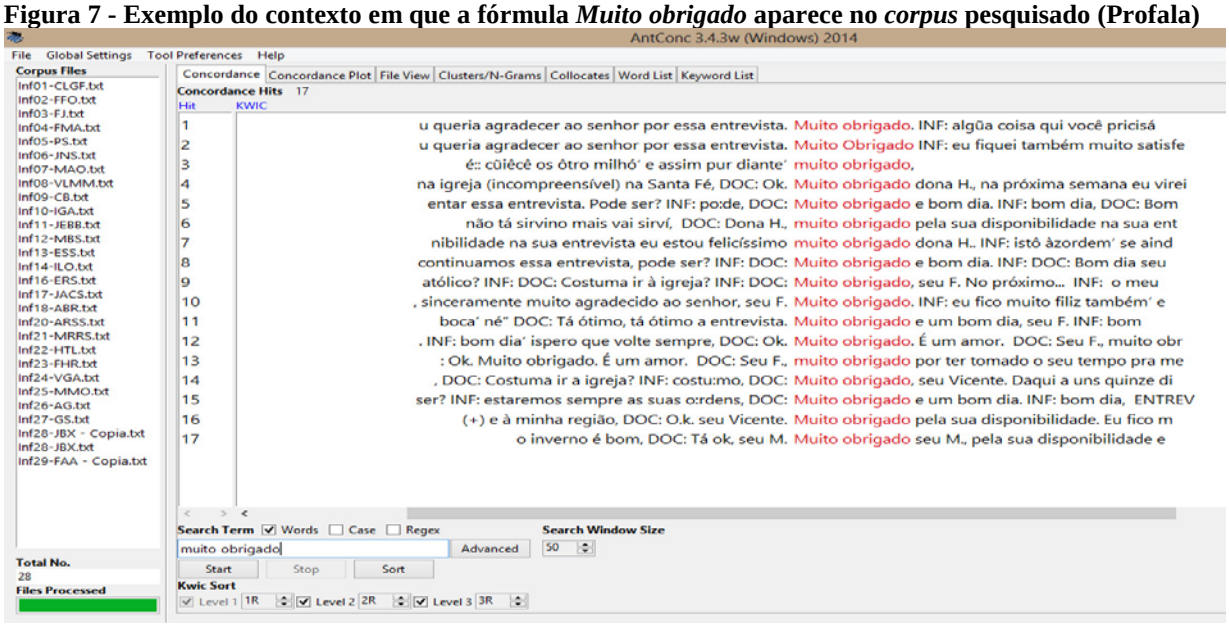
Figura 6 - Exemplo da extração de candidatos a termos no intervalo de 2 a 4 n-gramas (*corpus* Profala)



Fonte: elaborada pela autora (2014)

Nessa tela podemos visualizar *Muito obrigado* no meio de outros termos no intervalo de 2 a 4 *n-grams* e o selecionamos como candidato a pragmatema para verificar e atestá-lo como fórmula de rotina, aquela que é costumeiramente usada para agradecer. No caso específico dessa expressão, ela já se encontrava devidamente apresentada como fórmula de rotina de agradecimento nas obras fraseológicas estudadas, mas aqui pudemos constatar sua aparição em contexto nos *corpora* pesquisados.

Figura 7 - Exemplo do contexto em que a fórmula *Muito obrigado* aparece no *corpus* pesquisado (Profala)



Fonte: elaborada pela autora (2014).

E foi analisando os exemplos presentes nessa tela, ao clicarmos sobre a expressão propriamente dita, que encontramos todas as ocorrências, a frequência nos *corpora* selecionados e pudemos constatar se se tratava ou não de uma fórmula de rotina, visto que *muito obrigado* poderia não ser usado como fórmula de agradecimento, como por exemplo *O garoto foi muito obrigado pelo pai a fazer o que não queria*. Na tela, observamos que, em todas as ocorrências, *muito obrigado* se constitui como fórmula de rotina para expressar agradecimento.

2.2.2 Base de dados Access e a ficha de apresentação dos pragmatemas

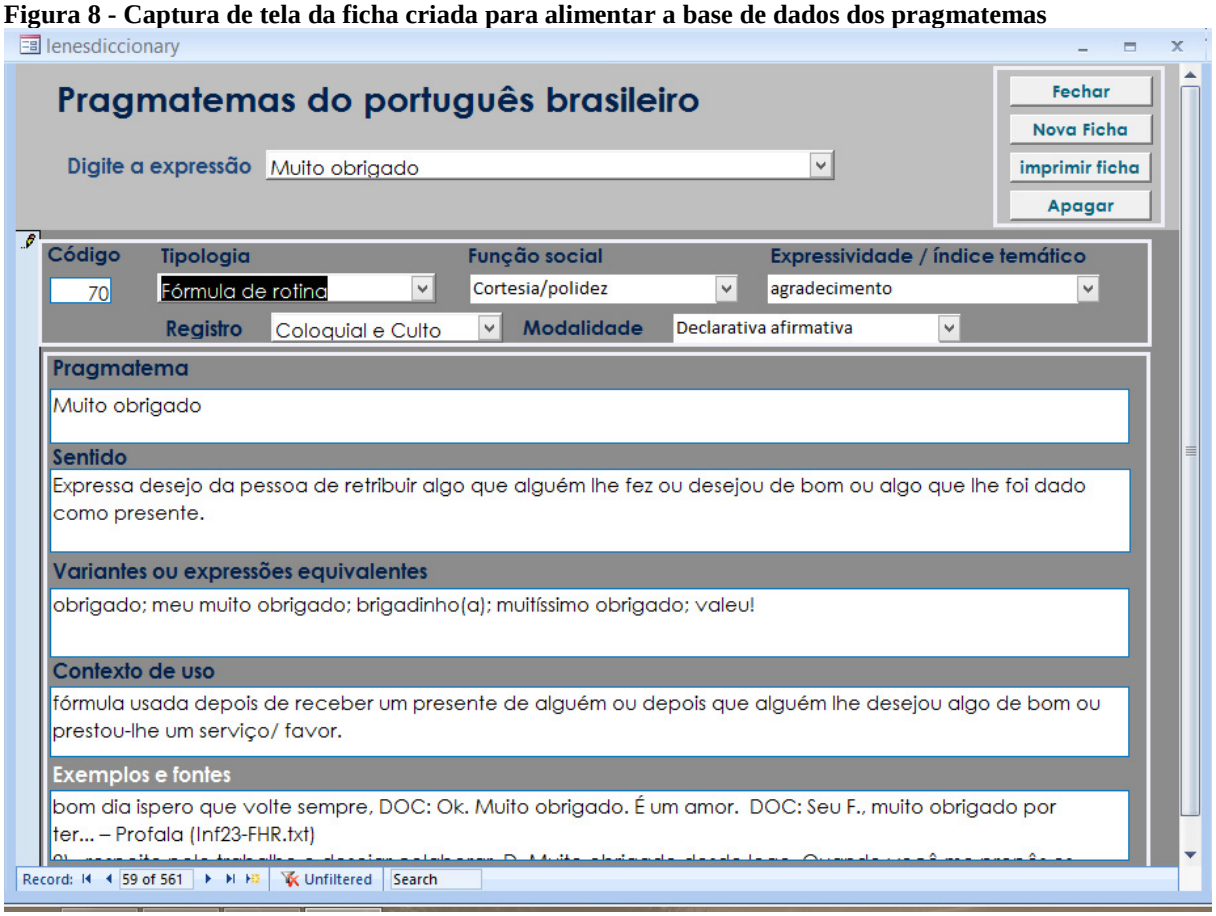
Na medida em que avaliamos as expressões encontradas e passamos a identificar as que possuíam as características de pragmatemas (fórmulas rotineiras ou discursivas na interação comunicativa (composta por duas ou mais palavras, apresentando fixidez, com alta frequência de uso, certo grau de idiomaticidade e de independência) redirecionamo-los a uma base de dados criada a partir do programa Microsoft Access 2007, o que resultou numa ficha, contendo os seguintes campos: pragmatema, sentido, tipologia, função social, expressividade, registro, modalidade, variantes, contexto e exemplos. A escolha desses campos se deu por desejarmos um dicionário o mais prático e didático possível, o que não significa que não sofra alterações até o momento de sua execução.

A seguir, a descrição dos campos em ordem alfabética e não na ordem em que aparecem na base de dados.

1. Contexto – espaço destinado à descrição de situações em que pode ser empregada a expressão.
2. Exemplos – campo reservado para a apresentação dos contextos linguísticos em que a expressão foi encontrada.
3. Expressividade – nesse espaço são arrolados os temas com os quais identificamos o estado de ânimo do falante (agradecimento, saudação, ironia etc.)
4. Função social – lugar reservado para distinguir o que consideramos estar ligado à cortesia e à descortesia, pois o uso das fórmulas de rotina podem unir (cortesia) ou afastar (descortesia) falante e ouvinte (ALVARADO ORTEGA, 2008, p. 205).
5. Modalidade - campo reservado para indicar a relação entre falante e ouvinte através das expressões declarativas (afirmativas ou negativas), exclamativas, imperativas (afirmativas ou negativas) e optativas.
6. Pragmatema – espaço onde escrevemos a expressão.
7. Registro – espaço reservado para identificar qual o uso, se informal, culto ou os dois indiferentemente.
8. Sentido – espaço reservado para dar o significado da expressão.
9. Tipologia – esse campo é reservado para nomear o tipo da expressão arrolada sejam provérbios, frases feitas, citações, fórmulas de rotina, discursivas, epistolares, religiosas etc.
10. Variantes – nesse campo são arroladas as formas variantes da expressão ou outras fórmulas que lhe são equivalentes na própria língua. Poderiam ser encontradas ou não no *corpus* pesquisado.

A seguir, a apresentação na base de dados da ficha descrita acima.

Figura 8 - Captura de tela da ficha criada para alimentar a base de dados dos pragmatemas



Fonte: elaborada pela autora.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Fundamentamos a nossa análise dos pragmatemas nos conceitos já difundidos por estudiosos da área de Fraseologia. Assim, utilizamos a forma pragmatema para nos referir a um termo hiperonímico abrangendo diversas estruturas que cumprem funções pragmáticas dentre as quais se incluem as fórmulas de rotina. Essas, por sua vez, são fórmulas empregadas em atos de linguagem na interação social cuja compreensão se dá pelo contexto situacional em maior ou menor grau. Ex.: *com licença, pois não, muito obrigado etc*.

Inspirada em Blanco (2010), para quem o pragmatema não deve constituir uma entrada em um dicionário de unidades léxicas, pois possui uma estrutura argumental interna, utilizamos dele a noção de ancoragem: escolhemos uma unidade lexical que permite caracterizar a situação comunicativa do pragmatema e a essa unidade lexical, que estamos chamando índice temático, caberá a função de entrada à qual ficará associada a sua subentrada ou os pragmatemas correspondentes. Como exemplo temos “Bom dia”, expressão usada como saudação/cumprimento e, portanto, o índice temático é SAUDAÇÃO ou CUMPRIMENTO. Como salientado pelo autor, esses índices temáticos, em geral, não aparecem no pragmatema, mas, na maioria das vezes, fazem parte do significado. Assim, num dicionário explicativo e combinatório, os pragmatemas aparecerão como subentradas associadas à macroestrutura principal, com uma apresentação semelhante à das funções léxicas no dicionário-padrão.

Todavia, em se tratando de dicionário eletrônico, é possível oferecer as duas formas de apresentação e sobre isso concordamos com Glenk (2007, p. 6), quando defende que se elaborem dicionários de fórmulas de rotina independentes, sejam monolíngues ou bilíngues, que combinem critérios semasiológicos e onomasiológicos com espaço para que sejam inseridos aspectos contextuais. Glenk (2007, p.7, grifo nosso) assegura: “o levantamento das fórmulas na respectiva situação comunicativa, **possível através dos *corpora,*** possibilita uma descrição fraseográfica adequada e é o primeiro passo para um procedimento onomasiológico”.

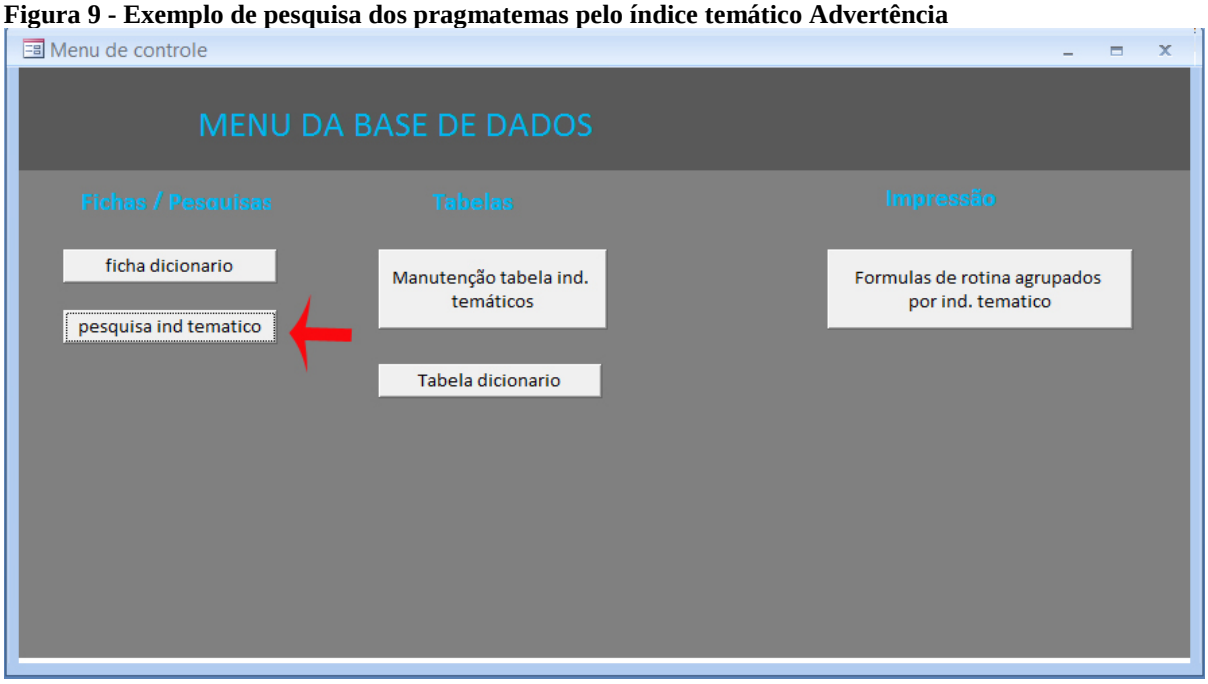
Nessa perspectiva, registramos o que afirmam Miranda e Farias (2011): “é perfeitamente possível que um dicionário semasiológico, ou seja, um dicionário para compreensão ou recepção, possa apresentar também um viés onomasiológico, seja por meio de macroestruturas complementares, seja pela apresentação de um segmento onomasiológico dentro da microestrutura”.

Indo além do que sugere Blanco (2010) e adotando a ideia dos demais pesquisadores retromencionados, listamos na parte semasiológica as expressões por ordem alfabética, apresentando, na sua microestrutura, o significado e as condições de uso, de forma metalinguística e através de exemplos. Na parte onomasiológica, apresentamos o termo hiperonímico (ancoragem lexical ou, como preferimos, índice temático) e a ele serão relacionadas as expressões encontradas. Assim, por exemplo, poderemos acessar consultando os seguintes índices temáticos, entre outros:

- Acolhida – ex.: *sejam bem-vindos!*
- Advertência – ex.: *acesso exclusivo a...*
- Comentário – ex.: *não seja infantil!*
- Conselho – ex.: *não caia nessa!*
- Constatação – ex.: *dá na mesma.*
- Desaprovação – ex.: *nada disso!*
- Desejo – ex.: *estimo melhoras!*
- Despedida – ex.: *até mais ver!*
- Dúvida – ex.: *Como assim?*
- Elogio – ex.: *Um brinco!*
- Esclarecimento – ex.: *o que eu tô querendo dizer...*
- Motivação – ex.: *vai nessa!*
- Pedido – ex.: *dá um tempo!*
- Repreensão – ex.: *não tem mas, nem meio mas.*
- Saudação – ex.: *como tem passado?*
- Suposição – ex.: *quem sabe!*
- Surpresa – ex.: *você por aqui?*

A seguir, apresentamos a figura que nos permite visualizar a tela da base de dados quando clicamos em algum dos índices temáticos relacionados acima. Tomamos como exemplo “Advertência”.

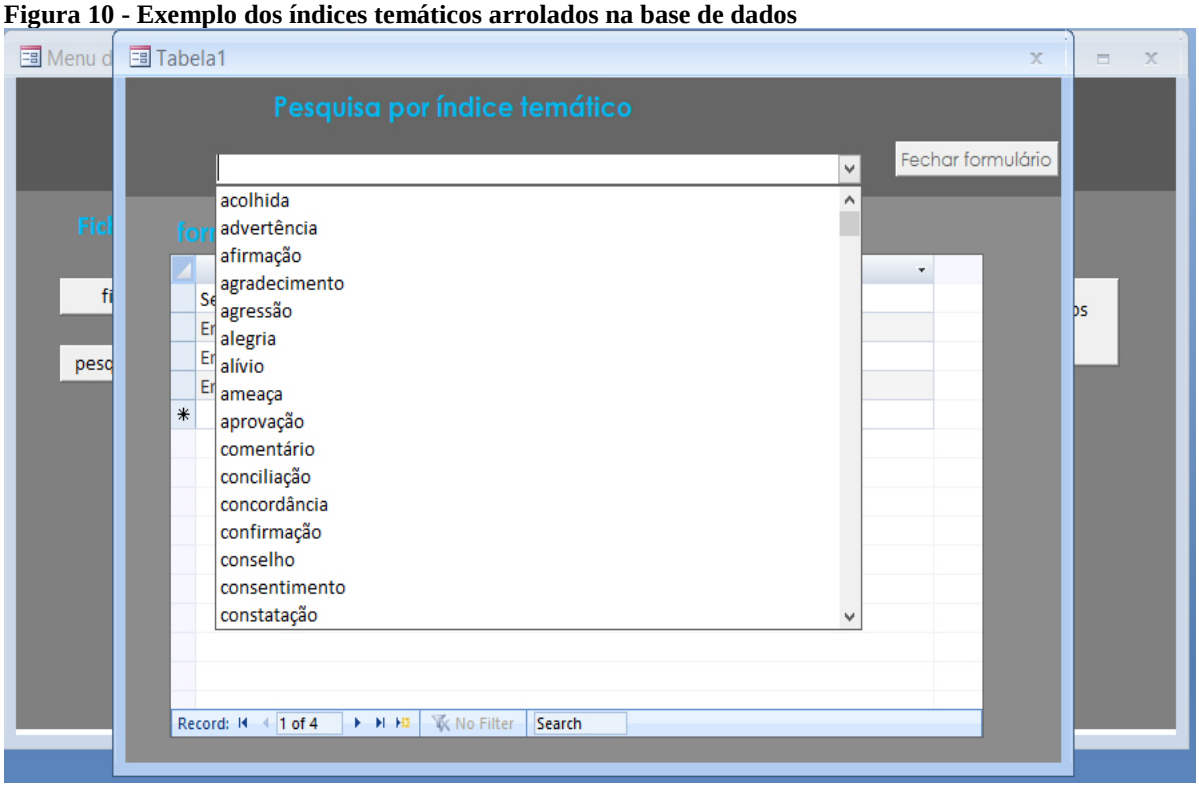
Figura 9 - Exemplo de pesquisa dos pragmatemas pelo índice temático Advertência



Fonte: elaborada pela autora (2014)

Imediatamente quando clicamos na janela indicada com o nome índice temático, temos à nossa frente uma tela com um campo a ser preenchido pelo tema que se quer pesquisar ou simplesmente clicamos sobre a seta no canto direito. Logo aparece a expressão ou a lista delas. Podemos, então, clicar sobre aquela que nos interessa.

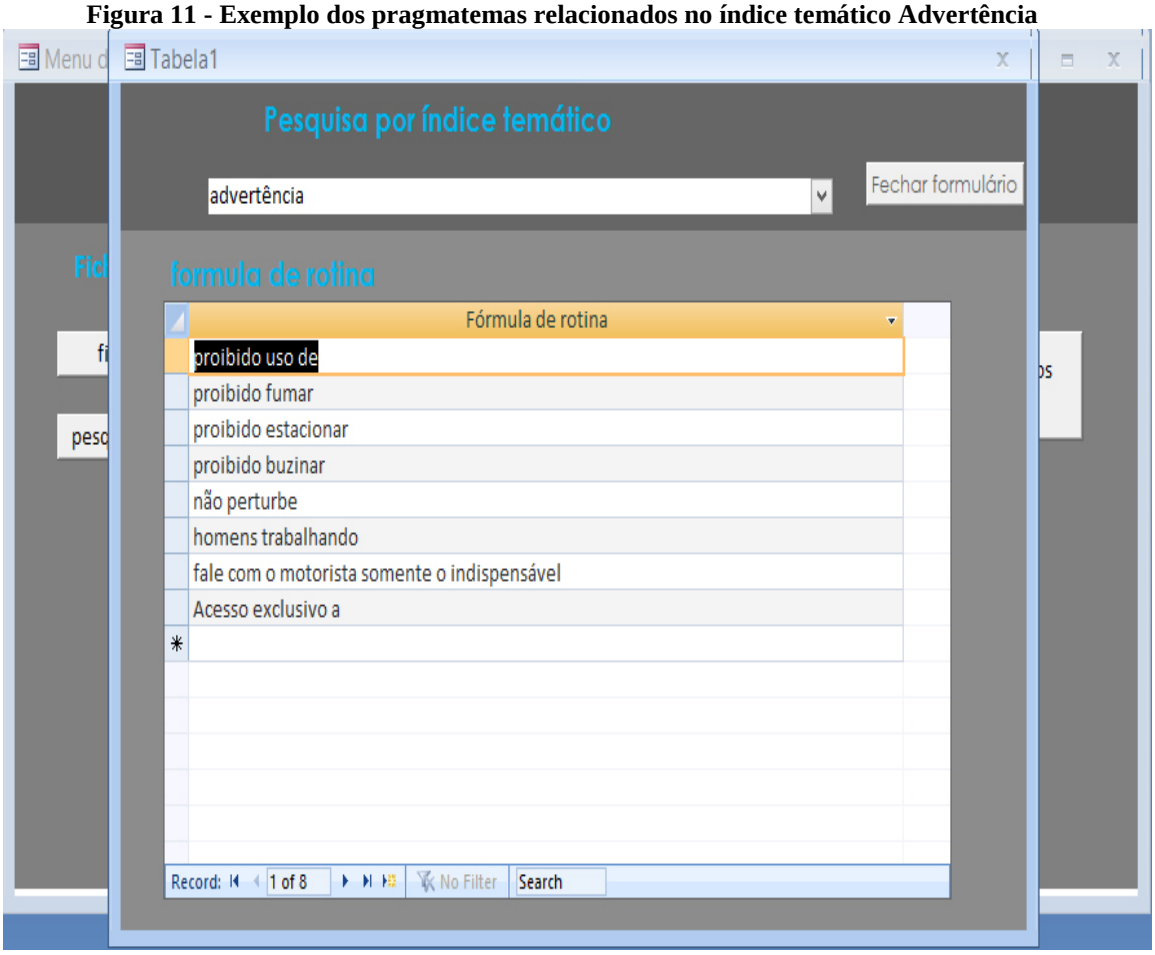
Figura 10 - Exemplo dos índices temáticos arrolados na base de dados



Fonte: elaborada pela autora (2014)

Finalmente, visualizamos a lista das expressões arroladas sob o mesmo índice temático, nesse caso *Advertência*, criada com base na informação dada no campo expressividade/índice temático na base de dados.

Figura 11 - Exemplo dos pragmatemas relacionados no índice temático Advertência



Fonte: elaborada pela autora (2014)

Cremos que a dupla forma de acesso, pela expressão (semasiológico) e pelo índice temático (onomasiológico), possibilitará ao usuário a liberdade tanto na hora de produzir seus textos, tendo ao seu dispor listas de expressões a serem usadas de acordo com os seus propósitos, como no momento em que se deparar com alguma expressão cujo sentido ainda não lhe seja claro e precise de ajuda para alcançá-lo.

Tratando das fórmulas de rotina, especificamente, apresentamos, no quadro a seguir, a sua divisão em categorias de acordo com Tagnin (2005/2013), Glenk (2008), Alvarado Ortega (2008) e Monteiro-Plantin (2012) que nos serviram de base para a detecção das expressões analisadas nesta pesquisa e também para a forma como as classificamos mais adiante.

Quadro 3 - Categorias de fórmulas de rotina (continua)

AUTOR	CLASSIFICAÇÃO DAS FÓRMULAS DE ROTINA
TAGNIN (2005)	• Agradecimentos • Desculpas • Saudações • À mesa • Votos
ALVARADO ORTEGA (2008)	• Discursivas de abertura • Discursivas de fechamento • Discursivas de transição • Lógicas deônticas • Lógicas epistêmicas • Subjetivas afetivas • Subjetivas avaliativas
GLENK (2008)	• À mesa • Admoestação • Agradecimento • Comentário (dúvida, rejeição, crítica, réplica, contrariedade) • Conciliação • Contato • Conversação • Cumprimento • Despedida • Maldição • Motivação • Surpresa
MONTEIRO-PLANTIN (2012)	• Cortesia/polidez • Descortesia/impolidez

Fonte: elaborada pela autora (2015)

As categorias sugeridas por Alvarado Ortega (2008) são assim apresentadas:

Lógicas

epistêmicas: expressam grau de certeza e incerteza.

Ex.: *Já te digo, de acordo, claro etc.*

deônticas: expressam obrigatoriedade, exortação ou ordem.

Ex.: *Por favor, que te importa? etc.*

Subjetivas

afetivas: expressam juízo de valor do falante.

Ex.: *Que sorte!Graças a Deus! Que pena!*

avaliativas: manifestam a atitude, emoção do falante diante do enunciado. Ex.: *Que bom! Que bonito! Que feio!*

Discursivas - têm papel na conversação e na interação entre falante e ouvinte. Dividem-se em fórmulas de:

- **Abertura**: *Como está?*
- **Fechamento**: *Até logo!*
- **Transição** – servem para organizar, estruturar e manter a fluidez dos intercâmbios. Assim são usadas para:

reorientar: *Bom...*

concluir: *nada e ponto.*

manter o turno: *o que você diria?*

suprimir informação: *não sei o quê, e isso e tal.*

3.1 Descrição e análise dos pragmatemas

Distinguimos neste trabalho os tipos de pragmatemas constituídos por fórmulas de rotina e por fórmulas discursivas. Como mencionado no capítulo anterior, entendemos o primeiro tipo como toda expressão usada de forma rotineira em determinada situação, cumprindo uma função pragmática, com perdurabilidade de seus componentes (fixação formal) e, às vezes, com idiomaticidade. O segundo tipo, as fórmulas discursivas, engloba as expressões utilizadas para a organização do discurso e para a manutenção da fluidez dos intercâmbios conversacionais.

Iniciamos a análise pela categoria denominada fórmulas de rotina. Estas assumem, muitas vezes, valores de uso e significados que dependem do contexto no qual são produzidas. Eis o que Alvarado Ortega (2008, p. 172, tradução nossa) registra:

> Em geral, as fórmulas de rotina, como formas linguísticas que são, podem ter um significado codificado e um significado contextual, que depende da situação comunicativa em que se dá e que não é explicável sem termos em conta as teorias pragmáticas do significado. [18]

Assim as fórmulas rotineiras apresentam significados fixos contextualmente já é dado pelo contexto em que são produzidas e possuem o mesmo valor em todos os enunciados em que aparecem. Isso se refere à fixação semântico-pragmática e à idiomaticidade, que não ocorre, por exemplo, nas fórmulas discursivas (e coisa e tal, quer dizer, por exemplo, como

[18] En general, las fórmulas rutinarias, como formas lingüísticas ritualizadas que son, pueden tener un significado codificado y un significado contextual, que depende de la situación comunicativa en la que se dé y que no es explicable si no tenemos en cuenta las teorías pragmáticas del significado.

que eu posso dizer, assim e tal...) cujo valor na conversação se dá pelo contexto linguístico que as rodeia. Não devemos, no entanto, confundir essa afirmação "de que possuem o mesmo valor em todos os enunciados" quando temos diante de nós situações em que usamos as mesmas palavras que formam a expressão formulaica, mas funcionando como formas livres. Como exemplo podemos citar: a expressão bom-dia, em português, será sempre entendida como uma saudação durante o dia, mas as duas palavras, como formas livres, podem ser usadas em frases como *Eu tive um bom dia hoje* e, nesse caso, não teremos aí uma fórmula de rotina usada como cumprimento ou saudação.

Também, por terem função comunicativa, as fórmulas sofrem influência de fatores como intenção do falante, propósito de fala, relações entre falante e ouvinte, entre outros. Sobre a relação entre falante e ouvinte convém esclarecer que esse aspecto diz respeito à modalidade, podendo se apresentar sob a forma de expressões declarativas (afirmativas), interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas.

As fórmulas ainda podem assumir uma função social e, nesse caso, falamos de cortesia ou descortesia, na medida em que são usadas como estratégia de conversação tanto aproximando quanto afastando falante e ouvinte, a depender da maneira como são empregadas ou pronunciadas. Citando Haverkate (1994: 13), para quem a cortesia é uma estratégia conversacional com a qual as pessoas podem evitar conflitos e manter boas relações umas com as outras na sociedade, a autora afirma que, em geral, as fórmulas de rotina podem apresentar cortesia e seus valores vão sempre depender dos contextos em que aparecem.

Assim, uma fórmula poderá ser descrita como registrado abaixo, dependendo do contexto situacional em que for empregada:

- **Cai fora! e Sai daqui!** - expressão na modalidade exclamativa, para indicar irritação. Consequentemente, assume a função social de descortesia, pois o falante, ao usá-la, acaba por afastar de si o seu interlocutor ou não permite que ele se manifeste.
- **Que é que eu tenho a ver com isso?** - fórmula discursiva na modalidade interrogativa, para expressar irritação e, consequentemente, assume a função social de descortesia. O falante, ao expressá-la, procura impedir que seu interlocutor continue a falar algo que ele não quer saber.

Uma mesma expressão pode, entretanto, indicar diferentes emoções corroborando, para isso, a tonalidade com que é pronunciada. É o caso de *Cai fora! e Sai daqui!* quando pronunciadas bem baixinho e lentamente para ajudar alguém a fugir de uma situação

constrangedora ou mesmo tentando evitar uma situação constrangedora para si mesmo. Nesse momento, portanto, não podemos dizer que a pessoa que a pronuncia está irritada e nem podemos atribuir uma função descortês, já que o falante expressa solidariedade ou um pedido de ajuda e o faz de maneira solícita.

Com base nessas considerações, estabelecemos uma forma de descrever as expressões, levando em conta a modalidade, a função social e a expressividade, conforme o que discriminamos abaixo:

1. Modalidade – pode ser declarativa, interrogativa, exclamativa, imperativa e optativa.
2. Função social – diz respeito à cortesia/polidez e descortesia/impolidez.
3. Expressividade - identifica o estado de ânimo do falante.

À medida que as expressões eram encontradas, identificávamos suas características a partir dos aspectos retromencionados e, como na pequena amostra a seguir, obtivemos:

- **Quanto à modalidade declarativa associada à expressividade**
  - ✓ Advertência – Ex. *Acesso exclusivo a...*
  - ✓ Afirmação – Ex. *A linha está ocupada.*
  - ✓ Agradecimento – Ex. *É muita gentileza sua.*
  - ✓ Comentário – Ex. *Antes tarde do que nunca/ Boa coisa não é.*
  - ✓ Concordância – Ex. *Como quiser/ está bem*
  - ✓ Contrariedade – Ex. *Ainda mais essa...*
  - ✓ Conversação – Ex. *O que eu tô querendo dizer.../ como eu ia dizendo...*
  - ✓ Desaprovação – Ex. *Azar o seu!*
  - ✓ Resposta – Ex. *De nada. Por nada.*
- **Quanto à modalidade interrogativa associada à expressividade**
  - ✓ Acolhida – Ex. *Como está?*
  - ✓ Confirmação – Ex. *Né mesmo?*
  - ✓ Crítica – Ex. *Ainda vai?*
  - ✓ Desprezo – Ex. *Com quem você pensa que tá falando?*
  - ✓ Dúvida – Ex. *Como assim?*
  - ✓ Indagação – Ex. *Alguém ligou?*
  - ✓ Irritação – Ex. *Como é que é?*

- **Quanto à modalidade exclamativa associada à expressividade**
  - ✓ Acolhida – Ex. *Seja bem-vindo!*
  - ✓ Admiração – Ex. *Que lindo!*
  - ✓ Alívio – Ex. *Ainda bem!*
  - ✓ Ameaça – Ex. *Ai de você! Você vai ver!*
  - ✓ Aprovação – Ex. *Eu quero bis!*
  - ✓ Concordância – Ex. *Com o maior prazer*
  - ✓ Contrariedade – Ex. *Assunto meu!*
  - ✓ Desconfiança – Ex. *Aí tem coisa!*
  - ✓ Desespero – Ex. *Ai, Jesus!*
  - ✓ Despedida – Ex. *Até logo!*
  - ✓ Espanto – Ex. *Deus me livre!*
  - ✓ Ironia – Ex. *Pois sim! Bem capaz!*
  - ✓ Motivação – Ex. *Dá-lhe!Vá em frente!*
  - ✓ Repreensão – Ex. *Bem feito!*
  - ✓ Surpresa – Ex. *Tô boba!*
- **Quanto à modalidade imperativa/optativa associada à expressividade**
  - ✓ Felicitações – Ex. *Que essa data se repita por muitos anos!*
  - ✓ Ordem – Ex. *Não se meta!*
  - ✓ Pedido – Ex. *A conta, por favor!*
  - ✓ Votos – Ex. *Feliz Natal!*

Chegamos, então, à seguinte classificação para as fórmulas encontradas nos *corpora* pesquisados para este trabalho:

Quadro 4 - Classificação das fórmulas repertoriadas nesta pesquisa

QUANTO À	CLASSIFICAÇÃO
Modalidade	• declarativa negativa • declarativa/afirmativa • exclamativa • imperativa afirmativa • imperativa negativa • interrogativa • optativa
Expresssividade	• acolhida • admiração • advertência • afirmação • agradecimento • alegria • alívio • ameaça • ameaça • comentário • concordância • confirmação • conselho • contrariedade • conversação • crítica • cumprimento • desaprovação • desconfiança • desejo • desespero • despedida • desprezo • dúvida • espanto • exortação • votos • etc
Função social	• Cortesia/polidez • Descortesia/impolidez

Fonte: elaborada pela autora (2014)

A seguir, apresentamos uma amostra com a descrição e análise dos pragmatemas escolhidos por ordem de aparição nos *corpora* pesquisados, mas aqui listados por ordem alfabética: *A gente se fala depois; Chega de conversa; Coisa e tal; Era só o que faltava! Impressão sua; Meu Deus!Muito obrigado; Não te devo satisfação; Nem pensar; Por favor; Quem dera! Que tal; Se não for pedir demais!Sinto muito; Tô me lixando!*

a) A gente se fala depois!

Essa expressão foi encontrada no seguinte trecho da microssérie Luna Caliente:

(1)

> ELISA: (para Dora) Muito prazer.
> DORA: **A gente se fala depois**. E desculpe...
> ELISA: Imagina. (para Ramiro) Você tem razão, ela é bonita mesmo.
> (cap. 3, p. 25).

Como podemos observar no exemplo acima, a expressão foi utilizada como uma maneira de impedir que a conversa fosse iniciada. Além disso, fica patente a animosidade da personagem e, embora Dora tente disfarçar pedindo desculpas após proferir as palavras, o contexto revela a sua verdadeira intenção: não aceitar o aperto de mão de Elisa quando esta tenta cumprimentá-la. Isso aconteceu quando Dora chega de surpresa na casa dos sogros e encontra o marido (Ramiro) ao lado de Elisa, moça com quem ele (Ramiro) está se relacionando no momento. Nesse contexto, então, compreendemos porque Dora adia a conversa para um outro momento, mesmo que este momento nunca chegue.

Normalmente, essa expressão é utilizada em contexto de despedida ao lado de outras símiles. Neste trabalho, todas elas apareceram em contexto de interrupção do interlocutor, não permitindo o início e nem o avanço de conversa, caracterizando, mesmo assim, uma despedida abrupta, conforme podemos observar nos registros a seguir, provenientes de dois *corpora* diferentes:

(2)

> JAQUELINE: Chama Teresa, não é?
> VITÓRIA: Eu tenho que entrar, Jaqueline, **outra hora a gente se vê**.
> (novela Celebridade cap 1, p. 27)

(3)

> AMÉLIA - Você me dá licença, Dirce? Tô louca pra ir ao banheiro.
> DIRCE - Desculpe... Eu achei que...
> AMÉLIA - **A gente conversa amanhã**. Boa noite...
> (episódio A cabine da série Brava gente p. 22)

No exemplo (2) temos o registro de uma expressão sendo usada para indicar realmente que alguém está se despedindo e em (3) temos um nítido exemplo de uma conversa cortada de maneira ríspida.

Podemos, então, classificar este pragmatema da seguinte forma:

Expressão: A gente se fala depois

Tipologia: fórmula de rotina

Modalidade: declarativa

Função social: cortesia ou descortesia, a depender da situação.

Expressividade: despedida/rejeição.

Registro: coloquial e culto

Sentido: Significa que a pessoa deseja encerrar uma conversa já iniciada ou que iria se iniciar.

Contexto de uso: Usada para se despedir com a promessa de conversar em outro momento ou para impedir que uma conversa seja iniciada.

Variantes e expressões equivalentes: a gente conversa amanhã, outra hora a gente se fala, Depois a gente se fala; agora não.

Exemplo: Ramiro e Dora ficam olhando para Elisa. Dora olha para Ramiro. Ele se levanta, vai até a porta. ELISA (para Dora): Muito prazer. DORA: **A gente se fala depois**. E desculpe...ELISA: Imagina. (Microssérie Luna caliente, cap. 3, p. 25).

Segue a figura referente aos dados do pragmatema *A gente se fala depois* inserida na base de dados.

Figura 12 – Captura de tela para o pragmatema A gente se fala depois

Fonte: elaborado pela autora

b) Chega de conversa!

Essa expressão é classificada como um marcador conversacional do tipo que sinaliza a disposição de entendimento do falante, neste caso, a disposição para não dar ou não receber informações e opiniões.

Foi encontrada no episódio Meia encarnada dura de sangue, conforme exemplo a seguir:

(4)

> Mico bate na caixa. Bonifácio desce o pé.
> ALMEIDA: Agora sim. **Chega de conversa!** Muito esforço em direção ao gol.
> (Da série Brava gente, p. 13)

Nesse exemplo, o contexto é o da conversa de um treinador de futebol com os componentes de seu time. Depois de orientar os atletas, encerra as instruções com a expressão marcada, tentando, com isso, evitar que mais considerações sejam feitas, porque, ao falar *Chega de conversa* mostra que não está disposto a ouvir mais nada.

Outras expressões estão nessa mesma categoria, indicando a falta de disposição para dar ou receber informações, mas proferidas com muita grosseria e numa maneira bastante indelicada, caracterizando falta de polidez. *Vê se me deixa em paz! Cai fora! etc.*

Eis como podemos classificar o pragmatema *Chega de conversa*:

Expressão: Chega de conversa.

Tipologia: fórmula discursiva – marcador conversacional

Modalidade: declarativa/ exclamativa

Função social: descortesia.

Expressividade: expressa a ideia de uma ordem

Registro: coloquial e culto

Sentido: significa que a pessoa não quer mais continuar a conversa ou não quer mais ouvir algo que estava sendo dito.

Contexto de uso: Usada quando a conversa já se prolongou bastante ou quando o tempo reservado para conversar já acabou ou extrapolou. Também se usa como incentivo para a pessoa passar a agir em vez de ficar apenas dizendo o que vai fazer.

Variantes e expressões equivalentes: chega de papo; acabou a conversa!

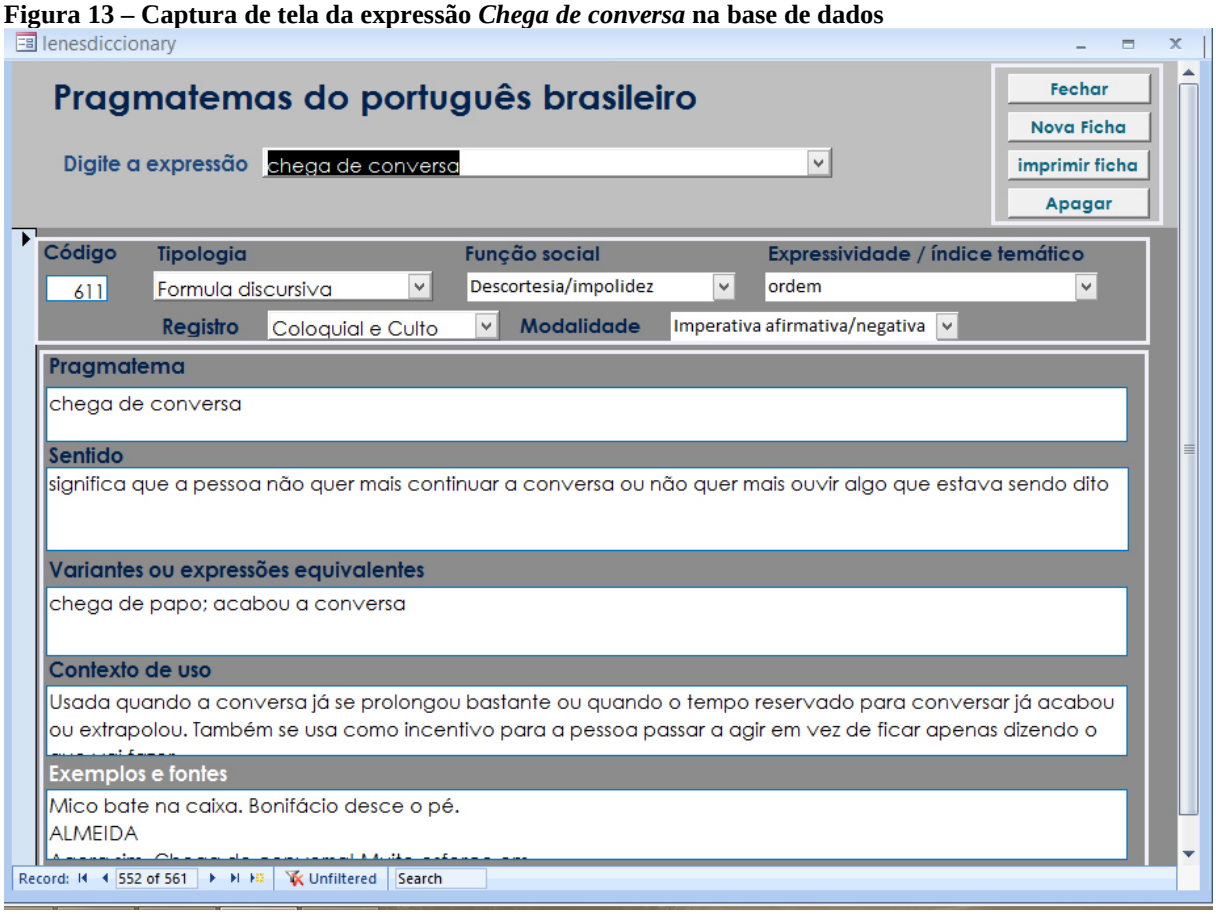
Exemplo: Mico bate na caixa. Bonifácio desce o pé.

ALMEIDA: Agora sim. Chega de conversa! Muito esforço em direção ao gol.

BELENHO: Vamos pro jogo! (Episódio Meia encarnada dura de sangue, da série Brava gente, p. 13).

A seguir, podemos visualizar a tela da base de dados da expressão *Chega de conversa.*

Figura 13 – Captura de tela da expressão *Chega de conversa* na base de dados



Fonte: elaborada pela autora (2015)

c) Coisa e tal

Essa expressão foi encontrada algumas vezes na peça Ópera do Malandro, conforme podemos visualizar nos exemplos abaixo:

(5)

> Diga-se de passagem que é um lugar maravilhoso. Muito bem decorado, espaçoso, confortável, cheio de tapetes, almofadas, **coisa e tal**. (p. 40)

(6)

> Só pode ser arranjo daquele velho safado! Tá com a filha encalhada na prateleira, o velho. Daí, só porque eu fui lá vez e outra, tralalá, trololó, **coisa e tal**, o velho espalha boato de casório pra valorizar o material. (p. 35)

(7)

> JOÃO ALEGRE: Telegrama do Alabama pro senhor Max Overseas. Ai, meu Deus do céu, me sinto tão feliz! TERESINHA: Chegou a confirmação da United **coisa e tal** que nos passa a concessão, Vara o náilon tropical (p. 45).

Observando o contexto tanto em (5) quanto em (6) e (7), no qual encontramos o registro de **coisa e tal**, percebemos que se trata de uma expressão usada para suprir a falta de mais detalhes de uma informação e que o falante tem a certeza de que seu ouvinte sabe do que se trata. Quem ouve vai então poder preencher o que está faltando. Nesse caso, estamos diante de uma fórmula discursiva já que o produtor da mensagem não a considera necessária e supõe que seu ouvinte a conhece. Seu valor vai variar de acordo com o contexto linguístico em que se encontrar, daí não ter fixação semântico-pragmática, mas possui idiomaticidade porque a soma dos significados de seus elementos não corresponde à soma do significado em conjunto. Pode ser considerada uma expressão na modalidade declarativa, pois sempre vem ao final de uma afirmação em que lista algo numa sequência. Não há nesse emprego qualquer indício da expressividade do falante e nem podemos falar em termos de cortesia ou descortesia quando a usamos. Tanto é possível ouvirmos/lermos essa expressão em registro culto ou coloquial.

Sendo assim, podemos classificar **Coisa e tal** da seguinte maneira:

Expressão: Coisa e tal

Tipologia: fórmula discursiva

Modalidade: declarativa

Função social: Como não altera as relações entre falante e ouvinte, nesse caso, a função social é indiferente com respeito à cortesia ou descortesia.

Registro: coloquial e culto

Sentido: Expressão que não tem sentido próprio, mas assume o sentido dentro do contexto em que for usada para guiar a interpretação do ouvinte/leitor.

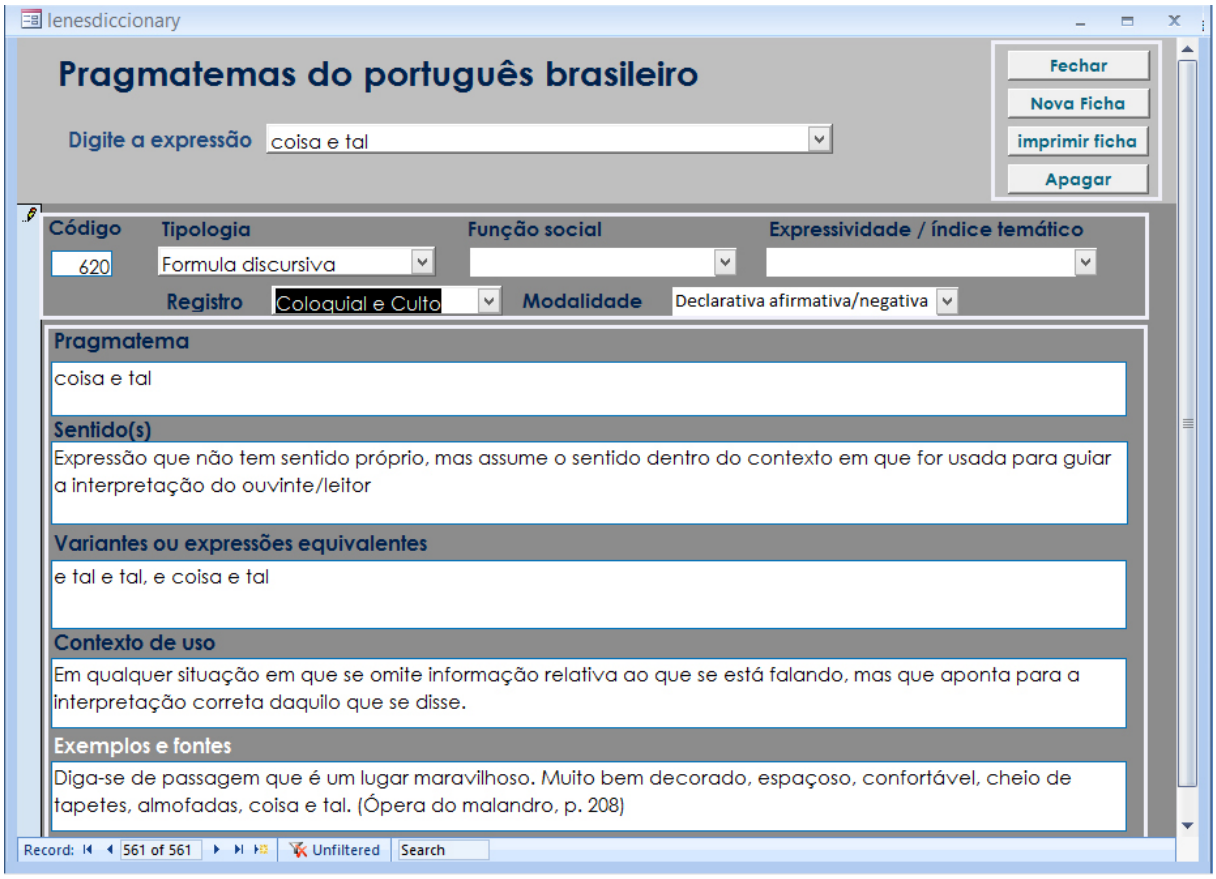
Contexto de uso: usada em qualquer situação em que se omite informação relativa ao que se está falando, mas que aponta para a interpretação correta daquilo que se disse.

Variantes e expressões equivalentes: e tal e tal, e coisa e tal

Exemplo: Diga-se de passagem que é um lugar maravilhoso. Muito bem decorado, espaçoso, confortável, cheio de tapetes, almofadas, **coisa e tal**. (Ópera do malandro, p. 208).

Logo a seguir, podemos visualizar a tela da base de dados na qual encontramos descrita a expressão Coisa e Tal.

Figura 14 – Captura de tela da expressão Coisa e tal na base de dados



Fonte: elaborada pela autora (2015)

d) Era só o que me faltava!

Essa expressão sempre se refere a um comentário crítico, na modalidade exclamativa. Senão vejamos:

(8)

> Sheila – Eu vim deixar o telefone na sua mão? Eu, hein, d. Vera, como a senhora é folgada! Vá pegar a senhora que eu vou terminar o jantar (vai saindo).
> Vera – **Era só o que faltava!** Volte aqui Sheila!(fala com ar autoritário) Essa empregada que meu filho contratou... (sai resmungando).
> (Para o Amor não tem cor, p. 3)

(9)

> GOMULKA: que história é essa que eu vou ter que pagar o guincho?
> MONTEIRO: o carro não é seu? A responsabilidade é sua.
> GOMULKA: **Era só o que faltava!** Por mim, podem deixar o carro onde está.
> (Luna Caliente, microssérie em 4 capítulos, cap. 2, p. 22)

Como podemos observar em (8) e (9), a expressão é usada exatamente com uma crítica nas entrelinhas e, pela entonação, percebemos que a pessoa discorda de algo que foi dito, considerando-o como um absurdo inaceitável. Incluímos tal expressão no grupo das

fórmulas discursivas. Apresenta-se na modalidade exclamativa, com função social de descortesia a qual expressa a atitude de contrariedade do falante. Ela tanto aparece em registro culto quanto em coloquial.

Vejamos como ela pode ser descrita:

Expressão: Era só o que faltava!

Tipologia: fórmula discursiva

Modalidade: exclamativa

Função social: descortesia.

Expressividade: contrariedade

Registro: coloquial e culto

Sentido: Significa que a pessoa não admite ser contrariada naquilo que ela falou ou pediu para outra pessoa.

Contexto de uso: Usada quando se pede algo a alguém e não recebe o que pediu, antes ouve algum comentário que toma como um insulto. Também usado como crítica a algum comportamento inadequado de uma pessoa.

Variantes e expressões equivalentes: Era só o que me faltava!

Exemplo: Sheila – Eu vim deixar o telefone na sua mão? Eu hein d. Vera como a senhora é folgada vá pegar a senhora que eu vou terminar o jantar (vai saindo). Vera – Era só o que faltava! Volte aqui Sheila!(fala com ar autoritário) Essa empregada que meu filho contratou... (sai resmungando). (O amor não tem cor, p. 5).

A seguir a visualização da expressão na tela da Base de Dados.

Figura 15 – Captura de tela da expressão Era só o que faltava

Fonte: elaborada pela autora (2015)

e) Meu Deus!

Encontramos essa expressão em muitos dos *corpora* usados para detecção das expressões e registramos os seguintes trechos das peças A cabine, Jogos do amor e do acaso e Celebridade, respectivamente:

(10)

JOSÉ - Esse terno que a senhora notou... Comprei especialmente pra vir aqui, hoje. Olha que bobagem! A última vez que eu usei terno foi na minha formatura!
AMÉLIA - (Aliviada) Que bom...
JOSÉ - Bom por que?
AMÉLIA - Não, nada. Deve ser bom não ter que usar terno branco. Ou cinza! Enfim... De qualquer cor, o terno é... O senhor sabe...
JOSÉ - Eu não estou entendendo!
AMÉLIA - Que cinismo, **meu Deus!** (A cabine, p. 14,15)

(11)

BERNARDO
É ela!
DANILO
Onde?
BERNARDO
A Soltinha vinte e oito. Ali! **Meu Deus**, ela é linda!
(Jogos do amor e do acaso, p. 11)

(12)

(Xavier preparou uma tocha, joga para a garagem)
Xavier: Agora o vagabundo tem que sair, não pode dar colher pra esses bandidos!
(Um rojão e logo outro explodem, disparados pelo fogo)
Noêmia: **Meu Deus**, quê que esse louco fez?!
Eliete: Vai pegar fogo!
(Celebridade cap. 1, p. 48)

Originalmente é uma expressão usada para se dirigir a Deus como protetor e para pedir-lhe ajuda, passou a ser usada como exclamação de surpresa, admiração ou temor, dependendo do contexto situacional. Caracteriza-se pela ausência de conteúdo semântico nos elementos que compõem a fórmula e seu significado não é transparente; é dado pelo uso nos contextos em que é produzido. Portanto, essa é uma fórmula na modalidade exclamativa que pode expressar, de modo interjetivo, desespero, angústia, temor, admiração, estranheza, dor, sobressalto ou surpresa. Assim, temos **Meu Deus** no exemplo (10) expressando estranheza, em (11) expressando admiração e em (12) expressando desespero. Concluímos, enfim, que essa fórmula poderá ser incluída em mais de um índice temático na base de dados.

Por fazer menção ao nome de Deus, ela é considerada religiosa. Também já presenciamos quando foi usada como uma estratégia conversacional numa situação em que a pessoa recorreu a Deus para lembrar de algo que esqueceu bem na hora de falar. Todavia, não encontramos exemplo semelhante nos *corpora* pesquisados.

Tendo apresentado tais considerações, pudemos então classificá-la da seguinte maneira para inseri-la em nossa base de dados:

Expressão: Meu Deus!

Tipologia: fórmula de rotina

Modalidade: exclamativa

Função social: Como não altera as relações entre falante e ouvinte, nesse caso, a função social é indiferente com respeito à cortesia ou descortesia.

Expressividade: desespero, angústia, temor, admiração, estranheza, dor, sobressalto ou surpresa.

Registro: coloquial e culto

Sentido: expressa o estado de ânimo da pessoa que fala, seja de alegria, tristeza, desespero, dor etc.

Contexto de uso: usada quando a pessoa se vê numa situação de desespero, angústia, dor, sobressalto, estranheza, admiração ou surpresa. Pode ser usada para expressar diferentes emoções diante de diversas circunstâncias.

Variantes e expressões equivalentes: Meu Deus do céu! Ai, meu Deus do céu! Minha Nossa Senhora! Meu Jesus Cristo! Jesus Cristo!

Exemplo: 1) Tem cada livro de, de Graciliano Ramos, **meu Deus**, que horrores que contam! E hoje nós já vemos a s – NURC (did0285.txt). 2) ai eu digo **meu Deus** eu ra rezei a oraçãozinha não tá sirvino mais vai sirvi – Profala (Inf22-HTL.txt).

A seguir, visualizamos a tela da base de dados onde aparece a expressão Meu Deus.

Figura 16. Captura de tela da expressão Meu Deus!

Fonte: elaborada pela autora (2014)

f) Muito obrigado!

A expressão Muito obrigado pôde ser encontrada em alguns *corporas* pesquisados, como podemos ver nos trechos das peças transcritos abaixo, respectivamente, de Celebridade, Luna caliente e A cabine.

(13)

> Olga sai, Felipe entra, seguido de Renato.
> Beatriz - Como vai, doutor?
> Felipe - Como vai, Beatriz? **Muito obrigado** por ter me recebido tão depressa. Você não vai se arrepender, eu garanto. Como vai, Laura?
> Laura - Como vai, doutor Felipe?
> (Celebridade, cap. 158, p. 22)

(14)

> Braulito aproxima-se de Gomulka e Ramiro, estende a mão para Gomulka.
> BRAULITO (para Gomulka)
> **Muito obrigado**. Se não fosse a sua ajuda, isso tudo seria ainda mais difícil.
> GOMULKA
> Não foi nada. Essas perícias às vezes demoram. (Luna caliente, cap. 3, p. 7)

(15)

> AMÉLIA SENTA E TOMA SEU CAFÉ, OBSERVANDO JOSÉ CONSERTAR O ABAJUR. ELE FIXA A CÚPULA.
> JOSÉ - Provisoriamente, não cai. Era só um parafuso meio frouxo...
> AMÉLIA - **Muito obrigada**... Ah... A faca... por favor?
> JOSÉ - Ah... (Entrega) Aqui...
> (A cabine, p. 25)

Essa fórmula é claramente um ato de fala que mostra o sentimento do falante diante de uma situação e sua carga semântica é dada pelo uso no contexto em que foi produzida, qual seja, o de gratidão por ter recebido ajuda, deferência ou um presente de outra pessoa. É por isso que, na classificação dada por Alvarado Ortega (2008), ela se inclui nos atos de fala expressivos (saudações, cumprimentos, agradecimentos e desculpas), nesse caso, especificamente no grupo dos agradecimentos.

O verbete ‘Obrigado’ é encontrado nos dicionários em geral e, no Houaiss (2003), é classificado como um adjetivo usado para qualificar alguém “que se sente devedor de um favor, de uma amabilidade”. É sinônimo de agradecido, grato. Aparece também no dicionário Michaellis eletrônico como “fórmula de agradecimento por serviço ou favores recebidos”.

“Muito obrigado”, portanto, é expressão classificada como fórmula de rotina na modalidade afirmativa e é empregada numa situação em que a pessoa se sente agradecida por um serviço prestado, por uma deferência ou presente que recebeu de outrem.

Em relação à função social, assume a de cortesia expressa em forma de agradecimento. Tal fórmula apareceu em contexto formal (fala culta – NURC) e informal, de fala coloquial (Profala).

Se analisamos os elementos que formam tal expressão sob a perspectiva da análise puramente linguística, percebemos o emprego do advérbio a intensificar o sentido de uma palavra híbrida, analisável como adjetivo ou como particípio do verbo obrigar. Tal análise justifica, portanto, no último trecho, exemplo (15), a variante do termo obrigado se fazendo presente e percebida na flexão de gênero. A expressão, mesmo admitindo pequenas variações (muitíssimo obrigado, brigadíssimo), consagrou-se pelo uso em situações corriqueiras para, de maneira cordial, expressar agradecimento.

Eis como podemos resumir as informações sobre essa fórmula.

Expressão: Muito obrigado

Tipologia: fórmula de rotina

Modalidade: afirmativa

Função social: cortesia

Expressividade/ índice temático: agradecimento

Registro: coloquial e culto

Sentido: expressa o sentimento de gratidão da pessoa em querer retribuir algo que alguém lhe fez de bom ou algo que lhe foi dado como presente.

Variantes ou expressões equivalentes: obrigado(a); meu muito obrigado(a); brigadinho(a)

Contexto de uso: usada para agradecer alguém por serviço ou favores prestados.

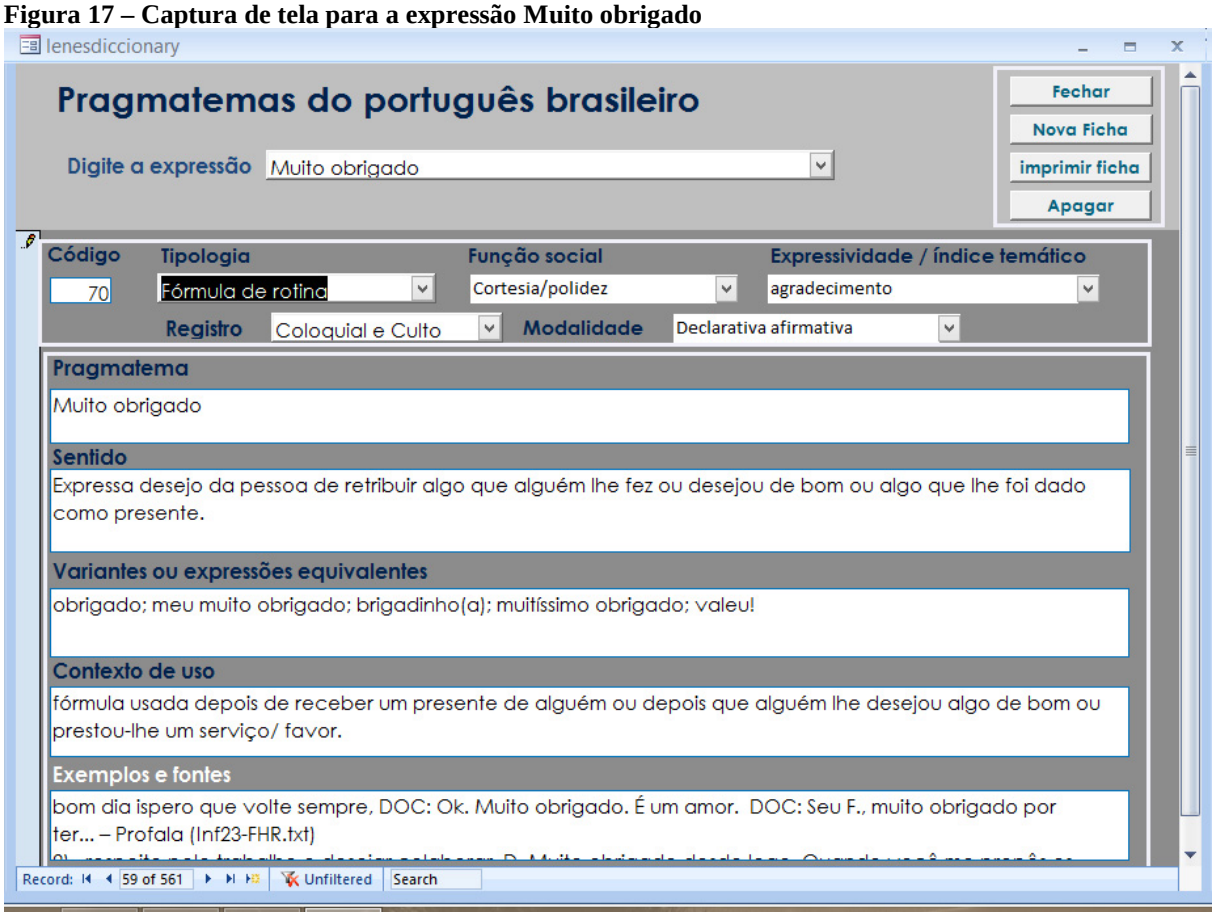
Exemplo: 1)... bom dia **Muito obrigado** É sempre, DOC: O amor. DOC: Seu F., muito obrigado por ter... – Profala (Inf23-FHR.txt)

2)...respeito pelo trabalho e desejar colaborar. D **Muito obrigado** desde logo. Quando você me propôs os dois temas - NURC (did0370.txt)

A seguir, a figura onde visualizamos a apresentação da expressão Muito obrigado na base de dados

.

Figura 17 – Captura de tela para a expressão Muito obrigado



Fonte: elaborada pela autora (2014)

g) Por favor

Temos, nos trechos abaixo, exemplos da expressão **Por favor** extraídos das peças O telefonema, Jogos do amor e do acaso, Luna caliente 4 e Tudo num dia só, respectivamente.

(16)

> TEREZA (incomodada)
> Guta, seu pai já disse que isso é loucura. Você é nova demais para assumir esse tipo de responsabilidade.
> GUTA (chateada)
> Por quê? Mãe, o pai não quer que eu saia de perto de vocês pra me controlar! **Por favor**, isso é loucura, é... (O telefonema, p. 2)

(17)

> VOZ FEMININA (aflita)
> Não desliga, mãe. **Por favor**. Eu estava errada. Deu tudo errado. Tudo. (pausa) Tudo errado. (O telefonema, p. 6)

(18)

> BERNARDO
> Não, sabe o que é, seu Danilo? É que eu tenho...
> DANILO

Bernardo, **por favor**, não me chame de senhor. Não faça essa crueldade comigo.
BERNARDO
É... desculpe... Danilo. (Jogos do amor e do acaso, p. 1)

(19)

POLICIAL
Me acompanhe, **por favor**.
RAMIRO
Para onde?
MONTEIRO
O senhor já vai descobrir. (Luna caliente cap. 4, p. 5)

(20)

JÚLIO
Então agora, **por favor**, se me permite, um brinde à nova musa do Paulo...
(os dois brindam).
Se ela te faz escrever é melhor tu não perder ela de vista...
(Tudo num dia só, p. 8)

A expressão por favor, muito usada na fala cotidiana, aparece com frequência no *corpus* dessa investigação e é classificada como fórmula de rotina por ser usada repetidamente em situações específicas que envolvem pedidos ou ordens. Além disso, tem fixação formal, pois não permite alteração na ordem dos componentes (favor por) nem que seja introduzido nenhum outro elemento novo sem que modifique seu sentido (por grandissíssimo favor, por simples favor). Também é considerada fórmula de rotina porque, apesar de ter sentido transparente (tem sentido literal, visto que cada um de seus componentes mantêm seu sentido), ela está presente na memória dos falantes que a utilizam sempre com função social de cortesia como estratégia conversacional.

Percebemos, no exemplo (16), que a expressão por favor é usada como um reforço na conversação e o pedido que, na maioria das vezes, é verbalmente materializado, ali não foi claramente proferido. É recuperado apenas dentro do contexto situacional em que se desenvolve a interação. Fica subentendido que a filha, tentando convencer a mãe de que os argumentos do pai são egoístas e não têm fundamento, ao dizer por favor, espera que a mãe reconsidere, reflita melhor e se alie a ela para convencer o pai a permitir sua saída de casa.

Nos exemplos (17) e (18) temos claramente um pedido realizado verbalmente de maneira cortês, sendo que, no exemplo (17), a personagem não apenas faz um pedido, mas implora que a mãe a atenda e o faz numa clara demonstração de desespero, possível de ser reconhecido no contexto situacional.

No exemplo (19), temos uma ordem amenizada pela expressão por favor e, no exemplo (20), essa mesma expressão é reforçada por outra (se me permite).

Podemos, então, classificar a expressão Por favor como fórmula de rotina na modalidade declarativa e, na maioria das ocorrências, é utilizada depois de uma ordem ou pedido assumindo a função social de cortesia, a fim de guardar a imagem pública do falante. Em alguns casos, seguida da expressão né?, aparece como forma de manifestar desagrado da parte do falante diante de algo que lhe foi requerido. Nessa situação, então, expressa descontentamento/desagrado e aparece na modalidade interrogativa.

Eis a classificação, com base nas considerações acima referidas:

Expressão: Por favor

Tipologia: Fórmula de rotina

Modalidade: imperativa

Função social: cortesia

Expressividade/índice temático: pedido/ desagrado

Registro: coloquial e culto

Sentido: apelo que se faz a uma pessoa para que ela, gentilmente, lhe faça algo de que está necessitando. Seguida da expressão né? indica desagrado diante de um comportamento não aprovado pelo falante.

Variantes ou expressões equivalentes: faça o favor de; me faça um favor; faz favor

Contexto de uso: Expressão de cortesia usada quando precisa pedir a alguém que lhe faça algo por tê-lo(a) em consideração ou para amenizar uma ordem. Expressão descortês usada quando está numa discussão para mostrar desagrado por algo.

Exemplo: 1)DOC: O senhor pode me dizer o nome deles, **por favor**? INF: J. F.â □™ Z. F. (+) DOC: Hum. –Profala (Inf25-MMO.txt)

2)Falo baixo e peço **por favor**: o senhor pode fazer o favor de me levar aqui ou –NURC (did0370.txt).

A seguir a imagem da tela com a descrição da fórmula Por favor.

Figura 18 - Captura de tela para a expressão Por favor

Fonte: elaborada pela autora (2014)

h) Que tal...

A expressão Que tal é definida no dicionário de Pereira (2014) da seguinte maneira:

> ***Que tal!?*** Exclamação de surpresa e admiração. Pedido de opinião (MP). "Que tal, Emílio? Achamos uma mina de textos únicos." (ACM). Do mesmo tipo, semelhante. "Cordão de ouro, brincos de argola e outros luxos que tais." (OSD). Que aha de. "Que tal conhecer os lactobacílos um pouco melhor?". Como. "Que tal é esse comisário Silva Mendes?". (FSB)

A seguir, os exemplos (21) e (22), retirados dos *corpora* pesquisados, comprovam a classificação como pedido de opinião, mesmo com a conotação de deboche e sarcasmo, compreendidos quando se contextualiza: no primeiro exemplo, a personagem é suspeita de dois crimes e, no segundo, quando pede ajuda ao amigo, este não se mostra favorável a lhe prestar auxílio, porque o carro que havia emprestado ao amigo no dia anterior tinha sido danificado por ele.

(21)

GOMULKA E aí?
RAMIRO Aí, quando eu me dei conta, ela estava morta.
Gomulka pára.
GOMULKA
Como é?
RAMIRO
Ela estava morta. Pelo menos eu pensei que estava. Acho que desmaiou, não sei.
Parecia morta. Completamente morta.
GOMULKA
Puta que o pariu!
RAMIRO Pois é. Imagina a minha situação. Estupro e assassinato. **Que tal?** (Luna caliente, cap. 4, p. 16)

(22)

RAMIRO
Gomulka, você vai ter que me ajudar.
GOMULKA
Claro... **Que tal** o carro da minha irmã? Quer emprestar para algum outro bêbado?
RAMIRO
(interrompendo) Eu não emprestei o carro
(Luna caliente cap. 3, p. 1)

Essa fórmula é analisada por Fulgêncio (2008) como sendo expressão fixa, porque encontra-se no grupo de expressões que possuem as mesmas características, quais sejam:

- memorizam-se em bloco;
- sua intelecção não se dá a partir da soma do significado de cada membro do grupo;
- sua gênese não é recuperável, pois não é possível detectar-se nenhuma relação entre o significado literal e o significado usual do grupo como um todo;
- não têm caráter metafórico e são socialmente convencionadas,;
- repetem-se sempre no mesmo formato, mas que não 'correspondem paradigmaticamente a unidades léxicas normais';
- por serem repetidas sistematicamente da mesma forma sugere que não são construídas pelo falante no momento da fala e
- são estruturas decoradas, que se comportam como um conjunto solidário, e portanto, todas devem ter o mesmo *status* das formas substituíveis por uma única palavra.

Dessa forma, a expressão Que tal é usada como fórmula interrogativa para estabelecer a continuidade da conversação em que pese a opinião do ouvinte acerca de algo que se propôs, que se pediu ou que se disse. Nesse caso, ao usá-la, o falante se apresenta de modo cortês, mesmo quando quer fazer prevalecer sua ideia. Segue a classificação:

Expressão: Que tal...?

Tipologia: Fórmula discursiva

Modalidade: interrogativa

Função social: cortesia

Registro: coloquial e culto

Sentido: pergunta sobre a opinião de alguém acerca de algo que lhe foi proposto.

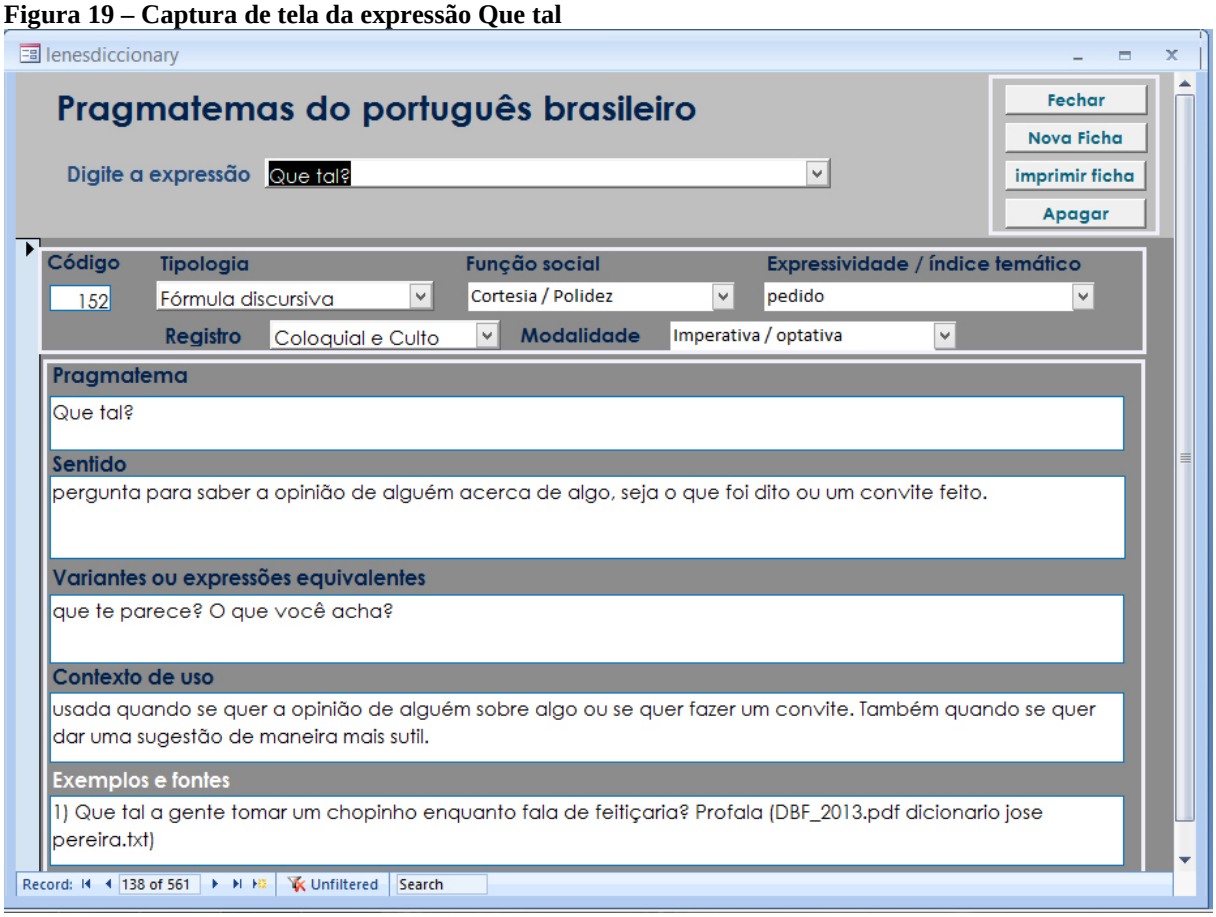
Variantes ou expressões equivalentes: que te parece? O que você acha?

Contexto de uso: usado de maneira interrogativa para pedir a opinião de alguém sobre algo, fazer um convite, dar uma sugestão etc.

Exemplo:1) **Que tal** a gente tomar um chopinho enquanto fala de feitiÃ§aria.? Profala (DBF_2013.pdf dicionario jose pereira.txt).

Podemos visualizar na tela a seguir a descrição da expressão Que tal.

Figura 19 – Captura de tela da expressão Que tal



Fonte: elaborada pela autora (2014)

i) Sinto muito

Os exemplos seguintes foram encontrados nos roteiros de Luna caliente, A cabine e Celebridade. Nos dois primeiros exemplos, a expressão é utilizada num contexto situacional de pedido de desculpas. O terceiro, apesar de a personagem dizer que sente muito por estar causando tristeza à sua companheira, percebe-se que o sentimento de pesar verdadeiramente não é manifestado e a expressão é proferida apenas *pro forma.*

(23)

RAMIRO
Que loucura, Dora... Você devia ter ligado antes de vir.
DORA
Não gostou de me ver?
RAMIRO
Gostei, é que... A hora não podia ser pior. A minha vida está...
DORA
Desculpe... Eu... **sinto muito.**
(Luna caliente 3, p. 22, 23)

(24)

JOSÉ - Esse terno que a senhora notou... Comprei especialmente pra vir aqui, hoje. Olha que bobagem! A última vez que eu usei terno foi na minha formatura!
AMÉLIA - (Aliviada) Que bom...
JOSÉ - Bom por que?
AMÉLIA - Não, nada. Deve ser bom não ter que usar terno branco. Ou cinza! Enfim... De qualquer cor, o terno é... O senhor sabe... JOSÉ - Eu não estou entendendo!
AMÉLIA - Que cinismo, meu Deus!
JOSÉ - Eu **sinto muito** se eu assustei a senhora, eu só
(A cabine, p. 14, 15)

(25)

Inácio
Eu tenho medo do que a mamãe vai fazer quando descobrir isso, você não?
Fernando
Eu não posso ter medo. Eu não vivo fora da realidade, eu sei que tenho direito de refazer minha vida e a Beatriz não tem nada com isso. **Sinto muito** se ela não entender, mas eu não posso ter medo.
(Celebridade cap. 158, p. 8)

É uma fórmula de rotina considerada afetiva e usada comumente para demonstrar arrependimento diante de algo que se fez de errado ou para expressar solidariedade diante do sofrimento alheio, demonstrando que não pode fazer nada a respeito. Pode ser utilizada de forma irônica para dizer o contrário do que se quer dar a entender.

“Sinto muito” é, portanto, expressão usada rotineiramente na modalidade declarativa ou exclamativa com função social de cortesia para expressar solidariedade a alguém por algo de ruim que aconteceu e para expressar arrependimento se desculpando por algo que não devia ter feito. Sendo assim, ela pode ser listada como expressão representante dos índices temáticos desculpas, solidariedade e ironia.

Ela é classificada a seguir:

Expressão: Sinto muito

Tipologia: Fórmula de rotina

Modalidade: Exclamativa

Função social: cortesia

Expressividade: solidariedade, desculpas e ironia

Registro: culto

Sentido: expressa a profunda tristeza que a pessoa sente quando vê alguém sofrendo; quando se arrepende por ter feito algo que não devia ou quando lamenta algo.

Contexto de uso: Fórmula usada quando vê alguém sofrer por algo triste que lhe aconteceu ou quando se arrepende por algo que não devia ter feito. Também quando quer ser irônico e expressar que nada pode fazer em relação a algo.

Variantes ou expressões equivalentes: sinto muitíssimo, foi mal.

Exemplo: 1) **Sinto muito**, Gabriela, eu não sou fornecedor (DBF_2013.pdf dicionario jose pereira.txt). 2) **Sinto muito**, mas chorar não posso. (DBF_2013.pdf dicionario Jose Pereira.txt.

Em seguida, podemos visualizar a imagem da tela onde encontramos a apresentação da expressão Sinto muito na base de dados.

Figura 20 - Captura de tela da expressão Sinto muito

Fonte: elaborada pela autora (2014)

Temos apresentado a análise de nove fórmulas diferentes encontradas nos *corpora* escolhidos para esta pesquisa, no intuito de tornar compreensível a maneira como elas estão dispostas na base de dados, criada para ser alimentada com os pragmatemas do português à medida que forem sendo detectados.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, propusemo-nos realizar o levantamento das unidades fraseológicas que se constituem como pragmatemas do português brasileiro. Entendemos como pragmatemas as estruturas que cumprem funções pragmáticas e que o leitor/ouvinte lança mão do contexto situacional para apreender-lhe o sentido. Para situar o nosso objeto de investigação, consideramos pertinente, primeiramente, realizar um breve percurso histórico acerca das pesquisas em Fraseologia, de um modo geral, e o fizemos também especificando as realizadas no Brasil.

Não apenas nos debruçamos na detecção dos pragmatemas, mas nos detivemos prioritariamente na coleta de expressões que são empregadas rotineiramente nas interações, as fórmulas de rotina. Sendo assim, referimos trabalhos diversos de especialistas da Fraseologia que se detiveram a analisar essas mesmas estruturas.

Partindo dessas pesquisas pudemos caracterizar nosso objeto de estudo como aquelas combinações de palavras que apresentam certo grau de fixação ou estabilidade, com função social ligada à cortesia ou descortesia, usadas com um fim na conversação e, por isso, se apresentam na forma interrogativa, declarativa, imperativa, optativa, exclamativa, expressando, muitas vezes, o estado de ânimo do falante, representando atos de fala (fórmulas de rotina) ou servindo como estratégias conversacionais (fórmulas discursivas e marcadores conversacionais). Isso dito em outras palavras se resume em:

- as fórmulas apresentam fixação gradual;
- possuem potencial idiomático já que são utilizadas em blocos;
- muitas vezes, torna-se impossível alterar a ordem de seus elementos sem que haja mudança de sentido (bom-dia/*dia bom);
- possuem independência em maior ou menor grau em alguns aspectos e
- seu significado se dá pela modalidade do enunciado, pela função que adquirem na conversação (atitude do falante) e pelo papel que a fórmula adquire na conversação.

Ao pensar em elencar os pragmatemas, tínhamos em mente a organização delimitada desse material em meio a um sem-número de expressões fixas já repertoriadas por outros pesquisadores. O objetivo maior idealizado, a partir desse, diz respeito à elaboração de um dicionário eletrônico que dê conta de apresentar tais estruturas de forma organizada e que possibilite um acesso bem prático e eficiente. Assim, criamos uma base de dados com os pragmatemas detectados ao longo desta pesquisa, alimentando-a, até o momento, com 565

expressões pragmáticas, descrevendo-as em dez campos (tipologia, função social, expressividade, registro, modalidade, expressão, sentido, variantes/equivalentes, contexto e exemplos). Para ter acesso a elas, foram criadas duas formas: a primeira, pela expressão propriamente dita e a outra, por um nome temático que reflete a expressividade do falante. Vale ressaltar, porém, que essa base de dados continuará sendo alimentada, para além dessa investigação.

Utilizamos, para tal empreendimento, as ferramentas do programa AntConc e, através delas, foi possível realizar o levantamento das expressões que, como já mencionamos, se constituem como atos de fala, cumprem funções pragmáticas específicas, são aprendidas em bolco e estão disponíveis na memória do falante para serem utilizadas em determinadas situações de interação comunicativa.

Com essas observações em mente e sob a perspectiva de auxiliar no desenvolvimento dessas competências, cremos ser pertinente a elaboração de um dicionário eletrônico dos pragmatemas que apresente, entre outras facilidades, as abaixo discriminadas:

- ✓ Utilização das técnicas semasiológicas e onomasiólogicas possibilitando seu uso para a produção e recepção de textos;
- ✓ Explicitação das fontes, se oral ou escrita, e utilização das mais atuais, descartando as arcaicas;
- ✓ Fornecimento do valor semântico dos fraseologismos sem a circularidade tão usual na maioria dos dicionários de lexias simples, evitando que o definido apareça na definição;
- ✓ Acrescentar na definição elementos extralinguísticos, tais como gestos ou movimentos do corpo que auxiliem na compreensão do sentido.
- ✓ Apresentação do contexto em que os pragmatemas ocorrem, com exemplos que ilustrem o uso concreto da expressão, ou seja, para além da informação lexicográfica que deve acompanhar os pragmatemas, o uso das condições de emprego dos pragmatemas deve ser esclarecido.
- ✓ Registro das diversas acepções vigentes para a expressão, acrescentando o registro de língua, se coloquial, culto ou ambos;
- ✓ Apresentação de variantes ou equivalentes na própria língua que podem ser atreladas ao verbete através de *links* remissivos.

- ✓ Retroalimentação com correções, substituições e atualizações constantes.

Como exemplo, apresentamos o pragmatema: *Sinto muito*

Sinto muito – Sentido(s)1. Expressa profunda tristeza de modo cortês ou irônico. **Contexto(s) de uso**: a) usada quando vê alguém sofrer por algo triste que lhe aconteceu; b) usada quando se arrepende por algo que não devia ter feito; c) usada quando quer ser irônico e expressar que nada pode fazer em relação a algo. **Tipologia:** Fórmula de rotina. **Modalidade:** exclamativa com entonação descendente da fala para demonstrar tristeza e ascendente para demonstrar ironia. **Expressividade/índice temático**: solidariedade, desculpas e ironia. **Registro:** Culto. **Variantes**: sinto muitíssimo, foi mal. **Exemplo(s)**: 1) *Sinto muito, Gabriela, eu não sou fornecedor* (DBF_2013.pdf dicionario Jose Pereira.txt). 2) *Sinto muito, mas chorar não posso*. (DBF_2013.pdf dicionario Jose Pereira.txt.).

Ao longo do desenvolvimento desta investigação, tornou-se cada vez mais claro o fato de que os pragmatemas são amplamente utilizados, constantemente produzidos, ressignificados ou renovados e, com isso, consideramos a necessidade de se empreender novas buscas, seja para investigar a frequência com que ocorrem, o grau de variedade a que podem se submeter sem que tenham o sentido alterado, os fatores que favorecem a criação constante de novos pragmatemas ou o desaparecimento de alguns, entre outros aspectos instigantes.

Pensando, então, na ideia de disponibilizar eletronicamente os dados levantados nesta pesquisa, o Programa Lexique Pro apresenta-se como uma opção a ser considerada, pois possui as ferramentas necessárias e adequadas para esse empreendimento, visto que, de acordo com a apresentação em seu *site* (www.lexiquepro.com), é um dicionário interativo e projetado para exibir os dados em formato fácil de se manipular. As entradas lexicais são exibidas em lista ordenada no lado esquerdo da tela e tem-se acesso a elas clicando sobre a letra do alfabeto correspondente. Nele podem ser construídos *hiperlinks* relacionando as entradas a sinônimos, variantes, morfemas, entradas principais, referências cruzadas e subentradas. Além disso, ele possibilita o acesso por categorias para se obter uma lista de palavras relacionadas e essa guia é construída tendo por base a informação de domínio semântico no banco de dados. Com isso, é possível visualizar as entradas por categorias. Em

se tratando de recursos midiáticos, ele também oferece a possibilidade de incluir uma ou mais imagens para cada registro, permite reproduzir arquivos de áudio com a pronúncia da entrada lexical, colocação de exemplos, paradigmas e funções lexicais correspondentes. Em virtude de todos esses recursos, reiteramos, esse é um programa a ser considerado quando da elaboração, propriamente dita, do dicionário.

Assim, esperamos, com o resultado desse trabalho e sua continuidade, proporcionar aos estudantes de língua portuguesa um meio prático para desenvolver a competência fraseológica e, consequentemente, comunicativa, utilizando adequadamente esses conhecimentos em situações concretas do cotidiano. Além disso, esperamos contribuir para que professores tenham um recurso eletrônico com o qual poderão, por exemplo, realizar estudos e pesquisas sobre quais pragmatemas podem ser ensinados em cada nível no contexto de ensino de PLE, elaborando, para tanto, material de apoio específico.

Tal realização nos provoca, também, a dar continuidade aos estudos envolvendo as unidades fraseológicas em virtude de reconhecer diversos caminhos a serem percorridos nessa área.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Luís (2001). **A língua portuguesa na galáxia das línguas do mundo e ciberespaço**. Disponível em: <http://www.teiportuguesa.com/webquests> Acesso em: jul. 2007.

ALVARADO ORTEGA, M. B. **Las fórmulas rutinarias en el español actual**. Alicante: 2008.
Disponível em: <rua. ua.es/dspace/bitstream/.../tesis_doctoral_maria_belen_alvarado.pdf> Acesso em: mar. 2012.

BAPTISTA, Lívia Márcia Tiba Rádis. Fraseologia: discurso, interculturalidade e tradução. *In*: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.

BARDOVI-HARLIG, K. E MAHAN-TAYLOR, R. **Introduction to teaching pragmatics**. Disponível em: <http://americanenglish.state.gov/files/ae/resource_files/03-41-3-h.pdf> Acesso em: jan/2014.

BELINKY, Tatiana. Prefácio a esta edição. *In*: SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. São Paulo: Melhoramentos: Editora UNESP, 2004.

BERBER SARDINHA, T. **O que é um corpus representativo?** Local: Editora, data.

BIDERMAN, M.T.C. **Teoria linguística (linguística quantitativa e computacional)**. Rio de Janeiro - São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLANCO, Xavier. Los frasemas composicionales pragmáticos. *In*: HUERTA, Pedro Mogorrón & MEJRI, Salah. **Opacidad, idiomaticidad, traducción = Opacité, idiomaticité, traduction.** Alicant: Encuentros Mediterráneos/Rencontres Méditeranéennes. Universitat d'Alicant, 2010. v.3.

BONINO, Raquel. I love português. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 24, set. 2007. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11408> Acesso em: nov. 2009.

BORN, Ani Mari Hartz. **A bibliografia de *marketing* nos cursos de publicidade e propaganda...**
Disponível em: <www.espm.br/ConhecaAESPM/.../S2/Ani%20Mari%20Hartz%20Born.pdf> Acesso em: out. 2009.

BREZOLIN, Adauri. **Elogios/respostas a elogios e as fórmulas de rotina**. Disponível em 200.144.182.130/revistacrop/images/stories/edicao02/v02a12.pdf. Acesso em dez/2014.

CHACOTO, Lucília. A produção fraseoparemiográfica. In: ORTIZ ALVARES, Maria Luisa. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia...** Anais - Volume 1/Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

CARDOSO, Ana Maria *et. al*. **Manual Português 12º ano das palavras aos actos.** Edições ASA II S.A. Disponível em: <http://www.esa.esaportugues.com/programa/Lingua/discurso.htm> Acesso em set/2014.

CASTANHO, Maria da Graça Borges; SERPA, Caetano Valadão; SERPA, Maria de Lourdes. **O Ensino da Língua Portuguesa nos EUA...** Disponível em: <www.pwlinstitute.net/.../Portuguese.../Plano%20Global%20-%20PWLI.pdf > Acesso em: out. 09.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORREIA, Margarita. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas... *In*: JÚNIOR, Manuel Alexandre (coord.) **Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio**. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos / FLUL, pp. 73-85, 2008. Disponível em:< www.iltec.pt/pdf/wpapers/2008-mcorreia-lexicon.pdf> Acesso em: dez/2014.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos.** Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CRUZ ESPEJO, Edilberto. **Aspectos generales de la Lexicografía**. THESAURUS. Tomo LIV. Núm. 2 (1999). Disponível em: <cvc.cervantes.es/lengua/.../TH_54_002_054_0.pdf> Acesso em: dez/2013.

CUNHA, Maria Jandyra; SANTOS, Percília. O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE – Bras): a possibilidade... *In*: CUNHA, Maria Jandyra; SANTOS, Percília. **Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (orgs.)**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo.** São Paulo:Ática, 2000.

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE CABO VERDE. **Cultura** em 30/01/09 (148 leituras) Disponível em: <www.embcv.org.br > Acesso em: jan. 2009

EQUIPE ECOVIAGEM. **Estudantes estrangeiros escolhem o Brasil como destino de estudo**. Disponível em: <*ecoviagem.uol.com.br* > Acesso em: out. 09.

ESCOBAR, Gonzalo Águila. Las nuevas tecnologías al servicio de la lexicografía: los diccionarios electrónicos. *In:* **Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística**, Universidad de León, Dpto. de Filología Hispánica y Clásica, 2006. Disponível em: <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas.htm> Acesso em: out. 2014.

FROSI, Vitalina Maria. O provérbio popular: suas interfaces em contexto de línguas de contato. *In*: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.

FIUME, Antonietta. **La definición de las fórmulas rutinarias en los diccionarios...** Disponível em: <cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca.../16_0266.pdf > Acesso em: mar. 2012.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_**Fulgencio**LM_1.pdf> Acesso em maio. 2011.

GANUZA, Paula Romero. La delimitación de las unidades fraseológicas (UF) em la investigación alemana y española. In: **Revista Interlinguística**, nº 17, 2006, p. 905 – 914. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2317697> Acesso em: fev/2012.

GLENK, E. Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais.. *In*:**Revista de estudos germanísticos.** Pandaemonium Germanicum v. 11, p. 189-214, 2007. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlm/alemao/.../site/images/pdf/.../13_EvaGlenk.pdf> Acesso em: fev/ 2012.

GRANNIER, Daniele Marcelle. Perspectivas na formação do professor de português como segunda língua. *In*: **Cadernos do Centro de Línguas**, Volume 4. USP, 2001.

HOUAISS, Antonio Instituto. **Novo Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa**. Editora: Objetiva 2009. Versão monousuário 3.0.

HUELVA UNTERNBÄUMEN, Henrique. Pragmafraseología: aspectos de una teoría... *In:* MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma (org.) **Certas palavras o vento não leva: homenagem ao professor...**– Fortaleza: PAROLE, 2015.

HUMBLÉ, Philippe. O uso de *corpora* no ensino de línguas. Alguns exemplos do português e do espanhol. *In*: Loni Grimm Cabral, Pedro de Souza. (Org.). **Lingüística e Ensino: Novas Tecnologias. Blumenau**, 2001. Disponível em: <www.pget.UFsc.br/publicacoes/professores.php?idpub=57> Acesso em jun. 2013.

IRIARTE SANROMÁN, Á. **A Unidade Lexicográfica: palavras, colocações, frasemas, pragmatemas**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos- Universidade do Minho, 2001. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf> Acesso em: fev. 2012.

KILIAN, Cristiane Krause. **Resenha de** "**Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos"**. ReVEL, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <www.revel.inf.br > Acesso em: mar. 2012.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. *In*: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Vol. III. São Paulo: Humanitas, 2007, p. 295-309.

LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da Língua Portuguesa**. Coimbra: Coimbra Editora, (1984).

LEAL, Maria Auxiliadora da Fonseca. Descrição e análise de algumas unidades fraseológicas presentes... *In:* SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.

LEFFA, Vilson J. **O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira.**

Disponível em: <https://periodicos.UFsc.br/index.php/traducao/article/download/.../6462> Acesso em: mar/2012.

MALAGUTI, Simone. Português versão Exportação. *In:* **Revista Língua Portuguesa**. Edição n° 16, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação.** São Paulo, Ática, 2003 (Série Princípios, 82)

BUGUEÑO, F.; FARIAS, V. S. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. **Estudos da Língua(gem).** Vitória da Conquista, v. 9, n. 1 p. 39-69, junho de 2011.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Gastronomismos linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. *In:* ORTIZ ALVARES, Maria Luisa; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. Fraseologia: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna. V.1 – Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MORAES, Juliana Granço Marcelino de. **Fórmulas de rotina – definição, funções e classificação**. Pandaemonium germanicum 12, 2008, 210-220. – Disponível em: <www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum> Acesso em: jan. 2012.

OLIVEIRA, Michelle Machado de; FAULSTICH, Enilde. Políticas linguísticas: formação histórica e influência do português do Brasil no mundo atual. *In*: **Revista Miscelânea**, Assis, vol.5, dez.2008/maio 2009.
Disponível em: <www.assis.unesp.br/posgraduacao/letras/mis/pdf/v5/**michelle**.pdf > Acesso em: out 2009:

OLIMPIO DE OLIVEIRA SILVA, Maria Eugênia**. Cuestiones didácticas relacionadas con el tratamiento de la definición lexicográfica...**
Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0619.pdf> Acesso em: fev/2012.

ORTIZ, M. L. A. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações...,** 2000. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada: Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Apresentação ou Entabulando a conversa. In: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.

_____. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia** - Anais - Volume 1 /Campinas, SP : Pontes Editores, 2012.

ORTIZ - ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PENADÉS MARTINEZ, Inmaculada. **La enseñanza de las unidades fraseológicas.** Madrid: Arco/Libros, 1999. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/102776430/La-ensenanza-de-las-unidades-fraseologicas-copy > Acesso em: maio/2013.

PESSOA. Maria do Socorro. Concepções de Linguagem e Políticas Linguístico- Culturais: aproximações e/ou afastamentos na Educação Linguística. In: **Língua Portuguesa e Integração,** 27/09/2007.
Disponível em:<www.oi.acidi.gov.pt/docs/Seminario.../8_Maria_Socorro_Pessoa.pdf>Acesso em: out.2009.

PIETRO, María Jesús Fernandéz. **La enseñanza de la Fraseología: evaluación de recursos y propuestas didácticas**. 2004.
Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0347.pdf > Acesso em jun. 2013.

PONTES, Antonio Luciano. Fraseologia em dicionários escolares brasileiros. In: **Revista de Letras** - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011.
Disponível em: <rl30art14_fraseologia_em_dicionarios_escolares. pdf > Acesso em: 2012.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho. **A Lingüística de Corpus para a descrição de idiomatismos**. Disponível em: <http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiengtlex/pdf/resumos/tatiana_Carvalho_Zavaglia.pdf > Acesso em: abril de 2013.

_____. **A descrição de idiomatismos nominais: proposta fraseográfica português-espanhol**. Tese de Doutorado. São José do Rio Preto:[s.n.], 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100099/rios_thc_dr_sjrp.pdf?sequence=1 >

_____. A descrição dos idiomatismos à luz da Fraseografia contemporânea. In: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.

RIOS, Tatiana Helena Carvalho e XATARA, Claudia Maria. **A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática.** Disponível em: <www.gel.org.br/...2005/.../a-elaboracao-de-um-dicionario-1349.pdf?.. > Acesso em jun/2012.

RIVA, H. C. A neologia fraseológica na língua portuguesa do Brasil. In: SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012.

RIVA, H. C.; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. **Correspondência Idiomática Intra e Interlínguas**. Disponível em: <acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/.../S1984-63982002000200006.p... > Acesso em: set. 2011.

RUIZ GURILLO, L. (1998b): **La fraseología del español coloquial**. Barcelona, Ariel.
Disponível em
https://www.academia.edu/4078184/Ruiz_Gurillo_L._1998_La_fraseolog%C3%ADa_del_espa%C3%B1ol_coloquial._Barcelona_Ariel Acesso em fev/2012.

SALIBA, Márcia de Carvalho. **Unidade lexicais maiores que a palavra: descrição linguística, considerações...** Dissertação de Mestrado. 2000.

Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24439/D%20-%20SALIBA,%20MARCIA%20DE%20CARVALHO.pdf> Acesso em: maio/2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. [1916] **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2001.

SFAR, Inès. Les énoncés formulaires : contenu pragmatique et problèmes de traduction. Salah Mejri. *A la croisée des mots. Hommages Taïeb Baccouche*, Université de Sousse ; Université Paris 13, pp.313-328, 2007. Disponível em https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00410877, acesso em fev/2012.

SILVA, José Pereira. **Como ficará o Dicionário Brasileiro de Fraseologia**. Anais do I Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Rio de Janeiro, DIALOGARTS; São Gonçalo: CiFEFiL,1998. Disponível em: <www.filologia.org.br/anais_193.html> Acesso em: 2012.

SILVA, Marise Borba da. Introdução à Pesquisa Científica. In: **Introdução à Pesquisa em Educação**. Florianópolis: UDESC, 2002.

SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico das unidades fraseológicas. Revista de Letras - Nº. 28 – Vol. 1/2 – jan/dez. 2006
Disponível em http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf. Acesso em dez/2012.

SILVEIRA, Brenno. **A arte de traduzir**. – São Paulo: Melhoramentos: Editora UNESP, 2004.

TAGNIN, Stella E. O. **O jeito que a gente diz: combinações consagradas em inglês e português**. Barueri, SP: Disal, 2013.

_____. *Corpora on-line.* IN: ***Corpora*** **na Terminologia**. (Orgs) Stella Tagnin e Cleci Bevilacqua. São Paulo: Hub Editorial, 2013.

TRISTÁ, M. A. **Fraseología y contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1988.

VILELA, Mário. **As expressões idiomáticas na língua e no discurso**, 2002. In: Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP, volume 2:159-189. Porto: CLUP. Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7146.pdf> Acesso em: maio 2013.

XATARA, C. M. **Dicionário de expressões idiomáticas.** Disponível em:<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/> 2013. Acesso em: março/2013.

_____. A web para um levantamento de frequência. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística.** Uberlândia: EDUFU, 2008a, p. 770-777. Disponível em: <www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_398.pdf> Acesso em: dez/2012.

_____. **O campo minado das expressões idiomáticas.** *In:* Revista Alfa (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 42 (n.esp.): 147-159,1998.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. *In:* **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, v. 8, p. 183-194, 2002

Disponível em: https://periodicos.UFsc.br/index.php/tradução/article/download/.../5572> Acesso em jun. 2013.

WELKER, Herbert Andreas. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: ORTIZ ALVARES, Alvarez Maria Luisa; UNTERNBAUMEN, Henrique Huelva. (Orgs.) **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia.** – 2. ed. revista e ampliada – Brasília: Thesaurus, 2004. Disponível em: <http://www.pgla.unb.br/hawelker/images/stories/professores/documentos/dicionarios_uma_pequena_introducao__lexicografia.pdf> Acesso em: maio/2013.

_____.**Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros.** MATRAGA, Rio de Janeiro, v. 18, ano, 2006 - pgla.unb.br. Disponível em: <http://www.pgla.unb.br/hawelker/images/stories/professores/documentos/metalex_Matraga.pdf>. Acesso em: maio/2013.

YOSHINO, Yuki. **La enseñanza de las fórmulas rutinarias em el aula de ELE**. Memoria de investigación dirigida por la professora Inmaculada Penadés Martínez. 2008. Disponível em: <www.mecd.gob.es/redele/.../2.../Yuki**Yoshino**.html> Acesso em: ago. 2012.

CONSULTADOS

AALBERSE, Suzanne. Le pronom de politesse uest-il en voie de disparition? In: Maison des sciences de l'homme|**Langage et société** 2004/2 - n° 108 pages 57 à 74. Disponível em http://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2004-2-page-57.htm Acesso em fev/2012.

BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em Lingüística de Corpus com WordSmith Tools.** Disponível em: <sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/13879.pdf>

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil.** São Paulo: Ática, 2002.

MÜLLER, Cornelia; TAG, Susanne**. The Dynamics of Metaphor Foregrounding and Activating Metaphoricity in Conversational Interaction**
Disponível em: file:///C:/Users/lenepin/Downloads/cogsem.2010.6.spring2010.85.pdf Acesso em jan/2014.

FUERTES- OLIVERA, Pedro A.; NIELSEN, Sandro. **Translating Politeness in Bilingual English-Spanish Business Correspondence.** In: Journal Meta, Volume 53, issue 3, septembre 2008, p.667-678 Disponível em: http://id.erudit.org/iderudit/019246ar Acesso em fev/2012.

GROSS, Gaston. **Les expressions figées en français:** noms composés et autres locutions. Paris: Ophrys, 1996.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do**

léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. II. UFMS/UFRGS: Campo Grande/Porto Alegre, 2004.

_____ (2007). O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: Isquerdo, A. N.; Alves, I. M. (Org.). **As ciências do léxico**. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, v. 3, 295-309.

LEW, Robert. How Can We Make Electronic Dictionaries More Effective? In: Granger, Sylviane and Magali Paquot (eds.). **Electronic Lexicography**. Oxford: Oxford University Press.

MANNO, Giuseppe. La politesse et l'indirection : un essai de synthèse. In: Maison des sciences de l'homme|**Langage et société.** 2002/2 - n° 100. Disponível em: http://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2002-2-page-5.htm Acesso em fev/2012.

SELISTRE, Isabel Cristina Tedesco. Dicionários disponíveis *on-line* para aprendizes de inglês: estruturação e recursos. In:**Revista Ciência da Informação.** Brasília, DF, v. 39 n. 3, p.61-72, set./dez., 2010.

ZULUAGA, Alberto. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. In: © **PhiN 1. April 2001**. [67–83] Disponível em http://web.fu-berlin.de/phin/phin16/p16i.htm Acesso em fev/2012.

APÊNDICE A

LISTA DOS PRAGMATEMAS EXTRAÍDA DA BASE DE DADOS

1. A conta, por favor!
2. A linha está ocupada!
3. A palavra é sua!
4. A paz de Cristo
5. A que se deve isso?
6. A reunião está encerrada!
7. Abram alas
8. Acesso exclusivo a
9. Aguarde na linha, por favor!
10. Aguenta as pontas
11. Ainda bem!
12. Aleluia!
13. Alguém ligou?
14. Algum recado?
15. Amém Jesus
16. Ande logo!
17. Antes tarde do que nunca!
18. Aqui está!
19. As damas primeiro...
20. Assim espero!
21. Assim seja
22. Assunto meu!
23. Até amanhã
24. Até aqui
25. Até logo
26. Até mais
27. Até mais tarde
28. Até qualquer hora!
29. Até um próximo encontro!
30. Atenção, por favor!
31. Azar o seu!
32. Bela jogada!
33. Bem capaz!
34. Bem feito
35. Bico calado!
36. Boa coisa não é
37. Boa- noite
38. Boa sorte
39. Boa- tarde
40. Boa viagem!
41. Bom apetite
42. Bom carnaval!
43. Bom-dia
44. Bom divertimento!
45. Bom te ver!
46. Bons sonhos!
47. Cai fora!
48. Cale a boca!
49. Calma aí!
50. Cara ou coroa?
51. Chega de papo!
52. Chegou com tudo!
53. Claro que não!
54. Com licença
55. Com o maior prazer
56. Com o quê!
57. Com quem você pensa que tá falando?
58. Como assim?
59. Como é?
60. Como é que é?
61. Como eu ia dizend...
62. Como quiser
63. Como tem passado?
64. Como vai essa força?
65. Como vai?
66. Como você ousa?
67. Como você quiser
68. Conte comigo!
69. Corta essa!
70. Cuidado com o degrau!
71. Da mesma forma!
72. Dá na mesma!
73. Dá um tempo!
74. Dá um toque pra ela
75. Dá-lhe!
76. Dane-se!
77. Daqui para frente
78. Dar ouvidos
79. De jeito nenhum!
80. De nada
81. De primeira
82. Deixa comigo
83. Deixa de bobagem!
84. Deixa eu ver
85. Deixa pra lá!
86. Desculpa qualquer coisa
87. Desculpe, foi engano!
88. Desgraça pouca é bobagem!
89. Deus me livre!
90. Deus queira
91. Podia dormir sem essa
92. Droga!
93. Durma bem!
94. E agora?
95. E aí?
96. E como!
97. E daí?
98. É muita gentileza sua!
99. É muito gentil de sua parte
100. É novidade!
101. E ponto final!
102. É por minha conta!
103. É pra já!
104. É pra mim que você vem contar?
105. E pt saudações!
106. É só isso!
107. É tiro e queda!
108. É toda sua!
109. E você acha que eu não sei?
110. Ele não é ninguém
111. Em cima da hora!
112. Em que posso ajudar?
113. Em que posso servi-lo?
114. Em que posso servir?
115. Enfim, sós!
116. Era só o que faltava!
117. Escuta essa
118. Espera aí!
119. Espera só, pra ver
120. Espero não estar incomodando!
121. Espero que se divirta!
122. Essa é boa!
123. Essa é demais!
124. Essa é que são elas
125. Está careca de
126. Está entendendo?

127.Está servido?
128.Está tinindo
129.Estimo melhoras
130.Estou com saudades de você!
131.Estou falando sério!
132.Estou lhe dizendo...
133.Eu adoraria!
134.Eu entendo!
135.Eu não disse?
136.Eu não mereço passar por isso!
137.Eu não quero incomodar
138.Eu que o diga!
139.Eu que sei...
140.Eu quero bis!
141.Eu vos declaro marido e mulher!
142.Eu, hem?!
143.Faça como quiser!
144.Faço questão!
145.Fala, meu anjo
146.Falando no diabo...!
147.Fale com o motorista somente o indispensável
148.Falou e disse
149.Faz favor!
150.Feliz aniversário!
151.Feliz ano novo
152.Feliz da vida
153.Feliz Natal
154.Feliz páscoa
155.Fica a seu critério!
156.Fica na tua!
157.Fique à vontade!
158.Fique com o troco
159.Foi bom falar com você!
160.Fora de sério
161.Graças a Deus
162.Grande coisa!
163.Haja fôlego
164.Haja paciência
165.Homens trabalhando
166.Imagina o que eu senti!
167.Impressão sua!
168.Incômodo nenhum!
169.Isso é o que importa
170.Isso não vai ficar assim!
171.Isto é
172.Já estou indo!
173.Já não era sem tempo
174.Já tenho compromisso
175.Já vai tarde!
176.Juro por Deus!
177.Mais sorte na próxima
178.Mãos ao alto!
179.Mãos pra cima!
180.Mas menino
181.Me alegra muito te ver
182.Me aparece cada uma
183.Me deixem em paz!
184.Me desculpe!
185.Me empresta o fogo?
186.Me perdoa!
187.Melhor para você!
188.Meta-se com a sua vida!
189.Meu Deus
190.Meus parabéns!!
191.Meus pêsames!
192.Muitas felicidades
193.Muito bem!
194.Muito gentil de sua parte
195.Muito obrigado
196.Muito prazer
197.Na boa!
198.Nada a declarar!
199.Nada disso
200.Nada feito!
201.Não acredito!
202.Nao ata nem desata
203.Nao bastasse
204.Não bate bem da bola
205.Não brinca!
206.Não caia nessa
207.Não conte comigo!
208.Não dá
209.Não desista!
210.Não diga!
211.Não é à toa
212.Não é bem assim
213.Nao é besta
214.Não é de hoje
215.Não é de nada
216.Não é mais aquele(a)
217.Não é o que você tá pensando
218.Não é possível!
219.Não é pra menos
220.Não é que
221.Não encha minha paciência
222.Não enche o saco!
223.Não está com nada
224.Não faz mal
225.Não fica assim
226.Não foi nada
227.Não foi tão ruim assim
228.Não há de quê!
229.Não me diga!
230.Não passa de
231.Não perturbe
232.Não pode ser
233.Não pode ser verdade
234.Não quero dar uma de...
235.Não quis magoar
236.Não se atreva!
237.Não se mexa!
238.Não sei que
239.Não sei, não
240.Não seja infantil
241.Não te devo satisfação!
242.Não te mete!
243.Não tem de que
244.Não tem erro!
245.Não tem esse
246.Não tem mas nem meio mas
247.Não tem nada a ver!
248.Não tem preço
249.Não tenha pressa!
250.Não tenho nada a ver com isso!
251.Não ter nada que
252.Não ter pra ninguém
253.Não tire conclusões apressadas!
254.Não tô nem aí!
255.Não vá nessa
256.Não vale de nada
257.Não vejo a hora
258.Não vem que não tem
259.Não viaja!
260.Né mesmo?
261.Né não?
262.Nem bem
263.Nem ligo!
264.Nem mesmo

265. Nem morto!
266. Nem por isso
267. Nem sequer
268. Nenhuma reclamação da minha parte
269. Nos conformes
270. Nos trinques
271. Numa boa
272. Numa legal
273. Nunca pensei!
274. O almoço está servido
275. Ó de casa!
276. O gato comeu sua língua?
277. O jantar está na mesa
278. O jantar está servido.
279. O prazer é todo meu
280. O que é que é isso?
281. O que é que você acha?
282. O que é, o que é?
283. O que eu tô querendo dizer
284. O que há mais pra dizer?
285. O que você está fazendo aqui?
286. O que você pensa que eu sou?
287. O que você quer dizer com isso?
288. O senhor é que manda!
289. Ô vida!
290. Olá!
291. Olha o roto falando do esfarrapado!
292. Olha quem tá falando!
293. Olhe quem está aqui!
294. Ora essa!
295. Ora, vejam só
296. Ouça essa!
297. Outra hora a gente se vê
298. Para encurtar a história...
299. Para não dizer
300. Pare com isso!
301. Parece que
302. Passagem obrigatória!
303. Pelo amor de Deus!
304. Pera aí
305. Pisei na bola
306. Pode crer!
307. Pode deixar, eu atendo!
308. Pode falar!
309. Pode sentar!
310. Pode ser?
311. Podes crer!
312. Pois é...
313. Pois não!
314. Pois sim
315. Por aqui, por favor!
316. Por esta, não esperava
317. Por falar em
318. Por favor
319. Por que não?
320. Posso entrar?
321. Posso interromper?
322. Poucas e boas
323. Pra que isso?
324. Pra quê?
325. Prazer em conhecer!
326. Prazer em vê-lo!
327. Presta atenção!
328. Prezado senhor
329. Primeiro de abril!
330. Problema teu
331. Proibido buzinar
332. Proibido estacionar
333. Proibido fumar
334. Proibido uso de
335. Qual é a próxima?
336. Qual é a sua?
337. Qual é o problema?
338. Qual é?
339. Qual o que!
340. Quantas vezes já lhe disse?
341. Quanto é?
342. Que absurdo!
343. Que assim seja!
344. Que besteira!
345. Que bicho te mordeu?
346. Que bom!
347. Que desastre!
348. Que diabos
349. Que droga!
350. Que é isso!
351. Que é isso, rapaz
352. Que é que é?
353. Que esta data se repita por muitos anos
354. Que há de novo?
355. Que história é essa?
356. Que história!
357. Que horror!
358. Que humilhação!
359. Que inferno!
360. Que isso lhe sirva de lição!
361. Que merda!
362. Que ótimo!
363. Que pena!
364. Que que é isso?
365. Que que há?
366. Que que tem?
367. Que tal
368. Que vença o melhor!
369. Que vergonha!
370. Queira desconsiderar!
371. Queira Deus
372. Quem dera
373. Quem disse?
374. Quem está falando?
375. Quem me garante?
376. Quem sabe
377. Quer apostar?
378. Quer casar comigo?
379. Quer deixar recado?
380. Quer dizer
381. Quer saber?
382. Quero é ver!
383. Sabe da última?
384. Sabe de uma coisa?
385. Sabe o que é?
386. Sai dessa
387. Santo Deus!
388. Se Deus quiser
389. Se entregue!
390. Se manda!
391. Se toca!
392. Se você não se importa...
393. Sei lá...
394. Sei muito bem
395. Seja como for
396. Seja lá qual for
397. Sem comentário!
398. Sem dúvida
399. Sem essa
400. Sem mais para o momento...
401. Sinto muito!
402. Sirva-se!

403.Só Deus sabe!
404.Só faltava essa!
405.Socorro!
406.Sorte sua!
407.Sou-lhe imensamente grato
408.Suma daqui!
409.Tá bom
410.Tá combinado
411.Tá entendendo
412.Tá o máximo!
413.Tá pensando que eu sou bobo?
414.Te amo!
415.Te esconjuro!
416.Te peguei, né malandro!
417.Te vejo amanhã
418.Tempo esgotado!
419.Tenha a bondade
420.Tenha ânimo!
421.Tenha calma!
422.Tenha cuidado!
423.Tenha paciência!
424.Tenha um bom dia
425.Me tira dessa
426.Tire as mãos daí!
427.Tô boba!
428.Tô com pena
429.Tô estarrecida!
430.Tô muito bem
431.Tô nem aí
432.Tô perdido!
433.Tô por aqui com isso!
434.Tô pouco ligando
435.Tô sabendo!
436.Tomara que não!
437.Tomara que sim!
438.Torça por mim
439.Tudo bem
440.Tudo bem?
441.Tudo bom
442.Tudo de bom
443.Tudo em ordem
444.Tudo pronto?
445.Um brinco!
446.Um brinde!
447.Um momentinho só
448.Uma salva de palmas
449.Vá com calma!
450.Vá contar pra outro!
451.Vá em frente!
452.Vá por mim!
453.Vai dar rolo
454.Vai dar tudo certo
455.Vai entender...
456.Vai nessa
457.Vai por mim!
458.Vai se danar!
459.Vai te catar!
460.Vai tirar o pai da forca?
461.Valha-me Deus
462.Vamos e venhamos
463.Vamos embora!
464.Vamos lá!
465.Vamos nessa!
466.Vamos pôr em pratos limpos
467.Véi, na boa
468.Veja bem
469.Veja lá como você fala!
470.Vira essa boca pra lá!
471.Vira, vira, vira, vira... Virou!
472.Vira e mexe
473.Viva os noivos!
474.Você disse tudo!
475.Você é meu convidado!
476.Você é quem manda!
477.Você gostaria de
478.Você não pode perder!
479.Você não tem saída!
480.Você por aqui?
481.Você que se cuide
482.Você se incomoda de
483.Você tá bem?
484.Você tá doido?
485.Você tá louco!
486.Você tá louco?
487.Você tá ouvindo?
488.Você tem toda razão!
489.Você vai ver
490.Volte quando quiser
491.Volto já!
492.Vou chamar!
493.Vou torcer por você
494.Vou ver se ele está
495.Na verdade...
496.Tá daqui, ó!
497. E por que não?
498.Deus do céu!
499. Meu Deus do céu!
500.Em off
501.É isso!
502.Impressão minha ou...
503.Um luxo!
504.Deixe-me apresentar
505.Gostei de você
506.É pra já!
507.É o jeito, né?
508.Vocês podem não acreditar, mas...
509.Pra começar, meu nome é...
510.Vai lá, né?
511.Não foi fácil!
512.Aí, sim!
513.Agora sim!
514.Vocês não vão acreditar
515. Você faz o seguinte
516.Me conta logo
517.Mandou ver

APÊNDICE B

Excerto da base de dados

Seq	Expressao	Registro	Sentido	Contexto
1	A conta, por favor!	Coloquial e culto	Pedido para que o responsável apresente a conta a ser paga.	Usada em qualquer local onde foi oferecido um serviço e, ao final, solicita-se o valor devidamente calculado para ser pago.
2	A linha está ocupada!	Culto	A ligação telefônica não pode ser realizada porque há outra pessoa usando o aparelho telefônico naquele momento.	Em qualquer situação que se queira estabelecer contato via telefone, mas a conexão não está disponível no momento por haver outras pessoas usando o telefone.
3	A palavra é sua!	Coloquial e culto	É concedido um tempo para que a pessoa possa falar. Oportunidade para que alguém faça uso da palavra. Transferência de turno numa conversa.	Em situações onde é permitido que alguém fale, por um momento, sobre algum assunto.
4	A paz de Cristo!	Coloquial e culto	Saudação dirigida a uma pessoa, desejando que ela sinta ou tenha a paz de Cristo.	Ao encontrar-se com pessoas já conhecidas e que professam a mesma religião; ao ser apresentado às pessoas que também professam a mesma fé ou religião.
5	A que se deve isso?	Culto	Pergunta dirigida a alguém para saber o(s) motivo(s) de algo que aconteceu.	Em situação que a pessoa, não entendendo o porquê de algo que aconteceu, pede explicações sobre o que motivou o ocorrido.
6	A reunião está encerrada!	Culto	Anúncio de que a reunião chegou ao fim.	Ao final de uma reunião para que todos saibam que esta chegou ao fim, não havendo mais nada para tratar.
7	Abram alas!	Coloquial e culto	Pedido para que a passagem seja aberta e a pessoa possa passar com facilidade.	geralmente, em tom de brincadeira e cantarolando o trecho "Ô abre alas que eu quero passar" da marchinha de carnaval de Chiquinha Gonzaga, a fim de passar em algum lugar que está muito cheio e apertado

Seq	Expressao	Registro	Sentido	Contexto
8	Acesso exclusivo a	Culto	Apenas pessoas autorizadas têm permissão para entrar.	usada de forma escrita, afixada em local específico de trabalho, para impedir a entrada de pessoas não autorizadas ao serviço.
9	Aguarde na linha	Culto	Ordem para que a pessoa continue esperando ao telefone até que alguém possa atender.	Ao fazer uma ligação telefônica e a pessoa com quem deseja falar ainda não está disponível para atender.
10	Aguenta as pontas	Coloquial	Pedido para que a pessoa tenha paciência e espere um pouco mais.	usada quando se quer incentivar uma pessoa a esperar um pouco mais, embora já tenha esperado bastante por alguém ou por algo.
11	Ainda bem!	Coloquial e culto	Alívio por algo que parecia ser/estar muito ruim, mas afinal deu tudo certo .	Quando havia pressentimento ou expectativa de que algo não ia sair bem, mas que afinal deu tudo certo.
12	Ainda vai?	Coloquial e culto	Repreensão/censura por algo que a pessoa insistiu em fazer ou dizer, mesmo sendo alertado de que não devia, e não se saiu bem.	
13	Aleluia!	Coloquial e culto	Expressa alegria e alívio porque algo que esperava deu certo.	Quando as expectativas são satisfeitas porque tudo dá certo. Interjeição de reprovação (alguém chega mt atrasado)
14	Alguém ligou?	Coloquial e culto	Pergunta para saber se houve alguma ligação telefônica e, ao mesmo tempo, espera que a pessoa revele quem efetuou a chamada.	Quando
15	Algum recado?	Coloquial e culto	Pergunta se há alguma mensagem deixada por alguém.	Depois de ter saído e voltado, indaga se alguém ligou e deixou recado ou se alguém, que também saiu ou vai sair, deixou ou vai deixar algum aviso, recomendação ou mensagem para si ou para outra pessoa com quem vai ter contato.
16	Amém, Jesus!	Coloquial	Expressa a alegria diante de algo que deu certo para si ou para outros.	

Seq	Expressao	Registro	Sentido	Contexto
17	Anda logo!	Coloquial	Ordem dada a alguém para que se apresse a concluir o que tá fazendo.	Usada em qualquer situação em que é necessário concluir determinada ação com mais rapidez.
18	Antes tarde do que nunca!	Coloquial e culto	Expressa resignação por receber algo que esperava há muito tempo.	Quando recebe algo esperado há muito tempo e que já não imaginava receber mais.
19	Aqui está!	Coloquial e Culto	Apresentação material de algo ou alguém. Expressa alegria ao encontrar o que ou quem estava procurando.	Usada quando se encontra algo ou alguém naquele local e momento depois de ter procurado. Também se usa quando se vai demonstrar alguma coisa ou quando se entrega algo que foi pedido.
20	As damas primeiro...	Coloquial e Culto	Passagem livre para as mulheres antes dos homens.	Usada quando homens gentilmente favorecem a passagem das mulheres antes deles próprios.
21	Assim espero!	Coloquial e Culto	Expressa desejo de que algo aconteça como esperado.	Usada como reforço à fala de alguém que expressa um desejo e com ela concorda quanto ao resultado, tanto bom quanto ruim.
22	Assim seja!	Coloquial	Expressa o desejo de que algo realmente aconteça como se espera. Expressa também alegria por algo que deu certo. (Ver amém, Jesus)	Usada quando uma pessoa se solidariza com outra, aprovando um desejo que foi expresso e também quando alguém anuncia que algo aconteceu como esperava.
23	Assunto meu!	Coloquial e Culto	Declaração para que ninguém se intrometa para resolver uma situação que só diz respeito àquela pessoa e que, portanto, cabe somente a ela resolver.	usada para dispensar a ajuda de alguém que procura ajudar a resolver uma determinada situação problemática, não dando chance para que a pessoa não insista.
24	Até amanhã	Coloquial e Culto	Despedida da pessoa com a certeza de que a encontrará no dia seguinte	usada para se despedir de uma pessoa quando se tem certeza de que a verá no dia seguinte

Seq	Expressao	Registro	Sentido	Contexto
25	Até logo!	Coloquial e Culto	Despedida da pessoa com a certeza de que a reencontrará em pouco tempo, no mesmo dia ou em breve	usada quando se sabe que reencontrará a pessoa em breve, seja em poucos minutos ou um pouco mais tarde, mas ainda no mesmo dia.
26	Boa noite!	Coloquial e culto	Cumprimento/saudação desejando que a pessoa tenha um tempo agradável durante o período da noite	usada como cumprimento às pessoas, como saudação na abertura de algum evento e também para se despedir no período da noite.
27	Boa tarde!	Coloquial e culto	Cumprimento/saudação desejando que a pessoa tenha um tempo agradável durante o período da tarde.	usada como cumprimento às pessoas, como saudação na abertura de algum evento e também para se despedir no período da tarde.
28	Bom dia!	Coloquial e culto	Cumprimento/saudação desejando que a pessoa tenha um tempo agradável durante o período da manhã.	usada como cumprimento às pessoas, como saudação na abertura de algum evento e também para se despedir no período da manhã.
29	Estou até aqui!	Coloquial e culto	A pessoa chegou ao seu limite de paciência diante de uma situação que a está incomodando.	Usada quando alguém não aguenta mais conter seu desgosto ou irritação diante de algo que a incomoda. Geralmente, falada em tom extremamente agressivo e acompanhada de gesto com os dedos da mão esticados horizontalmente acima da cabeça para indicar o nível

Seq	Expressao	Registro	Sentido	Contexto
30	Meu Deus!	Coloquial e Culto	Expressa surpresa, admiração ou temor através da qual a pessoa se dirige a Deus como seu protetor.	usada quando a pessoa se vê numa situação de desespero, angústia, dor, sobressalto, estranheza, admiração ou surpresa, ou seja pode ser usada para expressar diferentes emoções diante de diversas circunstâncias
31	Muito obrigado!	Coloquial e Culto	Expressa desejo da pessoa de retribuir algo que alguém lhe fez ou desejou de bom ou algo que lhe foi dado como presente.	fórmula usada depois de receber um presente de alguém ou depois que alguém lhe desejou algo de bom ou prestou-lhe um serviço/ favor.
32	Pois não!	Coloquial e Culto	Disposição da pessoa para atender alguém que precisa de algo. Geralmente vem acompanhada da pergunta 'em que posso ajudar?' ou 'posso ajudar?'	usada para recepcionar alguém que entra em um local à procura de alguma coisa, geralmente, quando essa pessoa quer comprar algo em lojas.
33	Pois sim	Coloquial e Culto	Expressa dúvida ou desconfiança sobre alguma coisa que foi dita.	usada de forma irônica depois que alguém fala algo duvidoso, que não merece tanta confiança ou que, pelo menos, precisa tomar cuidado para constatar se não se trata de brincadeira.
34	Por favor	Coloquial e Culto	Apelo que se faz a uma pessoa para que ela, gentilmente, lhe faça algo de que está necessitando. Seguida da expressão né? Indica desagrado diante de um comportamento não aprovado pelo falante.	Expressão de cortesia usada para pedir que alguém lhe faça algo por tê-lo(a) em consideração, ou para amenizar uma ordem. Expressão descortês usada em discussão para mostrar desagrado por algo.

Seq	Expressao	Registro	Sentido	Contexto
35	Que tal?	Coloquial e Culto	Pergunta feita a alguém para saber sua opinião acerca de algo que lhe foi proposto.	usada de maneira interrogativa para pedir a opinião de alguém sobre algo, fazer um convite, dar uma sugestão etc.
36	Sinto muito!		expressa a profunda tristeza que a pessoa sente quando vê alguém sofrendo; quando se arrepende por ter feito algo que não devia ou quando lamenta algo.	usada quando vê alguém sofrer por algo triste que lhe aconteceu ou quando se arrepende por algo que não devia ter feito. Também quando quer ser irônico e expressar que nada pode fazer em relação a algo.
37	você vai ver	Coloquial e Culto	Expressa o desejo de alguém se vingar de outra pessoa que a magoou/feriu. Funciona como uma ameaça por ser a redução da frase "você vai ver o que eu vou fazer para me vingar de você".	usada numa situação em que a pessoa deseja se vingar de outra por algo que esta fez e que a desagradou ou a prejudicou.

APÊNDICE C
PRAGMATEMAS ENCONTRADOS NOS *CORPORA* ONLINE

Aeroplanos

1 Boa noite
2 Quem me dera...
3 Sei lá...
4 Brigada, viu ?
5 Adeus
6 Vocês foram feitos um para o outro (ironia)
7 O que?
8 Por sinal, ele chegou
9 O que foi?

Meia encarnada dura de sangue

1 Pois é
2 E aí? (2 x)
3 Deus me livre
4 O que é o que?
5 Assunto meu
6 Epa! O que é isso?
7 É isso aí. Viu como é que é?
8 Que é que tem melhorar da vida?
9 Não te mete
10 Agora sim
11 Chega de conversa

A cabine

1 Que susto!
2 Hein? Que coisa..
3 Me perdoa que estbanada que sou..
4 É mesmo?
5 Que horror..
6 Que bobagem
7 Você tá ótima (elogio)
8 Aleluia!
9 Com licença sim?
10 Se não for pedir demais...
11 É toda sua, minha senhora
12 O senhor que sabe... Se quiser
13 Dá licença (04 X) Dá licença um instantinho
14 Ô vida
15 Ah, se é assim
16 Nada não.. (deste de falar algo que o outro não entendeu (07 vezes)
17 Pelo menos...
18 Quer dizer...
19 Não tenho nada com isso
20 Faço questão (2x)
21 É muito gentil da sua parte
22 Sem quere abusar (2x)
23 Nada, nada
24 Não é possível (3x)
25 Boa noite (3x)
26 Uma boa noite
27 Bom carnaval
28 Ah sei, amém
29 Meu Deus!
30 Desculpe, sim (7 x)
31 Nã sei o que me deu
32 Eu que devo desculpas!
33 Olha que bobagem!
34 Que bom
35 Muito prazer, meu nome é..
36 A senhora , como se chama?
37 Pois é...
38 Muito obrigado (7 x)
39 Não faz sentido!
40 É muito incômodo
41 Incômodo nenhum
42 Não, de jeito nenhum
43 Sem falar no risco de..
44 Não repara qualquer coisa
45 Fique à vontade
46 Não quero dar trabalho
47 Meus pêsames
48 Tudo bem com você?
49 Tudo ótimo!
50 Algum problema?
51 Que desastre!
52 Não se preocupe com isso
53 Por favor (4X)
54 Você enlouqueceu?
55 Entra, a gente conversa amanhã
56 Tá bem Dirce,
57 Ah, meu Deus.... (desolação)
58 Tomara que não
59 Que pena..
60 É um grande prazer conhecer a senhora
61 É mesmo
62 Eu também gostei de conhecer o senhor
63 Não, a senhora primeiro
64 Tá bem (concordância) (2x)
65 Você tem toda razão
66 Calmo demais para o meu gosto
67 Vou torcer por você
68 Boa sorte
69 Foi um prazer
70 O prazer foi meu
71 Ficou uma beleza
72 Tá tudo bem?
73 Não quero incomodar

Dia de visita

1 Muita sorte (confirmação)
2 Fica na tua
3 Que é isso?
4 Tá bem?
5 Tá inteiro?
6 Nos vamos escapar dessa
7 Porque a surpresa?
8 Olha no meu olho e diz
9 E te manda logo
10 Pra que você quer saber? (2x)
11 Como assim?

12 Esquece.
13 Tá bom (concordância) (2x)
14 E aí?
15 Mas pra tudo tem uma primeira vez (2x)

Jogos do amor e do acaso

1 Como é que é? (2x)
2 Deixa de bobagem
3 Não, sabe o que é..
4 Por favor (2x)
5 Desculpe (3x)
6 A ideia é mais ou menos essa
7 Boa sorte,
8 Mas o que é isso?
9 Não te falei?
10 O que é que eu digo? (3x)
11 Boa noite
12 Que bom que veio
13 Vai por mim! (2x)
14 Ta bom
15 E agora?
16 Deixa eu ver
17 Sei lá..
18 Que horror!
19 Que lindo!
20 Obrigado
21 E aí?
22 Você é louco!
23 Ah, se fosse eu?
24 Quer apostar? (2x)
25 O que é que eu faço?
26 Bom ouvir sua voz
27 Que pena
28 Desus me livre
29 Que sorte!
30 Não falei?
31 Isso não vai dar certo
32 Meu Deus!
33 O que?
34 Prazer, muito prazer (5x)
35 Por que não?
36 Obrigado (2x)
37 Que bonito!
38 Deixa ver
39 Você por aqui!
40 Chegou bem na hora!
41 Nem tanto
42 Que interessante!
43 Tá brincando!?
44 Oi, galera
45 Ó, amizade
46 Nem pensar
47 Tudo bem (concordância)
48 Não vai dar pra tras agora
49 Todo cheio de nove-horas
50 Muito engraçado (ironia)
51 Com licença
52 Tem tudo a ver
53 Pois é
54 Isso é horrível

A cartomante

1 Mas, que horror!
2 Se não me engano
3 Me desculpe o aborrecimento
4 Como é que é, hein?
5 Se me permite...(2x)
6 Pois é (2x)
7 Não faz mal
8 Desculpe (3x)
9 Está bem? (2x)
10 Está bem (resposta)
11 Como você quiser
12 Meu Deus (impaciência) (2x)
13 E daí?
14 O que é que eu fiz?
15 Desse mato não sai coelho
16 Vá para o inferno
17 Não se incomode
18 Por favor (3x)
19 Que se dane!
20 Juro pela minha alma!
21 Me desculpe se lhe ofendi

O amor não tem cor

1 Graças a Deus
2 Oi, tudo bem?
3 IIIh, já sei onde isso vai dar!
4 Aí é que não presta mesmo
5 Fiquem à vontade
6 Oh meu Deus! (3x)
7 Prazer em conhecê-la
8 Me desculpe (3x) Desculpem pelo que..
9 Eu não estou dizendo mesmo?
10 Me perdoem
11 Isso é feio hein? (faz gesto com o dedo indicador como uma mãe fala com uma criança)
12 Era só o que faltava
13 Por favor (3x)
14 Tudo bem (concordância) (2x)
15 Eu queria lhe pedir desculpas
16 Você aceita casar comigo?
17 Eu aceito me casar com você.
18 Muito bonito, hein?
19 Não seja boba!
20 Ora mais essa!
21 Pro seu bem!
22 Você está despedida!
23 É isso mesmo!
24 Quem é você? (arrogância)
25 Peço que me acompanhe até a delegacia
26 O que? (espanto)
27 Onde fui me meter?
28 Como se fosse fácil..

Tudo num dia só

1 Desculpe (7x)
2 Como o senhor é gentil
3 Que que foi?
4 Que vergonha
5 O que?

6 Bem capaz..
7 Tá tá bom
8 Eu te quebro esse galho
9 No que eu puder ajudar
10 Um brinde (2x)
11 Que é isso? (2x)
12 Uma coisa não tem nada a ver com a outra
13 Ah, vai te catar
14 Dá na mesma
15 Que foi?
16 Esquece
17 Não é bem assim..
18 Por favor (2x)
19 Se me permite
20 Que que houve?
21 Boa noite (2x)
22 Faz favor?
23 Boa coisa não é.....
24 Sei lá, deixa pra lá..
25 Sabe comé?
26 Onde é que é moço?
27 Segue aquele carro
28 Vamos lá moço
29 Até a próxima
30 Não enche o saco
31 Como que é?
32 O senhor é quem manda
33 Que surpresa
34 Vamos nessa
35 Ai, que inferno
36 Eu não te devo satisfação!
37 Que bom

Telefonema

1 Olha só!
2 Por favor (5x)
3 Isso é loucura
4 Isso não tem nada a ver
5 Alô, quem fala?
6 Pode falar
7 Que assim seja!
8 Desculpa
9 Deixa comigo!
10 Não se preocupe
11 Ah, tudo bem
12 O que? (espanto)
13 Deseja-me sorte
14 Olha nos meus olhos
15 Quem me dera
16 Me viro
17 Obrigado
18 Afinal de contas..